

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Ana Carla Lenz

**FESTIVIDADES RELIGIOSAS E SOCIALIZAÇÃO EM ESPAÇOS
RURAIS: O CASO DE SILVEIRA MARTINS - RS**

Santa Maria, RS
2020



Ana Carla Lenz

**FESTIVIDADES RELIGIOSAS E SOCIALIZAÇÃO EM ESPAÇOS RURAIS: O
CASO DE SILVEIRA MARTINS - RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração Dinâmicas Territoriais do Cone Sul, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Cesar de David

Santa Maria - RS
2020



Ana Carla Lenz

Festividades religiosas e socialização em espaços rurais: o caso de Silveira Martins - RS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração Dinâmicas Territoriais do Cone Sul, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovado em 22 de janeiro de 2020:

Cesar de David, Dr. (UFSM)
(presidente/Orientador)

Adriana Maria Andreis, Dra. (UFFS)

Natália Lampert Batista, Dra. (UFSM)

Carina Petsch, Dra. (UFSM)

Santa Maria - RS
2020



AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, ao Centro de Ciências Naturais e Exatas - CCNE, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, ao Curso de Geografia Licenciatura Plena e ao Programa de Pós - Graduação em Geografia da UFSM por todo o auxílio.

- Ao meu orientador Cesar De David que aceitou a tarefa de nortear a minha trajetória na pesquisa no decorrer desses dois anos, como muita paciência e delicadeza. Muito obrigada, também, por ter me apresentado a Silveira Martins, pelas risadas e, até mesmos, pelas broncas, as quais eu só entendia que realmente era um puxão de orelha um mês depois.

- A minha banca de defesa Adriana Maria Andreis, Natália Lampert Batista e Carina Petsch, assim como a Daiane Loreto de Vargas. Mulheres extraordinárias, altruístas que se dedicam aos outros focando nas potencialidades e trabalhando as inabilidades sem que os mesmos percebam, muito obrigada, cada uma contribuiu, muito, para a minha evolução como profissional e pessoal.

Para finalizar, agradeço aos meus dois companheiros de vida que embarcaram nessa jornada comigo, Luís Eduardo Silva e Carlos Eduardo Lenz da Silva, grata por estarem sempre ao meu lado, e por terem a paciência de ler e escutar as minhas narrativas repetidas vezes.

Santa Maria, RS.
2020



RESUMO

FESTIVIDADES RELIGIOSAS E SOCIALIZAÇÃO EM ESPAÇOS RURAIS: O CASO DE SILVEIRA MARTINS – RS

AUTORA – Ana Carla Lenz
ORIENTADOR – Cesar De David

Esta dissertação realiza um diálogo sobre as festas para os Santos Padroeiros das comunidades rurais de Silveira Martins, RS. Elas adquirem um caráter de análise porque representam um tempo de rompimento com o cotidiano, de efervescência, de consumo, de vaidade, de cooperação e de competição. O estudo objetivou compreender as dinâmicas das festas para os Santos Padroeiros, entremeadas às permanências e mudanças promovidas pelos migrantes e seus descendentes. Fundamenta-se nas relações existentes nas festas e nas ligações da população local com os lugares da paisagem do município, tendo como base de análise as abordagens do método qualitativo. Os procedimentos metodológicos para a obtenção do acervo de informações seguiram algumas etapas, contudo não estanques e sequenciais, no percurso realizou-se: revisão bibliográfica sobre o conceito de paisagem, de lugar e compreensões acerca da variável ordinal: as festas para os Santos Padroeiros (religiosas e comunitárias); pesquisa exploratória; elaboração do instrumento norteador das entrevistas; análise em campo; tabulação e redação da dissertação. Considerando que a Geografia permite a análise da relação entre os grupos humanos e os ambientes ocupados por eles, este trabalho perpassou a formação paisagística do município, os lugares que compõem as unidades de paisagem: o de moradia, de trabalho e o de fé e socialização que engloba os demais. O patrimônio material e imaterial impressos na paisagem são referências identitárias de sua população, o conjunto formado por esses elementos revelam as dinâmicas sociais do grupo que tem a sua posse e no caso da comunidade de silveirense eles são simultaneamente exibidos nas Festas para os Santos Padroeiros, motivo pelo qual elas atraem consumidores externos. Verificou-se que Silveira Martins foi construída por imigrantes oriundos de regiões agrícolas da Itália e, no presente os descendentes dos desbravadores, a maioria, se mantém no campo, mas com práticas voltadas para o agronegócio. Os saberes e fazeres tradicionais principalmente os gastronômicos são exaltados nas festas para fomentar as lembranças e, também, para ratificar a identidade cultural local, constituída nas bases da cultura italiana e católica, crença hegemônica na espacialidade.

Palavras-chave: Festas de Padroeiros. Rural. Paisagem. Lugar. Religião.



ABSTRACT

RELIGIOUS FESTIVALS AND SOCIALIZATION IN RURAL AREAS: THE SILVEIRA MARTINS CASE - RS

AUTHOR – Ana Carla Lenz
ADVISOR – Cesar De David

This dissertation carries out a dialogue about the festivals for the Patron Saints of the rural communities of Silveira Martins, RS. They acquire a character of analysis because they represent a time of breaking with everyday life, of effervescence, consumption, vanity, cooperation and competition. The study aimed to understand the dynamics of the festivals for the Patron Saints, interspersed with the permanences and changes promoted by migrants and their descendants. It is based on the relations existing in the parties and in the connections of the local population with the places of the municipality landscape, having as a basis of analysis the approaches of the qualitative method. The methodological procedures for obtaining the collection of information were: 1st bibliographic review on the concept of landscape, place and understandings about the ordinal variable: the parties for the Patron Saints (religious and community); 2nd exploratory research; 3rd elaboration of the instrument to guide the interviews; 4th field analysis; 5th tabulation and writing of the dissertation. Considering that Geography allows the analysis of the relationship between human groups and the environments occupied by them, this work went through the landscape formation of the municipality, the places that make up the landscape units: housing, work and faith and socialization that encompasses the others. The material and immaterial heritage printed in the landscape are the identity references of its population, the set formed by these elements reveals the social dynamics of the group that it owns and in the case of the silveirense community they are simultaneously displayed in the Festivals for the Patron Saints, which is why they attract external consumers. It was found that Silveira Martins was built by immigrants from agricultural regions in Italy and, at present, the descendants of the explorers, most of them remain in the countryside, but with practices aimed at agribusiness. Traditional knowledge and practices, especially gastronomic ones, are exalted at parties to foster memories and also to ratify the local cultural identity, constituted on the basis of Italian and Catholic culture, a hegemonic belief in spatiality.

Keywords: Patron Feasts. Rural. Landscape. Place. Religion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estruturação do capítulo: recorte metodológico do estudo.....	19
Figura 2 - Mapa do recorte espacial da pesquisa-Silveira Martins/RS.....	20
Figura 3 - Esquema de procedimentos da pesquisa exploratória.....	21
Figura 4 - Resumo da caracterização da pesquisa	23
Figura 5 - Diagrama da revisão bibliográfica.....	25
Figura 6 - Sequência das indagações no corpo do instrumento norteador da pesquisa ...	26
Figura 7 - Diagrama da dinâmica das entrevistas e número de participantes.....	28
Figura 8 - Mapa de localização da Quarta Colônia de Imigração Italiana – RS.....	31
Figura 9 - Localização de Silveira Martins na Quarta Colônia de Imigração Italiana.....	33
Figura 10 - Mapa ilustrativo da divisão política de Silveira Martins/RS.....	35
Figura 11 - Característica da evolução da população de Silveira Martins/RS.....	36
Figura 12 - Propriedade rural silveirense.....	39
Figura 13 - Pipas de vinho de Val Feltrina - Silveira Martins/RS.....	40
Figura 14 - Antiga Brizoleta - Escola Rural da Linha Seis Norte de Silveira Martins/RS	42
Figura 15 - A carneação comunitária no interior do município de Silveira Martins.....	43
Figura 16 - As mãos que amassam: o saber-fazer tradicional.....	45
Figura 17 - Colcha de bordado Ponto Atrás.....	47
Figura 18 - Lavoura de aveia no município de Silveira Martins	49
Figura 19 - Imagem aérea da Linha Base/localidade Vila Cattani-Silveira Martins.....	50
Figura 20 - Gráfico dos cinco principais cultivos de Silveira Martins – 2017.....	51
Figura 21 - Parreira de Val Feltrina – Silveira Martins	52
Figura 22 - Monumento ao Imigrante em Silveira Martins.....	55
Figura 23 - Cruz branca do Monumento do Imigrante de Silveira Martins.....	56
Figura 24 - Sujeito do campo na colheita do pasto – Val Feltrina/Silveira Martins.....	59
Figura 25 - Consulta popular para investimentos e serviços na Região da Quarta Colônia.....	63
Figura 26 - Morros destacados pelo depoente – Linha Seis Norte –Silveira Martins.....	65
Figura 27 - Tapera localizada na comunidade de Val Feltrina.....	68
Figura 28 - Gruta Nossa Senhora de Fátima – Silveira Martins.....	71
Figura 29 - Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua – Silveira Martins.....	74
Figura 30 - Capitel da encruzilhada de Val Feltrina – Silveira Martins.....	79
Figura 31 - Queimada da vegetação na circunvizinhança do ex-lugar de moradia - Marco 50 - Silveira Martins.....	81
Figura 32 - Espaço de moradia e de trabalho – rural de Silveira Martins.....	82
Figura 33 - Carneação para a festa do Padroeiro São Valentim – Linha Seis Norte/ Silveira Martins.....	84
Figura 34 - Almoço para o Padroeiro da Linha Base – Silveira Martins.....	85
Figura 35 - Produção de pão que antecede a festa de Santa Inês – Linha Duas.....	86
Figura 36 - Divisão hierárquica do ambiente interno do lugar sagrado.....	89
Figura 37 - Imigrantes percorrendo a picada do Pennas - Silveira Martins/RS.....	92
Figura 38 - Imagem de Santa Inês padroeira da comunidade da Linha Dois/ Silveira Martins.....	93
Figura 39 - Print da convocação para assembleia da Paróquia Santo Antônio de Pádua.....	94
Figura 40 - Gráfico da população residente por religião de Silveira Martins.....	95
Figura 41 - Missa para Santa Inês - Linha Duas - Silveira Martins.....	96

Figura 42 - Distância percorrida pelo pároco entre a Paróquia Santo Antônio de Pádua até a Capela da Linha Seis Norte – Silveira Martins/RS.....	97
Figura 43 - O profano em solo sagrado.....	99
Figura 44 - Fotografia da tradicional cuca italiana - Silveira Martins/RS.....	102
Figura 45 - Mulheres na tradicional preparação do risoto - Linha Base.....	104
Figura 46 - Mapa da rota das festas: percurso percorrido pelos fieis durante o ano de 2019.....	109
Figura 47 - Imagem da Nossa Senhora da Saúde - Linha Quatro Norte.....	110
Figura 48 - Almoço da festa para Nossa Senhora da Saúde - Linha Quatro Norte	111
Figura 49 - Comércio na festa religiosa-Linha Quatro Norte.....	112
Figura 50 - Esquema da hierarquia das Instituições da Igreja Católica	115
Figura 51 - Capela da Linha Seis Sul - Silveira Martins – RS.....	116
Figura 52 - Faixa etária dos depoentes da pesquisa	120
Figura 53 - Gráfica das faixas etárias mais expressivas da Figura 52.....	121
Figura 54 - Entendimento do lugar de festa para os Santos Padroeiros de acordo com os participantes da pesquisa	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Festas de Padroeiras(os) de Silveira Martins –RS	27
Quadro 2 - Calendário de Festas para os Padroeiros de Silveira Martins - RS elaborado com base nas entrevistas	106
Quadro 3 - Divisão do trabalho das festas para os Santos Padroeiros – Silveira Martins/RS	119



LISTA DE ABREVIATURAS

APP	Área de Preservação Permanente	69
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	22
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária	49
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura	62
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	34
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas	36
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação	43



LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro norteador das entrevistas.....	132
APÊNDICE B – Quadro representativo dos participantes citados na dissertação.....	133

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	RECORTE METODOLÓGICO DO ESTUDO	19
2.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	20
2.2	IDAS E VINDAS: PROCEDIMENTOS PARA A OBTENÇÃO DO ACERVO DE INFORMAÇÕES	23
3	SILVEIRA MARTINS - TEXTO E CONTEXTOS	30
3.1	DINÂMICA OCUPACIONAL DE SILVEIRA MARTINS	30
3.2	O SABER - FAZER DO RURAL SILVEIRENSE: UM DIÁLOGO	38
4	UM OLHAR PARA A PAISAGEM SILVEIRENSE	48
4.1	AS MODELAGENS PAISAGISTICAS DE SILVEIRA MARTINS: ECONOMIA, CULTURA E RELIGIÃO	49
4.2	CONFLITOS NO CAMPO: “O VELHO E O NOVO” DEPENDEM DO OLHAR	58
4.3	REMANESCENTE E REMINISCÊNCIAS DE UMA PAISAGEM CULTURAL	64
4.4	A RELIGIOSIDADE NA PAISAGEM	69
5	OS LUGARES NA E DA PAISAGEM SILVEIRENSE	77
5.1	OS DIFERENTES LUGARES QUE COMPÕEM O LUGAR DA COMUNIDADE	77
5.2	O MOVIMENTO INTERNO NOS LUGARES DE FESTAS DE PADROEIROS	83
5.3	O LUGAR DO SAGRADO DA FESTA - A CAPELA	87
6	A FESTA - O FENÔMENO NO E DO LUGAR DE FÉ	91
6.1	O FESTEJAR E A SUA CONTEXTUALIZAÇÃO	91
7	COMPREENDENDO OS FESTEJOS: AS CONCLUSÕES	114
	REFERÊNCIAS	124
	APÊNDICES	132
	APÊNDICE A - ROTEIRO ORIENTADOR DAS ENTREVISTAS	132
	APÊNDICE B - QUADRO REPRESENTATIVO DOS PARTICIPANTES CITADOS NA DISSERTAÇÃO	133



1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo cada vez mais conectado, via Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), que está transformando o modo de interação dos seres humanos, suas formas de aprender, de se comunicar e de conviver. Um significativo número de pessoas está migrando dos lugares físicos de socialização, de encontro, de troca, de ensino, de trabalho, de festa, entre outros, para espaços de socialização virtuais. O convívio, nesses espaços, é mediado por dispositivos eletrônicos, favorecendo, por vezes, a descaracterização dos grupos culturais já existentes e, também, o desenvolvimento de um “novo” modelo cultural, o cibernético. Os elementos culturais construídos ao longo do tempo, na interação homem/meio e homem/homem, vão deixando de existir ou ganham nova roupagem na era da informática.

Desta forma, estudar eventos culturais em que os movimentos humanos e seus produtos ainda são necessários, tais como as festas para os Santos Padroeiros, demonstra o quão importante é o convívio sem mediação de aparelhagens, tanto para manutenção dos laços afetivos entre as pessoas, como para a manutenção das paisagens humanizadas e a vida comunitária. Por esse motivo, a presente pesquisa tem as festas para os Santos Padroeiros das áreas rurais do município de Silveira Martins/RS como tema de análise da organização paisagística do mesmo, assim como, das dinâmicas sociais que se desenvolvem na realização dos eventos.

A paisagem silveirense foi eleita porque é composta de elementos culturais, desenvolvidos na interação dos imigrantes italianos e seus descendentes com o grupo étnico e com o espaço geográfico. Cabe destacar que desde os primórdios da história do homem os grupos populacionais migram, esses deslocamentos têm contribuído para a sobrevivência dos seres humanos e de alguns hábitos culturais que são reproduzidos ou reconfigurados em novos espaços. A migração se dá por algumas razões, dentre elas, as questões econômicas, quando o migrante vai à busca de melhores condições de vida, das questões culturais e religiosas, das questões políticas, das questões ambientais, como os desastres naturais entre outras.

O deslocamento de migrantes favorece a transformação das paisagens, na maioria das vezes, por meio da materialização dos hábitos e costumes que nela se estabelecem em formas de lugares de moradia, de trabalho e de socialização, como em Silveira Martins com a chegada dos imigrantes italianos que, por questões econômicas, protagonizaram, junto com outras etnias, um dos grandes fluxos migratórios internacionais, no início do século XIX entre 1815 a 1914, de europeus para a América. (POSENATO, 1983).

Isso se sucedeu em virtude do aumento da industrialização e do êxodo rural que ocasionou o aumento do desemprego, desta forma os governos da Europa incentivaram o deslocamento de grupos familiares para diferentes regiões americanas. Segundo Posenato (1983), aproximadamente 40 milhões de pessoas saíram do continente europeu nessa diáspora. No mesmo período descrito acima, com a independência em 1824, o governo brasileiro para povoar as terras no interior do país, assim como para promover o branqueamento da população, incentivava as correntes imigratórias para o Brasil.

A imigração no Rio Grande do Sul se iniciou por luso-brasileiros, posteriormente por alemães que fizeram o uso das linhas de créditos governamentais, mas com o fim dos incentivos por parte da Alemanha para os seus virem para a América, os olhos se voltaram para a Itália. Os italianos começaram a chegar por volta de 1874, com a instalação das três primeiras colônias na região da serra gaúcha, posteriormente, em 1877 se estabelece o núcleo populacional em Silveira Martins, iniciando uma nova configuração paisagística, marcadas por obras que permitiram a organização, a estruturação e a delimitação do território por meio de fronteiras visíveis (BESSE, 2014).

A colônia Silveira Martins foi fundada em 19 de maio de 1877, por um grupo de 70 famílias. Esse grupo iniciou a sua expedição pela via fluvial até o Rio Pardo, onde desembarcaram e tomaram posse de carretas de boi e cargueiro para seguir viagem, passaram pelo caminho de Pains e pela picada dos Pennas, após 15 dias de peregrinação chegaram ao Barracão dos imigrantes em Val De Buia, onde aguardaram a demarcação e a medição dos lotes coloniais. Em 19 de agosto de 1882, pelo Decreto de Nº 8641/1882, é então criada a Colônia Silveira Martins na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DE SILVEIRA MARTINS - SESM, 2014, p. 6-7).

Com os lotes definidos os grupos familiares deram início à materialização do seu modo de vida na paisagem por meio de lugares (moradia, trabalho, de fé e socialização). Esses três espaços estão intimamente interligados e são os mediadores da vida comunitária, até os dias atuais, as dinâmicas existentes em seus interiores se encontram nas celebrações festivas de caráter religioso e mundano. Neste sentido, a importância da pesquisa está amparada na representação das práticas religiosas no espaço, porque “elas o transformam, assim como modificam o sujeito e seu cotidiano como um todo sistêmico, integrado e em constante movimento” (MARQUES; BRANDÃO, 2015, p. 9). Isso ocorreu e ocorre no município devido os imigrantes italianos que se estabeleceram na região da Quarta Colônia de

Imigração Italiana, terem trazido na bagagem o culto ao catolicismo e o agradecer ao Santo Padroeiro pelas bênçãos alcançadas no ano.

Silveira Martins é um dos municípios da Quarta Colônia que possui um intenso calendário de festas para os Santos Padroeiros, motivo pelo qual foi escolhido para a realização da pesquisa que se caracteriza como qualitativa. Ele foi emancipado em 1987 e leva o título de Berço da Quarta Colônia. Com o passar do tempo, as festas realizadas se tornaram eventos socioculturais de complexidade organizacional que recebem visitantes de outros municípios, consumidores do modo de vida simples do homem do campo, que buscam a desconexão do mundo moderno, fenômeno que fomentou o uso da observação participante como um dos procedimentos metodológicos, visando a descrição do mesmo através das observações *in loco* e, também, por meio das narrativas e relatos dos participantes do evento e da pesquisa.

Os eventos acima citados movimentam massas populacionais, as quais seguem uma verdadeira maratona no percorrer os lugares de festas para os Santos Padroeiros, impressos em unidades de paisagens peculiares, repletas de saberes e fazeres que agitam a vida comunitária e atraem consumidores para si próprios. As festas para os Santos Padroeiros são realizadas em lugares específicos destinados a elas, esses lugares juntamente com o lugar de moradia e de trabalho constituem a paisagem silveirense que revela as dinâmicas ocupacionais do espaço geográfico passadas e contemporâneas. Nesse contexto, justifica-se a pesquisa, pois como Marques e Brandão (2015, p. 9-10) destacam, a Geografia é uma área do conhecimento que estuda o espaço e suas relações. “Ela interliga elementos ambientais, sociais, econômicos, culturais, entre outros”.

Desta forma este estudo é realizado com o intuito de compreender as possíveis relações existentes nas festas para os Santos Padroeiros. As festas adquirem um caráter de análise porque elas representam um tempo de rompimento com o cotidiano, de extravagância, de consumo, de excesso, de vaidade, de cooperação e de competição. São tempos e espaços reguladores da vida social que foram e são impressos na paisagem. Com base nesse pressuposto, o presente estudo contribui para ampliação dos conhecimentos sobre a materialização de representações sociais no espaço geográfico, da religião que constitui um fato social e, também, para a difusão do conhecimento comunitário, pois, “pensar a festa é pensar uma sociedade que se expõe não apenas expressando uma ordem que se sustenta e reproduz no cotidiano, mas também um momento significativo de reafirmação, reconstrução, reinvenção e, até, de subvenção desta mesma ordem” (TOFFOLI, 2004, p.78).

Assim, a pesquisa busca responder a seguinte questão: quais são as relações existentes nas festas para os Santos Padroeiros e suas ligações com os lugares da paisagem de Silveira Martins? Esta questão surge do entendimento de que os lugares simbólicos são criados pela ocupação humana e são neles que o sagrado, como manifestação cultural, afirma-se juntamente com o profano na paisagem (ROSENDAHL, 2018). Desta forma, a paisagem desempenha um papel na aquisição, por cada um, de conhecimentos, de atitudes e de reflexos dos quais temos necessidade para viver e (re) viver em tempos de festas (CLAVAL, 1999). Por esse motivo a hipótese permeia a compreensão de que as festas para os Santos Padroeiros são realizadas para a manutenção dos saberes e fazeres herdados dos imigrantes, infere-se que o que atrai os visitantes para os eventos não é a fé, mas sim as dinâmicas dos lugares da paisagem silveirense, ou seja, ir à festa é um pretexto para consumir e vivenciar um modo de vida com identidade étnica e tida como simples.

A pesquisa aborda a formação paisagística do município de Silveira Martins que ocorreu com a imigração italiana, como já referida, através de lugares. Dentre eles se destaca o lugar de fé e socialização por conter elementos dos demais. Uma vez no ano ele recebe uma festa para o Santo Protetor da comunidade que o construiu, são nelas que a cultura local herdada dos imigrantes como a *cuca*, o *grostoli*, o vinho dentre outras é exaltada, vivida, revivida e comprada por consumidores que buscam experienciar o modo de vida simples do campo. Realizar a descrição das dinâmicas existentes nesses lugares, assim como da formação da paisagem que eles se encontram contribui para a ampliação dos conhecimentos sobre a Geografia da religião, cultural e rural favorece o diálogo tanto no meio acadêmico como social.

A importância da pesquisa também está pautada na difusão de um modo de ser e viver comunitário dos sujeitos do campo, porque os eventos além de servirem de fonte de renda são momentos de confraternização e aprendizagem, por isso são de interesse da Geografia. A corrente que se dedica a estudar as experiências das pessoas e dos agrupamentos humanos em relação ao espaço é a geografia humanista, visando entender seus valores e comportamentos, as três vertentes citadas acima, religiosa, cultural e rural, fazem parte desta corrente o que justifica a importância do trabalho para a ciência geográfica.

Já para a comunidade silveirense o estudo fornece informações e dados que podem contribuir para a elaboração de uma estratégia para desenvolvimento de uma proposta de turismo religioso e rural. Além de colaborar para o despertar de uma sensibilização de valorização da cultura local e da agricultura familiar voltada para a policultura. O estudo

favoreceu a aproximação da mestrandia com a realidade local de uma comunidade cultural que mantém viva suas tradições por meio dos processos de ensino e aprendizagem formal e não formal, o que foi motivador e inspirador para o desenvolvimento de práticas de ensino voltadas para o desenvolvimento local, em qualquer espacialidade, mais especificamente do campo. As dinâmicas das festas demonstraram que os processos de ensino e aprendizagem constituídos de saberes e fazeres locais são importantes para o sentimento de pertencimento ao espaço geográfico, e são eles que fomentam e contribuem para o desenvolvimento local e regional através da cultura.

Para confirmar ou negar a hipótese e responder à pergunta, o objetivo geral visou compreender as dinâmicas das festas para os Santos Padroeiros e sua ligação com os lugares da paisagem de Silveira Martins, entremeadas às permanências e mudanças promovidas pelos migrantes e seus descendentes. Para delimitar, ainda mais o tema, as festas para os Santos Padroeiros de Silveira Martins, foram traçados quatro objetivos específicos, são eles:

1 - Descrever as origens das migrações para Silveira Martins e as heranças que os imigrantes deixaram aos descendentes por meio das festas religiosas;

2 - Analisar o conjunto de elementos paisagísticos que revelam a formação e as transformações ocorridas na paisagem do município de Silveira Martins;

3- Especificar os lugares e suas dinâmicas existentes nas unidades de paisagens silveirenses, sobretudo os lugares de festas e socialização;

4 - Interpretar as festas para os Santos Padroeiros do município, o seu formato e a sua função na paisagem silveirense.

O trabalho foi dividido em seis capítulos e mais a introdução. Nessa é apresentada uma síntese do trabalho e os elementos que nortearam a investigação como: o tema - Festas para os Santos Padroeiros das comunidades rurais de Silveira Martins; os objetivos - geral e específicos; a problemática; a importância da pesquisa e a estruturação do corpo do texto. No 1º, “O recorte Metodológico da Pesquisa”, os métodos de trabalho para a obtenção do acervo de informações são transcritos, desde as leituras da revisão bibliográfica até o trabalho de campo. Como foi elaborado o instrumento norteador das entrevistas e a sua aplicação, assim como a maneira utilizada para o cruzamento das informações apuradas. O 2º, intitulado “Silveira Martins - Textos e Contextos: processo de formação” aborda os fatores que contribuíram para a edificação de Silveira Martins e que continuam favorecendo o desenvolvimento do sentimento de pertencimento entre os mais jovens a comunidade

silveirense, mas, o contrário também é acrescentado, como a descaracterização e a não valorização dos fazeres e saberes locais, por parte de alguns herdeiros.

Já no 3º, “Um olhar para a paisagem silveirense”, prioriza-se a modelagem paisagística articulada com a revisão bibliográfica sobre o conceito. O processo de substituição da policultura pela monocultura. As bases constituintes da mesma cultura italiana e a religião católica e a importância das simbologias culturais e do conhecimento tácito dos ascendentes para a manutenção da identidade cultural local. Alguns conflitos que são estimulados pela modernização da agricultura e as cicatrizes do êxodo rural, também são destacados. No 4º, “Lugares para e de vivenciar”, os lugares das unidades de paisagem de Silveira Martins são trabalhados, mais especificamente o lugar de fé e socialização, o de moradia e o de trabalho com suas especificidades e problemáticas. O conceito de comunidade ganha ênfase por ser o que caracteriza e identifica os grupos de pessoas que têm esses lugares como mediadores da vida individual e coletiva.

E no 5º, “A Festa: o fenômeno do lugar contido na paisagem” dialoga - se acerca das festas para os Santos Padroeiros das comunidades rurais de Silveira Martins, são apresentadas como elementos do patrimônio cultural e religioso que agregam outras simbologias em tempos de festas, as quais dão sentido a elas e atraem consumidores para as mesmas e, para finalizar o capítulo 6º, “Compreendendo os festejos: as conclusões” elencam as conclusões a partir dos objetivos definidos, traz o fechamento do trabalho, focando em confirmar ou negar a hipótese.

2 RECORTE METODOLÓGICO DO ESTUDO

“[...] as pessoas interpretam seu mundo, compartilhando o seu modo de ver com outros que, por sua vez, também interpretam [...]”.
(MOREIRA, 200)

Considerando que a Geografia permite a análise da relação entre os grupos humanos e os ambientes ocupados por eles, este capítulo aborda a metodologia e caracterização do estudo realizado sobre a variável ordinal qualitativa: as festas para os Santos Padroeiros do município de Silveira Martins. Apresenta o alcance longitudinal do problema e a profundidade da pesquisa, além da espacialidade e da temporalidade. Os procedimentos metodológicos para a obtenção do acervo de informações, desde as leituras da revisão bibliográfica sobre paisagem, lugar e as festas religiosas (previamente manifestadas) até, os mecanismos utilizados nos trabalhos de campo estão descritos neste fragmento da dissertação. Outra questão apontada é o caminho para a elaboração do instrumento norteador das entrevistas e a sua aplicação e a maneira com que se sucedeu a escolha dos entrevistados e o cruzamento das informações e dados para a redação final da dissertação. O esquema apresentado na Figura 1 resume a estruturação do capítulo.

Figura 1 - Estruturação do Capítulo: Recorte Metodológico do Estudo

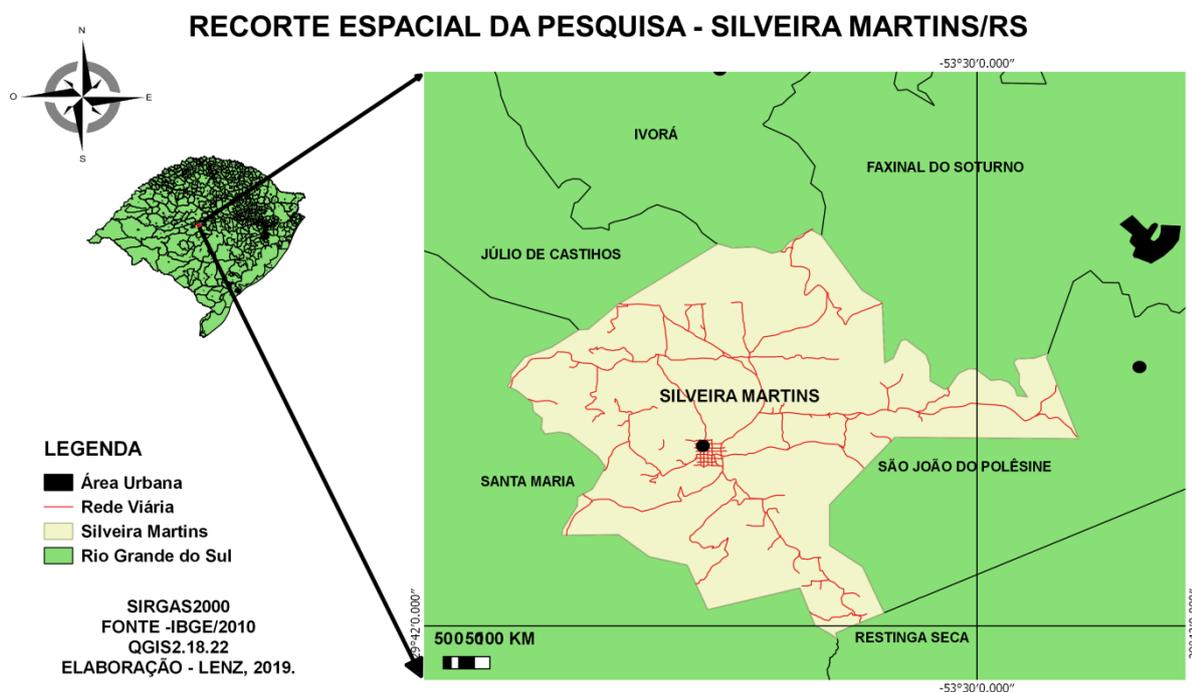


Org.: Autora, 2019.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (1992), permite trabalhar com um nível de realidade que não pode ser quantificado, realçando valores, representações, opiniões e atitudes por isso suas abordagens foram utilizadas para a realização do presente estudo. A fim de iniciar os procedimentos metodológicos, fez-se uso da problemática como o eixo norteador da busca do corpo teórico, utilizado, posteriormente, para orientar e contextualizar o objeto de estudo no tempo e no espaço. Nesse contexto, observa-se que para esta metodologia é importante a delimitação do recorte espacial, ou seja, aos limites do espaço a ser estudado e onde se localiza o tema selecionado [...], e o recorte temporal, que se refere ao momento do tempo no qual se situa nosso tema espacialmente recortado. (CORRÊA, 2003, p. 11-12). Seguindo esta linha de pensamento infere-se que o estudo foi realizado no município de Silveira Martins – RS apresentado no mapa da Figura 2, ao longo do ano de 2018 e 2019.

Figura 2 – Mapa do recorte espacial da pesquisa - Silveira Martins/RS



Org.: Autora , 2019.

Como se pode observar no mapa, os municípios limítrofes de Silveira Martins são: Santa Maria, Júlio de Castilhos, Ivorá, Faxinal do Soturno e São João do Polêsine. Sua espacialidade está entre meridiano -53.600 e o paralelo -29.600.

As festas para os Santos Padroeiros recebem visitantes de todos os fronteiriços. Quanto a variável ordinal qualitativa (as festas para os Santos Padroeiros) foi medida mais de uma vez: antes, durante e depois dos eventos através das observações *in-loco* nos dias de festas, do questionário e do acompanhamento *online* contemplando o alcance longitudinal, respondendo assim, primeiramente o problema da pesquisa caracterizando a investigação como aplicada. Outro elemento que fomenta a ideia desta caracterização é a de que o estudo esteve, durante o processo, subordinando a um financiador, como destaca Patrício et al. (2018), neste caso a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Também possui traços de pesquisa exploratória em virtude de: ter adotado a estratégia de buscar informações prévias, no ano de 2018, sobre a temática (pesquisa literária); por ter realizado sondagens nos lugares, buscando verificar a viabilidade do estudo (pesquisa de experiência) e, ter elaborado métodos para os procedimentos a serem adotados demonstrados no esquema da Figura 3.

Figura 3 – Esquema de procedimentos da Pesquisa Exploratória



Org.: Autora, 2019.

A Figura 3 apresenta a metodologia adotada durante a pesquisa exploratória, primeiro realizou-se revisão bibliográfica e uma pesquisa experiência. Na pesquisa de experiência foram realizadas duas visitas, como consumidora, nas festas da Linha Duas e da Linha Base no ano de 2018, onde se teve o primeiro contato com algumas pessoas envolvidas para averiguar a viabilidade do estudo. Porém, a imersão da autora no contexto das festas para os Santos Padroeiros das comunidades rurais de Silveira Martins para a observação participante, visando interpretar e interagir com o objeto e com o fenômeno ocorreu no ano de 2019, juntamente com início do calendário de festas religiosas da Paróquia Santo Antônio de Pádua apresentado no anexo A.

Foram ao todo 34 dias, em campo em sete eventos, mas toda a movimentação que antecede e sucede as festas foi acompanhada através da adição da pesquisadora no grupo denominado “Caixa da Paróquia Santo Antônio de Pádua”, do aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas *WhatsApp*. A presente pesquisa entende que a ciência é dinâmica e está sempre em processo de mudança, por esse motivo se faz necessário estar atento a novos métodos de captação de informações, como a inserção dos pesquisadores nos espaços virtuais de socialização. A pesquisa exploratória antecedeu o trabalho de campo, favoreceu a aproximação da autora com a realidade e, contribuiu para a visualização e a familiarização da mesma com o objeto de estudo (as festas para os Santos Padroeiros) auxiliando na formulação da hipótese.

Caracteriza-se, também, como descritiva, visto que quando se inicia o trabalho de campo já se tem uma aproximação com o tema proposto, assim, a pesquisa buscou, por meio de uma nova perspectiva relatar as características das festas, dos lugares, da paisagem e, também, as interações dos participantes com esse universo. O estudo assume a forma de um estudo de caso, pois o pesquisador não possui controle sobre o fenômeno e se focaliza em acontecimentos contemporâneos (YIN, 2001).

Além de ser uma investigação abrangente no espaço e no tempo dos lugares por meio da pesquisa de campo, em que a interrogação direta foi materializada por meio de entrevistas semiestruturadas, buscando aprofundar a investigação sobre o fenômeno, mas tomando cuidado para não gerar um grau exagerado de subjetividade. A Figura 4 resume a caracterização da pesquisa.

Figura 4 – Resumo da caracterização da Pesquisa



Org.: Autora, 2019.

A Figura 4 destaca as abordagens da pesquisa qualitativa, com: a observação participante e a inserção da pesquisadora nos processos que antecederam, que ocorreram durante e os posteriores aos eventos; a análise em campo e a descrição dos fatos e dados apurados. Revela, também, que o recorte espacial da pesquisa foi o local e teve o lugar de festa como fonte direta do conjunto de informações e o pesquisador como instrumento-chave. Também se preocupou com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto, além de fazer a análise dos dados indutivamente. Outrossim, teve como principal instrumento de obtenção de informações as entrevistas, que para Moreira (2002, p. 54), podem ser definidas, como: “[...] uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente [...]”. Por isso, conclui-se que a pesquisa assume a forma de uma pesquisa qualitativa.

2.2 IDAS E VINDAS: PROCEDIMENTOS PARA A OBTENÇÃO DO ACERVO DE INFORMAÇÕES

Foi realizada uma revisão bibliográfica para auxiliar na resolução e na contextualização da problemática. Nela se realçou os conceitos de paisagem e de lugar, assim como o entendimento de festas religiosas, correlacionados com outros de menor

expressividade para o estudo. O acervo não procurou apresentar resultados específicos sobre a bibliografia trabalhada, por não ser uma pesquisa bibliográfica, pois, de acordo com Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]”, é exclusivamente de fontes literárias, o que não é o caso do presente estudo, as informações e dados são, também, oriundas das observações em campo e das entrevistas realizadas ao longo do ano de 2019. Desta forma, se conclui que a apuração literária é uma revisão bibliográfica.

Visando a clareza do conceito de paisagem, fez-se uma apuração em algumas obras clássicas, com a intenção de apresentar diferentes olhares para a decodificação da paisagem de Silveira Martins porque se entende que a paisagem é um conjunto complexo e articulado de objetos, motivo pelo qual ocupa na contemporaneidade um lugar decisivo nas preocupações sociais e políticas, como destaca Jean-Marc Besse (2014). Para elucidar melhor o tema, autores contemporâneos também foram explorados, um deles é Roberto Verdum et al. (2016), pois ele busca um entrelaçamento interdisciplinar de olhares para ler e explicar diferentes paisagens.

Para contextualizar “lugar”, as formulações de Saquet (2015) foram importantes. O autor destaca que “[...] o lugar tem centralidade e significa uma condição da experiência humana, que implica em identidades coletivas e individuais” (SAQUET, 2015, p. 109). Ademais, visando um aprofundamento acerca do conceito, além das compreensões atuais, os clássicos como Yi-Fu Tuan (1983) fizeram parte da averiguação. A visão do autor, de que o tempo e o lugar são componentes básicos do mundo das experiências, contribui juntamente com os demais pensadores citados na dissertação, para o entendimento a respeito dos lugares de festas religiosas e comunitárias da paisagem de Silveira Martins, além de favorecer a compreensão do fenômeno e das dinâmicas existentes nele.

Também, fez-se uso de trabalhos de conclusão de cursos, dissertações, teses e artigos científicos das diversas áreas do conhecimento como: Geografia, Antropologia, Sociologia, Economia, Desenho Industrial, Extensão Rural, e outras que abordaram a temática. Algumas das pesquisas buscaram no passado o entendimento do presente e abordaram a temática tanto a nível local como regional, fator que contribuiu para se ter uma visão da evolução dos eventos no espaço e no tempo.

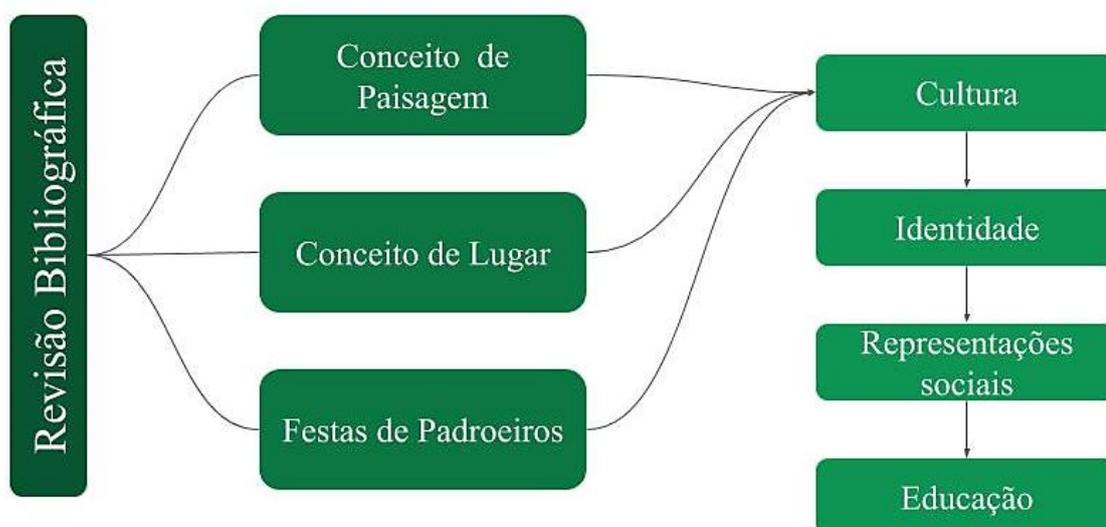
No sentido de entender a dicotomia entre o sagrado e o profano, buscou-se leituras que tratam da temática Festa Religiosa. No acervo se incluiu as reflexões de Zeny Rosendahl (2018), uma vez que a autora observa que a religião é um ato social e por esse motivo é de

interesse da ciência geográfica, além de destacar a espacialização do lugar sagrado e profano e, a difusão espacial da Igreja Católica. Assim como a autora Doralice Sátyro Maia (2003), por estudar a permanência e as transformações dos costumes rurais tais como a: “Vaquejada”, uma festa sertaneja que tem ligação com o calendário religioso, que segue, em muitos momentos, a rotina das festas para os Santos Padroeiros de Silveira Martins.

A revisão bibliográfica atribui à pesquisa conhecimentos produzidos em pesquisas prévias e dá suporte para a contextualização dos lugares de festas religiosas e comunitárias contidos na paisagem de Silveira Martins. Tais espaços são entendidos aqui como unidades de paisagens onde os fragmentos paisagísticos são portadores de elementos culturais de matriz religiosa católica e italiana, exaltados nas Festas de Padroeiros. Desta forma, infere-se que para compreender os processos e as dinâmicas sociais e culturais existentes neles o acervo construído foi fundamental.

Para a resolução do que se propôs a discutir se fez uso de outros conceitos, como: o de cultura, identidade cultural, representações sociais, dentre outros. Os quais estão distribuídos no corpo do texto ou em notas de rodapé. A conversação sobre o levantamento literário foi resumida no diagrama da Figura 5.

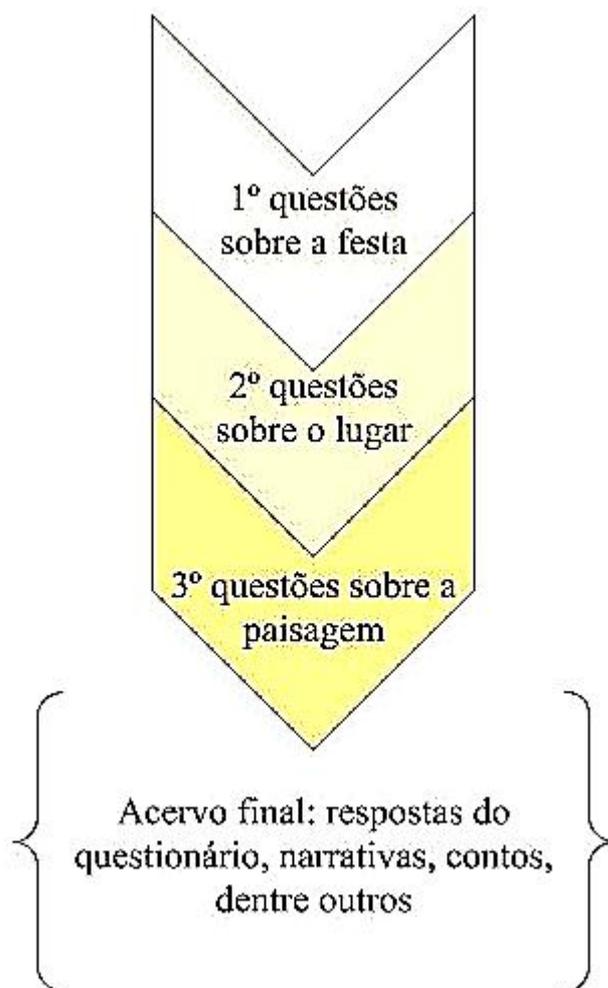
Figura 5 - Diagrama da revisão bibliográfica



Org.: Autora, 2019.

A revisão bibliográfica como apresenta a Figura 5 buscou em três assuntos principais a base teórica e, em quatro conceitos secundários a complementação para eles, assim com uma parte da revisão bibliográfica contemplada, em meados de novembro de 2018, elaborou-se um questionário norteador para as entrevistas a serem realizadas nos lugares de Festas de Padroeiros, nas residências dos membros das comunidades que promovem os eventos e pelo *WhatsApp* ao longo do ano de 2019, o qual está apresentado no Apêndice A. Alguns cuidados foram tomados na formulação, como: a não elaboração de perguntas ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. Também, levou-se em consideração a disposição das mesmas no corpo do questionário, para ter uma sequência lógica durante a conversação destacada na Figura 6, sempre priorizando o pensamento do pesquisado, desta forma obteve-se narrativas naturais.

Figura 6 - Sequência das indagações no corpo do instrumento norteador da pesquisa



Org.: Autora, 2019.

Depois de elaborado o instrumento norteador das entrevistas seguindo a sequência destacada na Figura 6, onde se iniciou com as questões referentes às festas, para, então realizar-se o primeiro contato, em 2019, com a secretaria da Paróquia Santo Antônio de Pádua. Por meio da recepcionista, se teve acesso ao calendário de Festas (anexo A) do acervo de eventos e fez-se uma seleção das festas para os Padroeiros das comunidades rurais de Silveira Martins apresentados no Quadro 1, através das informações fornecidas pela atendente, entrou-se em contato com o primeiro grupo de depoentes, os coordenadores das capelas.

Quadro 1 - Festas de Padroeiras (os) de Silveira Martins -RS

Festas de Padroeiras(os) de Silveira Martins - 2019		
Comunidade	Padroeiro/a	Data
1- Linha Duas	Festa da padroeira Santa Inês	20/01/2019
2 - Linha Seis Norte	Festa do padroeiro São Valentim	03/02/2019
3 - Linha Três Sul	Festa da padroeira N. Sra. Das Graças	07/04/2019
4 - Linha Base	Festa do padroeiro Santo Anselmo	28/04/2019 27/10/2019
5 - Vila Cattani	Festa do padroeiro São Luiz Gonzaga	05/05/2019
6 - Val Feltrina	Festa dos padroeiros São Vítor e Santa Corona	19/05/2019
7 -Silveira Martins (sede)	Festa do padroeiro Santo Antônio	09/06/2019
8 - Val de Buia	Festa do padroeiro São João Batista	23/06/2019
9 - Linha Seis Sul	Festa do padroeiro São Roque	18/08/2019
10 - Pompéia	Festa da padroeira N. Sra. Da Pompéia	08/09/2019
11 - Linha Quarta	Festa de Nossa Senhora da Saúde	17/11/2019

Fonte - calendário de festas da Paróquia Santo Antônio de Pádua - Silveira Martins. Org.: Autora, 2019.

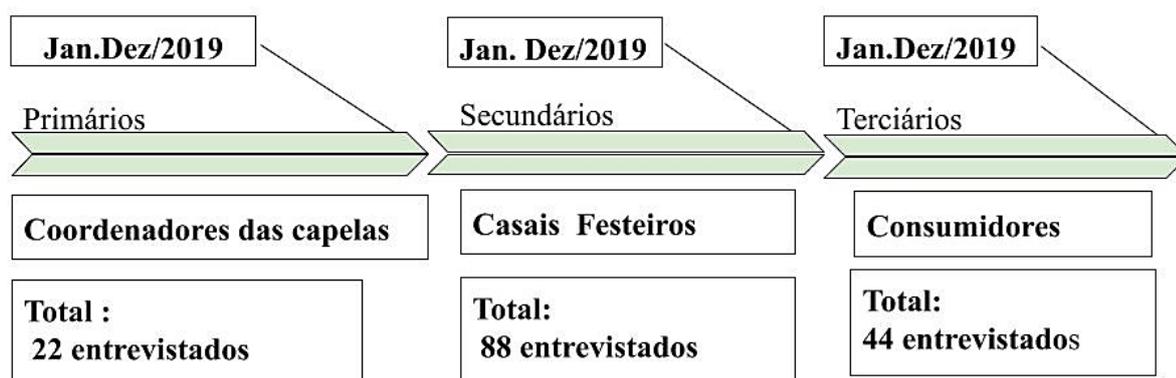
Do Quadro 1 apenas a Festas para o Padroeiro de Val de Buia não ocorreu. De acordo com a secretária da Paróquia e os coordenadores devido a motivos internos da comunidade, neste caso as entrevistas foram realizadas diretamente na residência dos informantes primários

e, não se teve informantes secundários e consumidores. Nas festas das comunidades da Linha Três Sul, Linha Seis Sul e da Linha Pompéia, devido a questões particulares da pesquisadora, as entrevistas ocorreram antes e depois, não sendo realizada com os consumidores.

Cabe destacar que não se fez perguntas diretas, mas sim, semiestruturadas. Boni e Quaresma (2005, p. 68-80) observam que a principal vantagem da semiestruturada é que essa técnica quase sempre produz uma melhor amostra da população de interesse e tem como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, este modelo de questionário favoreceu a interação entre o entrevistador e o entrevistado e a espontaneidade nas respostas.

O procedimento utilizado para a etapa das entrevistas foi o da amostragem autogeradora conhecida como bola de neve que, por meio de uma referência inicial, os depoentes primários, os quais sequencialmente indicaram outros depoentes e assim sucessivamente até ocorrer a repetição de informações, ou seja, a justaposição de aspectos comuns e o ponto de saturação determinado pela pesquisa. As entrevistas iniciavam sempre com os coordenadores das capelas, depois seguiam com membros da comunidade indicados por eles, casais que estavam trabalhando no evento. Durante as festividades, também, se realizou a entrevista com os consumidores do almoço, o diagrama da Figura 7 transcreve a dinâmica dos trabalhos de campo realizados.

Figura 7 - Diagrama da dinâmica das entrevistas e número de participantes



Org.: Autora, 2019.

Como pode ser observado no diagrama da Figura 7 se teve três tipos de participantes: os coordenadores das capelas, os casais que trabalham nos eventos e os que vão para consumir, também, foi realizado nos trabalhos de campo, além das entrevistas, observações *in*

loco. Visto que a pesquisa de campo é considerada um tipo de levantamento que busca a informação diretamente com a população. Ela exigiu um encontro mais direto, uma vez que se frequenta os eventos antes, durante e depois para entender todos os processos. Nesse contexto, José Filho (2006, p. 64) observa que “[...] o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”.

Ele ajuda o pesquisador à “[...] identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (LAKATOS; MARCONI, 1996, p. 79). O conjunto de material apurado, ou seja, as respostas do roteiro de entrevistas, as narrativas, os relatos, os versos, as declamações, as cantigas dentre outros, foram registrados em gravações e em um diário de campo. A comparação entre os dados secundários e os dados primários foi realizada ao término de cada festa/campo método que facilitou a análise final, e também, a redação da dissertação.

A metodologia para compilação e o cruzamento dos dados, seguiu os seguintes passos:

1º - cruzamento do resultado da pesquisa exploratória com o primeiro levantamento em campo se obteve o resultado 1;

2º - cruzamento do resultado 1 com o levantamento do segundo campo se obteve o resultado 2;

3º - cruzamento do resultado 2 com o levantamento do terceiro campo se obteve o resultado 3;

4º - cruzamento do resultado 3 com o levantamento do quarto campo se obteve o resultado 4;

5º - cruzamento do resultado 4 com o levantamento do quinto campo se obteve o resultado 5;

6º - cruzamento do resultado 5 com o levantamento do sexto campo se obteve o resultado 6;

7º - cruzamento do resultado 6 com o levantamento do sétimo campo se obteve o resultado 7, por fim, foi realizado a correlação do resultado 7 com as demais informações adquiridas por outros meios, como: as conversas no grupo do *whatsapp*, nos *sites* oficiais (da Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua e da Prefeitura municipal) e outros visando confirmar ou negar a hipótese. Com o material produzido os esforços se voltaram para construir a estrutura da dissertação.

3 SILVEIRA MARTINS - TEXTO E CONTEXTOS

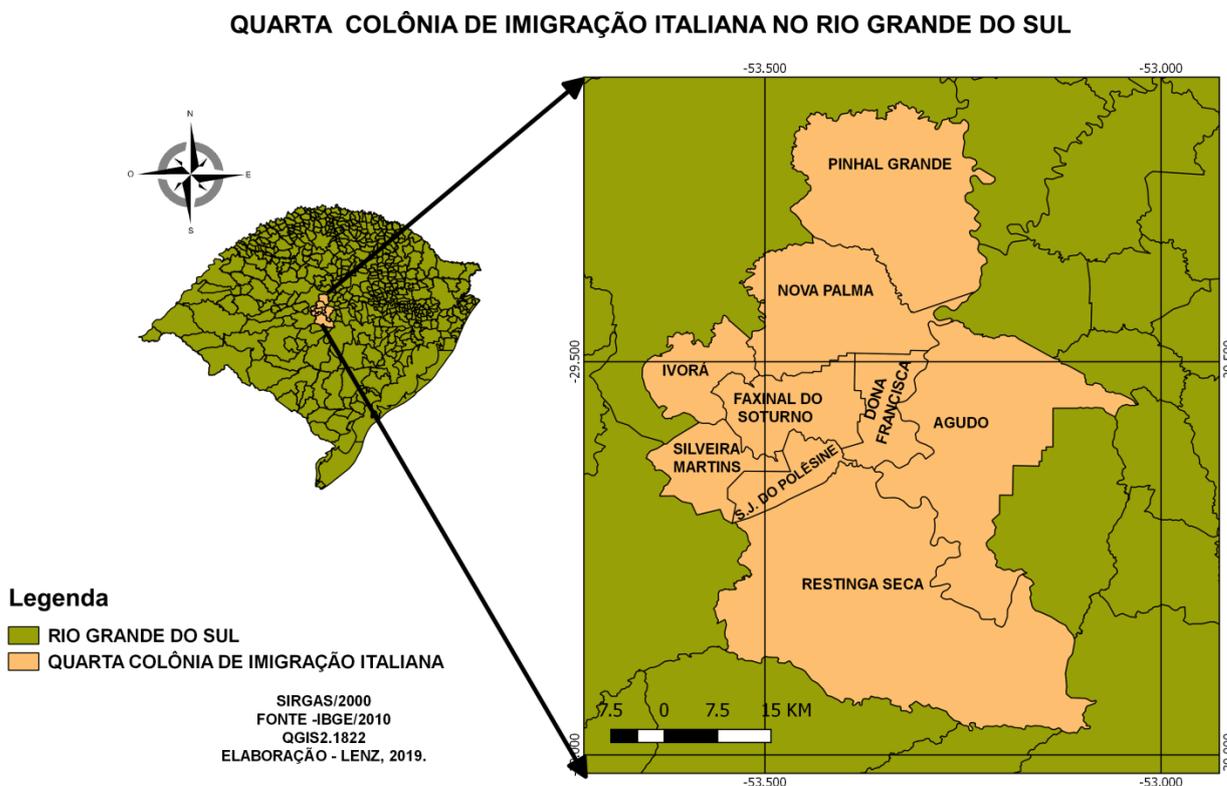
O capítulo traz fatores que contribuíram para a edificação de Silveira Martins; a espacialização dos imigrantes e o porquê emigraram da Itália para o Brasil; a influência da Igreja Católica Apostólica Romana na divisão territorial, na política e na educação da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul e os municípios formados posteriormente ao seu desmembramento. Apresenta também, a localização do município de Silveira Martins em território nacional; alguns elementos identificadores da cultura italiana e cristã impressas pelos imigrantes e seus descendentes no Bioma Mata Atlântica e Pampa; dados geográficos, populacionais e as principais atividades econômicas atuais, conversação importante para embasar os assuntos seguintes.

Os saberes e fazeres das ruralidades desenvolvidas no processo de ocupação das terras silveirense é o assunto do segundo subtítulo. O diálogo vai perpassar a comercialização dos mesmos por meio da agroindustrialização; a beleza cênica dos lugares onde se encontram os elementos tradicionais do campo de Silveira Martins, como: as videiras, uma das ruralidades em processo de extinção, juntamente com o saber-fazer a sangria, o vinho, a cuca e o bordado, assim como o motivo pelo qual estão deixando de serem praticados, ou seja, a falta de descendência para esses conhecimentos herdados.

3.1 DINÂMICA OCUPACIONAL DE SILVEIRA MARTINS

A Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul (antiga Colônia Silveira Martins), apresentada na Figura 8, foi criada na região centro-oeste do Estado, entre Santa Maria e Cachoeira do Sul, fundada em 19 de maio de 1877, com a vinda de imigrantes italianos oriundos das regiões do norte da Itália através do processo de ocupação das terras sulinas no século XIX, proposto pelo Governo Imperial brasileiro, assim como, pela necessidade da Itália em “expulsar” para outros territórios a população expropriada do meio rural e os desempregados citadinos criados pela crise agrícola e urbana. (MANFIO; BENADUCE, 2017).

Figura 8 - Mapa de localização da Quarta Colônia de Imigração Italiana - RS



Org.: Autora, 2019.

O mapa mostra o território ocupado pelos imigrantes italianos à época, na atualidade os municípios que fazem parte da Quarta Colônia de Imigração Italiana são: Restinga Seca, Agudo, Dona Francisca, São João do Polêsine, Silveira Martins, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma e Pinhal Grande. Uma das razões que levaram famílias inteiras migrarem para este espaço geográfico foi à crise urbana italiana, estimulada pela inserção de novas tecnologias movidas a carvão nos modos de produção, promovendo o aumento da industrialização na Europa e provocando a falência de várias pequenas empresas (GIRON; HERÉDIA, 2007).

O país possuía uma grande população na metade do século XIX e poucas áreas cultiváveis, sem ter feito Reforma Agrária, o acesso à terra era difícil, obrigando os homens e mulheres do campo a migrarem para os centros urbanos em busca de trabalho, que já não tinham como absorver tanta mão de obra. O desejo de abandonar seus patrões na Itália para se tornarem autônomos no Brasil, através da agricultura e do comércio, também foi um dos

motivos que levou alguns italianos a saírem de seu país de origem, a maioria deles eram pequenos agricultores, arrendatários e jornalheiros, de acordo com Pazuch (2019), perfil dos colonizadores da Quarta Colônia e reproduzido pelos seus descendentes na atualidade.

O descrito se comprova com as formulações de Saquet (2002). Segundo o autor, os italianos que habitaram a Colônia Silveira Martins eram em sua maioria do norte da Itália, sendo 30,1% de Treviso; 15,6% de Vicenza; 10,8% de Udinese; 10% de Verona; 9,4% de Trento; 7,3% de Mântova; 6% de Belluno e 3,5% de Reggio Nell’Emilia. “Pode-se dizer que isso conferiu uma característica predominantemente agrícola” aos espaços geográficos ocupados por esses grupos populacionais (SAQUET, 2002, p. 38).

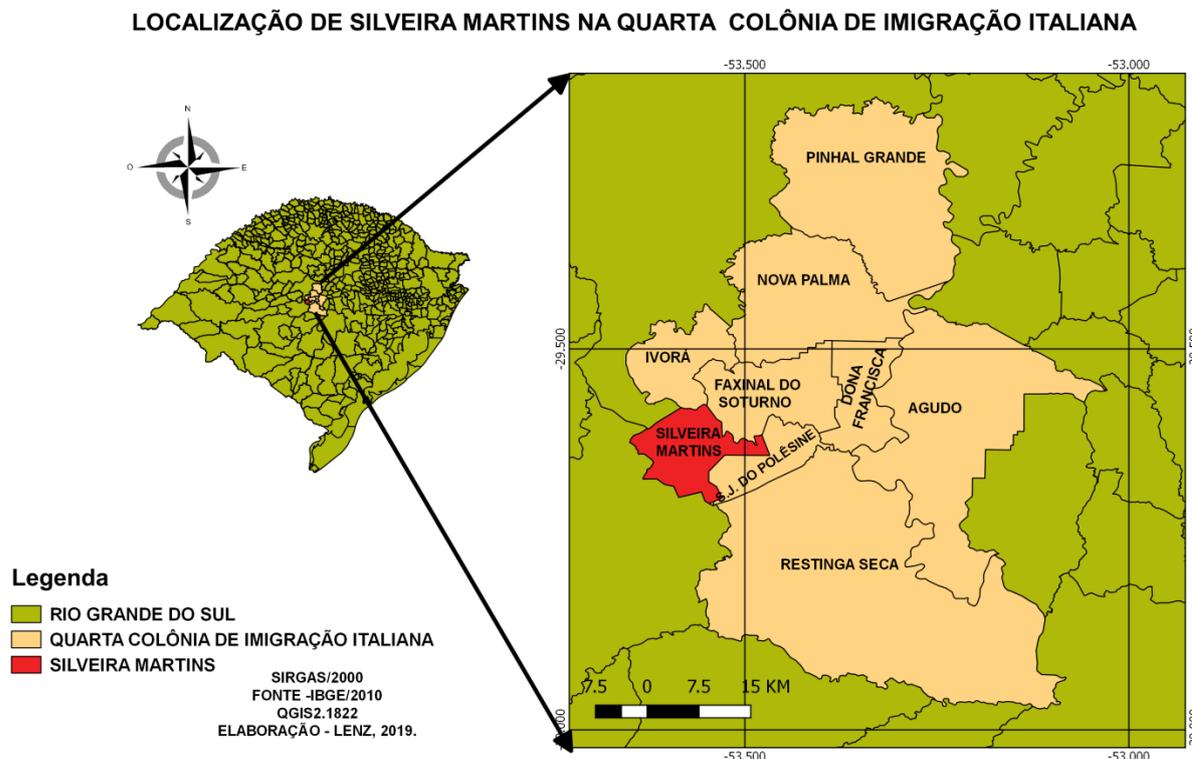
No ano de 1888, a colônia posteriormente à emancipação, em virtude dos custos administrativos, foi desmembrada e extinta, seu território dividido entre os municípios de Júlio de Castilhos, Santa Maria e Cachoeira do Sul e, em seguida na área que compreendia o território da Colônia Silveira Martins origina os atuais municípios de: Silveira Martins, São João do Polêsine, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma e Pinhal Grande, além de partes dos municípios de Agudo e Restinga Seca como apresentado na Figura 8, os quais formam hoje a Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana (Quarta Colônia/RS). (MANFIO; BENADUCE, 2017).

O município de Silveira Martins só foi emancipado em 1987 e leva o título, na atualidade, de Berço da Quarta Colônia. Os imigrantes que iniciaram a construção de Silveira Martins trouxeram na bagagem a cultura religiosa Cristã ratificada no período medieval. Barichello (2010, p. 25-26) destaca que isso ocorreu em virtude dos espaços onde se efetuou a formação do pensamento Cristão serem na Península Itálica, em Santa Sé, que na atualidade corresponde ao Vaticano, ao longo dos anos o pensamento cristão se pulverizou pelas comunidades que possuíam o orgulho da italianidade em construção.

Motivo da interferência católica nas questões políticas e educacionais de Silveira Martins, apresentado na Figura 9, de acordo com Pazuch (2019).

[...] no início, a política local, a organização social e a educação dos imigrantes e seus filhos foram dirigidas pela Igreja Católica através dos institutos religiosos das Irmãs do Imaculado Coração de Maria que fundaram a Escola Nossa Senhora de Lourdes a 25 de julho de 1882 na localidade de Vale Vêneto e dos Padres e Irmãos Palotinos que chegaram a 29 de julho de 1886 na mesma localidade. (PAZUCH, 2019, p. 4).

Figura 9 - Mapa de Localização de Silveira Martins - RS



Org.: Autora, 2019.

Silveira Martins faz fronteira com três municípios da Quarta Colônia como mostra a Figura 9, mas foi a partir dele que as famílias que fugiram das crises no período da formação do Estado Nacional Italiano e da Revolução Industrial iniciaram a reconstrução de suas vidas em solo brasileiro. As que permaneceram no território silveirense remodelaram a paisagem através da edificação de lugares de vivência, de trabalho e de fé sobre a vegetação típica do Bioma Mata Atlântica (conjunto diversificado de formações florestais e alguns ecossistemas como manguezais, restingas e campos de altitude que se estende do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul) e do Bioma Pampa (composto por estepes, sendo que seu nome se originou do termo indígena quéchua pampa que significa planície, mas além delas se encontram serras, morros rupestres e coxilhas), modificando-os radicalmente com suas regras, rituais, mitos e ritmos de matriz cultural italiana e católica.

O acervo descrito foi transferido às novas gerações por meio de processos de ensino e aprendizagem das técnicas tradicionais de trabalho e as desenvolvidas no novo espaço

habitado para trabalhar a terra, perpetuando o sentimento de pertencimento à identidade étnica italiana e o catolicismo entre os membros comunitários.

A estrutura paisagística se deu de acordo com as prioridades familiares, assim, somente depois que as necessidades de moradia e alimentação eram sanadas (para os imigrantes italianos a família e o lote de terra sempre foram a prioridade), iniciava-se a construção dos espaços de socialização, ou seja, a capela e o seu salão. Os lugares de fé, as capelas, eram/são os espaços de sociabilidade, à época de relações primárias formadas por pequenos grupos de convivência onde as pessoas trocavam bilhetinhos segundo os entrevistados. Para Pazuch (2019), isso ocorria porque,

[...] não havia contato direto entre os moradores de cada linha, pois as linhas ficavam isoladas umas das outras, sendo que a sociabilidade dos colonos acontecia esporadicamente, quando iam à sede da linha ou da Colônia, pois durante a semana os colonos conviviam apenas com familiares e parentes em casa e no trabalho. A sociabilidade acontecia aos domingos nas Sociedades da Capela, quando os colonos se encontravam para rezar, conversar e planejar as atividades semanais, conservando assim, alguns costumes trazidos da Itália para a Colônia de Silveira Martins. (PAZUCH, 2019, p. 5).

O isolamento descrito ocorreu devido à Silveira Martins, assim como os demais municípios da Quarta Colônia, estar na área de transição do Planalto e da Depressão central do Estado, no Rebordo da Serra Geral e no limite meridional da Bacia do Paraná. A região é formada por rochas sedimentares de origem eólicas, fluviais e vulcânicas, o relevo possui áreas planas próximas ao rio Jacuí, colinas distribuídas em toda a altitude e relevo de morros com escarpas íngremes que constituem vales encaixados formadores da paisagem geomorfologia (SCHIRMER; ROBAINA; TRENTIN, 2013). Esses agentes naturais acabaram por isolar algumas comunidades e suas famílias facilitando a difusão da cultura do imigrante e do catolicismo entre os jovens.

A área territorial do município de 119, 285 km² (IBGE, 2019) possui diferentes formas de relevo. Verifica-se a presença de três classes geomorfológicas, tendo o Rebordo do Planalto como mais representativo do território (59,2%), seguido pelo Planalto dos Campos Gerais (39,2%) e Depressão do Rio Jacuí (1,6%)”, nesse contexto observa-se que a maior parte territorial de Silveira Martins possui declividade menor que 25° (89,8%) (ROVAN; VIEIRA, 2016, p. 154-157). As atividades predominantes nessas áreas são: a criação de bovinos e lavouras temporárias de trigo, milho e soja que demandam grandes extensões de

terras e insumos agrícolas, necessitando cada vez menos de mão de obra humana, favorecendo o esvaziamento de pessoas que vem ocorrendo no campo silveirense.

O município está na região fisiográfica denominada encosta da Serra de São Martinho. Não possui distritos, mas sim Linhas: Linha Base, Linha Um Sul, Linha Duas, Linha Três Sul, Linha Quarta, Linha Seis Sul, Linha Seis Norte e, localidades: Val Feltrina, Val de Buia, Linha dos Mantuanos, Vila Cattani, Val Veronês e Linha Pompeia, além do centro administrativo - Sede apresentados no mapa ilustrativo da Figura 10. A configuração atual das Linhas foi desenvolvida por meio de uma organização inicial, onde os administradores no período, o Estado e a Igreja Católica, traçaram uma Linha Base e a partir dela iniciavam a distribuição das terras para o Norte e para o Sul.

Figura 10 - Mapa ilustrativo da divisão política de Silveira Martins



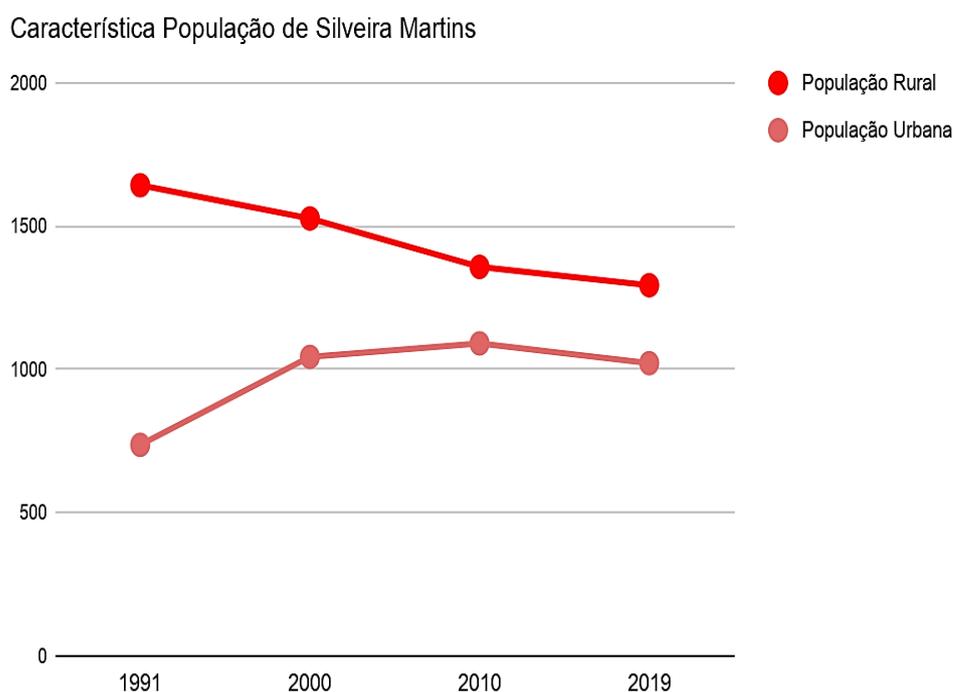
Org.: Autora, 2019.

A Figura 10 ilustra a divisão política de Silveira Martins e destaca a estrada do imigrante, a qual recebeu este nome por ser o primeiro caminho percorrido pelos que chegavam a Colônia Silveira Martins. A comunidade de cada uma das Linhas destacadas no

mapa, promoviam uma festa, ou mais, para o seu Santo Padroeiro, porém, na atualidade em virtude do número populacional algumas deixaram de realizar o festejo. A Linha Um Sul é um exemplo, primeira a ser demarcada à época, na atualidade, segundo os depoentes, possui apenas 10 famílias com a maioria dos membros longevos, assim a promoção do evento fica inviável como a manutenção dos lugares de fé e socialização.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o último censo (2010) confirma o descrito, de acordo com o total da população silveirense somava 2449 habitantes e, a estimativa para 2019 é de 2384 habitantes. Contudo, o levantamento apresentado pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul - SEBRAE/2019 apresenta um total populacional de 2316 pessoas, destas 1284 residem no meio rural e 1022 na área urbana, a Figura 11 destaca a característica da evolução da população silveirense a partir de 1991.

Figura 11 - Característica da evolução da população de Silveira Martins/RS



Fonte - IBGE/2010; SEBRAE/2019. Org.: Autora, 2019.

No gráfico se observa que a população rural vem diminuindo com o passar do tempo, uma das explicações é o envelhecimento da população e a migração dos jovens do campo para as áreas urbanas, o que contribui para a descaracterização tanto da paisagem rural moldada

pela agricultura familiar no decorrer do processo de ocupação das terras, como da cultura local.

A paisagem de Silveira Martins resultou de uma multiplicidade de fatores, como:

1. as questões políticas com o envolvimento direto da Igreja Católica Apostólica Romana na configuração espacial e na educação das novas gerações;
2. as dificuldades econômicas enfrentadas na época como a falta de alimento, sementes, ferramentas, material para a construção das residências;
3. a geografia do terreno que promoveu o isolamento das comunidades à época.

Além disso, destaca-se a inserção dos conhecimentos desenvolvidos nos textos e contextos da vida na Itália, trazidos pelos primeiros imigrantes, os quais contribuíram para a elaboração e manutenção de saberes e fazeres desenvolvidos nas práticas diárias de trabalho e de convivência no novo habitat.

O abandono da terra natal em virtude das crises provocadas pela falta de emprego e terra para cultivar fez com que as técnicas de trabalho fossem adaptadas para modelar a nova paisagem ocupada. Na atualidade, por ironia, os que as herdaram estão passando por um processo parecido de esvaziamento do campo em virtude da inserção de novas tecnologias movidas a combustíveis fósseis e a eletricidade, bem como produzindo cenários de aproximação virtual e de segregação física. Os lugares construídos para recomeçar estão sofrendo, rapidamente se transformando e, lentamente desaparecendo. O principal fator, para tal contexto, é o envelhecimento da população e a falta de descendentes para perpetuarem o conhecimento herdado.

Assim, a paisagem de Silveira Martins construída por meio do trabalho humano sobre o espaço geográfico, que abrigou famílias inteiras fugidas da crise urbana italiana promovida pela inserção de novas tecnologias, agora se vê desafiada a manter os costumes e tradições de seus antepassados e a permanecerem no campo produzindo releituras dos saberes e fazeres herdados dos primeiros moradores locais. Esse desafio se pauta nas diferentes interpretações e das multiplicidades culturais e de interesses da dinâmica sociedade contemporânea que coloca como impõem novos modelos produtivos e de socialização, muitas vezes, dizimando os conhecimentos herdados do passado e outras, apropriando-se deles, como foram de “venda” de um ideário cultural local e supostamente heterogeneizado. Silveira Martins teve sua constituição política e educacional moldada pela influência dos costumes italianos e pelo catolicismo, todavia, hoje essa realidade está se (des)configurando, muitos saberes e fazeres

se perdendo e novas roupagens produtivas do mundo capitalista sendo implementadas e/ou impostas no meio rural.

3.2 O SABER - FAZER DO RURAL SILVEIRENSE: UM DIÁLOGO

“É fazendo que se aprende a fazer aquilo que se deve aprender a fazer.”

(Aristóteles)

A dinâmica ocupacional de Silveira Martins é marcada por saberes e fazeres desenvolvidos por meio da articulação de dois fatores: hábitos culturais trazidos na bagagem do imigrante italiano e as dificuldades enfrentadas para a adaptação das famílias à geografia do terreno, ou seja, interação homem/homem e homem/meio. Atualmente, esses elementos são encontrados nas linhas e localidades rurais do município, são conhecimentos herdados que caracterizam, principalmente, o rural, passados entre as gerações nas atividades diárias da lida no campo. Eles atribuem ao rural uma imagem de um mundo de pequenas plantações e criações e de cenários imaginários e bucólicos. Contudo, assim como ocorreu e está ocorrendo no espaço agrário brasileiro, o rural silveirense, também, sofreu e vem sofrendo com as ações e imposições do sistema capitalista se convertendo em “um espaço dinâmico que serve à produção e às trocas globalizadas” (DE DAVID, 2019, p. 278).

As ações de marketing, para a venda de produtos industrializados, fazem uso de um rural mistificado, embebido em saudosismos e memórias românticas de um passado distante e não mais coerente com a realidade do lugar. São estratégias que fomentam, entre os moradores urbanos das médias e grandes cidades, o entendimento de que o rural é a natureza intocada, que envolve as noções de tranquilidade, ar puro, sossego e descanso, mas que desconsideram as influências massivas e dinâmicas da contemporaneidade. O imaginário não leva em consideração as exaustivas rotinas de trabalho nas pequenas propriedades e as mudanças ocorridas pela modernização da agricultura, que promoveu significativas transformações nas estruturas produtivas e agrárias, devido às “alterações nas bases técnicas, nos processos de trabalho, nas relações sociais de produção, nas formas de apropriação da natureza, nas novas formas e conteúdos do rural, etc.” (KOZENIESKI, 2017, p.55).

Contudo, na área rural de Silveira Martins ainda existem algumas unidades de paisagem que ratificam a imagem de que o rural é um conjunto de elementos “naturais” àquela população. Tais locais, cada vez mais raros, lutam pela manutenção de seus modos de

vida mesmo incorporando algumas facilidades e modernidades da sociedade líquida. São espaços portadores de saberes e fazeres desenvolvidos nos núcleos familiares e nos espaços de socialização, memórias do e no lugar dos primeiros colonizadores. Esses lugares são dotados de belezas cênicas, atreladas ao imaginário do homem moderno sobre as ruralidades, o qual é explorado pelo mercado econômico e vendido como paisagem idealizada, como topofilia, como retorno à paz e tranquilidade do campo de outrora. Aos olhos dos consumidores, o “tradicional” das comunidades formadas pela agricultura familiar está associado a uma condição de produção historicamente desenvolvida, bem como ao imaginário religioso que envolve esses recantos de Silveira Martins, como mostra a Figura 12.

Figura 12 - Propriedade rural silveirense



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

A fotografia mostra a configuração espacial das propriedades da agricultura familiar silveirense, a maioria, à época, mantinha ao lado das residências o cultivo de uva. As videiras estão na historicidade silveirense. É um dos primeiros cultivos permanentes do município, assim como a policultura, mas com o aumento das áreas de lavouras temporárias de soja, milho, aveia, batata-inglesa e feijão elas estão desaparecendo da paisagem, os relatos do depoente B confirmam o observado “*não existia uma família em Silveira que não cultivasse uva*” (Trabalho de campo, 06 de maio de 2019). As videiras são uma das simbologias mais

especializadas da cultura italiana no município, por fornecer o fruto que manipulado produz a bebida típica do imigrante italiano: o vinho.

A vitivinicultura é uma das atividades das famílias de Silveira Martins, um conhecimento tácito transmitido entre as gerações. Para Guimarães e Pinheiro (2018, p. 46), o saber-fazer é uma forma de “expressão da cultura local que, estabelecendo relações entre atores sociais, através do conhecimento herdado e repassado de geração a geração, é capaz de promover bens e serviços com singularidades específicas”, por esse motivo no mundo moderno a ele, ao saber-fazer, é atribuído valor mercantil em virtude de que a imaterialidade presente no patrimônio ser algo socialmente construído que se expressa pelas práticas da comunidade. (MEDEIROS; MEDEIROS; LINDNER, 2019, p.387).

Por esse motivo o vinho se tornou fonte de renda para algumas famílias rurais do município. O entrevistado B incorpora aos relatos anteriores, “[...] *tenho muitos clientes de Santa Maria, eles vêm comprar de mim porque sabem que a uva do meu vinho é dos meus parreirais, muitos dizem que é por isso que é mais saboroso que o do mercado, também adoram beber direto da pipa*”, como revela a Figura 13. (Trabalho de campo, 06 de maio de 2019). Isso se explica na fala de Medeiros; Medeiros e Lindner (2019, p. 339), para os autores “[...] o espaço portador de valores socioculturais atua no sentido de enriquecer a identidade do vinho”.

Figura 13 - Pipas de vinho de Val Feltrina- Silveira Martins/RS



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

Como destacada as fotografias da Figura 13, geralmente, são vários barris de fermentação e de conservação, para diferentes variedades de vinho. Esses valores de identificação, os saberes e fazeres do campo, que os habitantes das regiões urbanizadas, os habitantes do mundo dos “iguais”, buscam vivenciar e consumir, pois para eles essas peculiaridades são “diferenças comercializáveis”. Assim, à medida que o rural silveirense recebe não apenas compradores de sua cultura, mas novos moradores, migrantes dos núcleos urbanos das médias e grandes cidades brasileiras, fugitivos do hiperconsumismo promovido pela cultura global, as ruralidades, como: ter uma parreira e pipas para vinho desaparecem com o tempo ou são substituídas por novas ruralidades como os *campings*, espaços destinados apenas para o lazer, não mais para moradia ou cultivos agrícolas.

Para De David (2019), há uma dualidade no que diz respeito à ruralidade: de um lado o rural produtivo e do outro o rural patrimônio. Porém, no processo de aculturação digital que vem devorando a diversidade planetária, principalmente às profissões e os modos de vida, o rural patrimônio além de ser consumido é modificado. Para o autor, é “[...] o espaço de proteção da natureza e dos seus recursos, de contemplação da paisagem singular e da valorização da diversidade sociocultural e de seus habitantes, seus modos de vida e seus saberes-fazeres originais.” (DE DAVID, 2019, p. 285).

Nesse contexto, as identidades se (des/re)formulam e o rural ganha novas representações sociais¹ que mediam e mediaram a vida comunitária e individual dos sujeitos. As reflexões de Santos (2008, p. 158) explicam, “[...] muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente”. As principais mudanças no mundo ocorreram no pós-guerra e, foram elas que trouxeram inúmeros imigrantes para o Brasil, não que na contemporaneidade seja diferente, o que muda, hoje, são as guerras travadas, mas as motivações para migrar permanecem as mesmas. A todo o momento, novas culturas recomeçam no país com a saudade de casa, hoje, atenuada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC que aproximam lugares e culturas, mas, também, aceleram o processo de transformação dos modos de vida locais, principalmente, por influenciarem os sistemas de ensino formais e não formais.

À educação dos silveirenses é agregado um conjunto de regras, rituais, mitos e ritmo de uma ordem religiosa católica e cultural. A educação sempre foi umas das preocupações dos núcleos familiares e do poder público. Preocupação impressa na espacialização dos espaços

¹ Conceito será apresentado no próximo capítulo.

de socialização, o qual geralmente é/era composto pela capela, salão de festas, cemitério e pela escola. As escolas das áreas rurais do município com o avanço da modernidade, provedora do êxodo rural, foram fadadas ao esquecimento como revela Cesar De David (2014) e a Figura 14 demonstra.

Com a migração das famílias para as cidades e a redução da taxa de fecundidade, o campo também se esvaziou de crianças e jovens. A política nacional de nuclearização das escolas, privilegiando o transporte dos estudantes até a escolas - polo, levou ao fechamento de muitas escolas do campo. No Brasil, segundo os dados do Censo Escolar do INEP (Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), 37.776 estabelecimentos de ensino rurais foram fechados nos últimos 10 anos. As escolas que promoviam a educação dos filhos dos agricultores e, além disso, na maioria dos casos, serviam de referência e integração às comunidades rurais, também se tornaram taperas. (DE DAVID, 2014, p. 86).

Figura 14 - Antiga Brizoleta - Escola Rural da Linha Seis Norte de Silveira Martins



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

A vegetação está se apropriando da construção humana, o descaso, o abandono das estruturas físicas das escolas do campo ocorre por toda paisagem de Silveira Martins, porque os símbolos da modernidade contribuíram para o fechamento das escolas rurais, como destacou De David (2014), e também, favoreceu a (des/re)configuração das dinâmicas tradicionais propagadas por meio do conhecimento herdado das populações rurais do município, pois o homem e a mulher do campo se afastaram das escolas, a qual perdeu a sua caracterização inicial. Assim, as ruralidades, impregnadas de saberes e fazeres adquiridos

através das experiências vividas no cotidiano, de difícil formalização sendo, portanto, difíceis de serem comunicadas e que requerem meios informais de comunicação. Isso ocorre devido à não estarem escritas em lugar algum, pois habitam somente as memórias dos sujeitos que as exercitam através das práticas de trabalho cotidianas vão se perdendo ao longo do tempo, a Figura 15 apresenta um desses conhecimentos.

Figura 15 - A carneação comunitária no interior do município de Silveira Martins



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

As narrativas que tecem a história apresentada na imagem da Figura 15 revelam que “[...] o animal se enforcou ao tentar passar a cerca”, observam que é um acontecimento tido como “natural”, algo corriqueiro, mas deixam claro que o sangramento deve ser feito, logo, até uma hora após a morte, para não comprometer a carne, “[...] aprendi com o meu avô [...]” (Depoente C. Trabalho de campo, 18 de outubro de 2019). Na cena vários conhecimentos herdados foram exercitados desde o chamar os vizinhos para realizar a carneação, o lugar preciso do corte para a sangria, saber pendurar o animal na árvore, além de toda a desossa.

Para Perazzo Filho “[...] a ideia de conhecimento tácito não está restrita apenas às habilidades motoras, técnicas, ou corporais, mas também a elementos cognitivos”. Destaca que “estes elementos cognitivos do conhecimento tácito referem-se a modelos mentais, tais como esquemas, paradigmas, perspectivas, crenças e pontos de vistas através dos quais os indivíduos percebem e definem o seu mundo” (PERAZZO FILHO, 2009, p. 23).

As ruralidades são impregnadas de conhecimento tácito. Elas, geralmente, são planejadas pelos sujeitos, por isso exigem identificação, armazenagem e atividades comunicacionais para sua manutenção. Porém, estão deixando de serem comunicadas, em virtude das facilidades do mundo moderno. Para Byung-Chul Han (2018), nesse contexto as relações são substituídas pelas conexões, o filósofo alerta que a comunicação digital é somente visual, contribuindo para perda de todos os sentidos e que se vive uma fase da comunicação global das *likes* sem valorar o real. Desta forma os saberes-fazeres são apagados da memória ou (re) configurados para se adaptarem aos novos tempos e padrões de consumo, ou são substituídas por elementos da globalização compartilhados por meio das TIC.

Assim, o rural tido como exclusivamente produtivo e agrícola se configura com novas realidades que visam à valorização de um conjunto de elementos de natureza social que, Carneiro (2012) classifica como “ruralidades contemporâneas”. Para a autora, elas, as “ruralidades contemporâneas” são encontradas nas localidades rurais onde ocorre a revalorização dos elementos da cultura local, por meio da incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. A busca de áreas rurais para moradia, para o descanso e o lazer, muitas vezes, devido à imagem que habita o imaginário popular, construída no período da revolução industrial, de que o rural é um lugar com uma beleza cênica que expressa um mundo natural, em oposição às cidades e ao urbano, tidos como lugares de condições de vida insalubre, colabora com o processo.

A agroindustrialização dos saberes-fazeres locais de Silveira Martins é um exemplo de ruralidade contemporânea. Os produtos elaborados com base em características artesanais, como o *grostoli*, *agnoline* e *a cuca*, geralmente, processados na cozinha doméstica das famílias, estão sendo industrializados por meio das agroindústrias. Eles aparecem como importante alternativa de renda para as famílias, além de oferecer vantagens competitivas aos produtores, diante da diferenciação dos seus produtos frente ao consumidor e, também, constituem importantes estratégias de reversão ao quadro do êxodo rural no município e região, de acordo com Guimarães e Pinheiro (2018, p. 50-51).

Os ingredientes na panela da fotografia da Figura 16 são para a produção de cucas e pães em uma das agroindústrias familiares espalhadas pela paisagem de Silveira Martins. A depoente D revela que uma parte da renda de sua família vem da venda dos produtos fabricados em seu pequeno estabelecimento. Acrescenta que é uma receita típica da cuca italiana feita com fermento caseiro, produzido através da fermentação da batata-inglesa,

“fermento de batata²”, que aprendeu com sua avó e sua mãe, o saber e fazer que passou aos filhos. Mas, somente ela e o marido trabalham na agroindústria, eventualmente uma das filhas ajuda. Observa que não terá sucessão para o seu negócio, nem para o seus saberes e fazeres tradicionais, porque os seus filhos “*preferem arrendar as terras e viver em Santa Maria*”. (Trabalho de campo, 27 de abril de 2019).

Figura 16 - As mãos que amassam: o saber-fazer tradicional



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

A pele envelhecida e os dedos retorcidos pelo tirar leite no frio/cozinhar/lavar revelam que o tempo agiu sobre o corpo humano, mas mantém aliança, apesar de estar apertada, e as unhas pintadas, assim como a memória do saber-fazer tradicional do descendente do imigrante italiano, ruralidade que permanece viva nas práticas diárias da depoente C , que diz ser uma das poucas pessoas que ainda reproduz a receita com o fermento de batata no espaço rural de Silveira Martins. Além de observar que as famílias da agricultura familiar, na atualidade, compram pães e cucas dos “mercados ambulantes³”. Cabe lembrar que a transmissão do conhecimento, do saber-fazer, ocorre por meio de um ato linguístico, onde um comunica e o outro recebe o comunicado. Entretanto, no contexto descrito pela depoente, no diálogo, hoje, no meio rural, geralmente falta uma das pessoas na interação comunicativa, ou

² O registro mais antigo é de 3.700 AC, mas sua origem provavelmente está relacionada com o início da agricultura.

³ Pessoas que vendem produtos alimentícios no meio rural utilizando seus veículos próprios.

se tem, não pratica o comunicado, assim o mesmo cai no esquecimento e, por fim, acaba desaparecendo ou sendo substituído por “ruralidades contemporâneas”.

A cuca é um saber tradicional local, é uma das ruralidades que identifica os silveirenses assim como o vinho, ou seja, fazem parte da identidade cultural da comunidade. Essa vem sofrendo um processo de mudança devido à modernização das técnicas de produção e a falta de descendência. Tendo em vista que as ruralidades são a estrutura de “um espaço habitado por pequenas comunidades humanas, com valores mútuos e história comum que giram ainda em torno da fidelidade e do pertencimento a um meio, a um território e à família” (MEDEIROS, 2017, p. 181). Medeiros (2017, p. 181) acrescenta, também, que na ruralidade “se reencontra uma dinâmica distinta e práticas sociais, culturais e econômicas fundadas sobre a proximidade, a convivialidade, a ajuda e a cooperação”.

Conhecimentos que de acordo Guimarães e Pinheiro (2018) são

[...] gerados em condições singulares, a partir da arte presente de cada família, impulsiona e orienta atividades de elaboração de alimentos, como um produto único, ligado a um modo de vida que, passado de geração a geração entre as famílias, constituem um universo produtivo específico, ancorado em bases técnicas artesanais, mão de obra familiar e formulação (receitas) tradicionais (GUIMARÃES & PINHEIRO, 2018, p. 47-48).

As ruralidades estão em todo o contexto, em todas as dinâmicas sociais do campo, até no ato de bordar. O saber bordar sempre foi/é uma fonte de renda extra para as mulheres silveirenses. A depoente E revela que existia um grupo de 60 bordadeiras no município. Na atualidade, poucas ainda se dedicam a esse ofício, para ela isso ocorre porque a tradição de ensinar às filhas a bordar já não é mais necessária, tendo em vista que se pode adquirir peças bordadas mais baratas nas grandes redes de confecções. Outro motivo pelo qual o bordado está deixando de ser praticado, narrado pela depoente, é que muitas bordadeiras já não estão mais entre os munícipes e, as poucas que ainda vivem, devido a longevidade, não bordam mais “pra fora”, ou seja, não vendem mais, produzem somente para o seu consumo e lazer. (Trabalho de campo, 22 de Agosto de 2019).

Um dos bordados mais praticados no município era/é o ponto atrás. Geralmente era ensinado às meninas da família nos períodos em que os homens estavam no trabalho externo. A depoente F observa a “[...] *nossa mãe nos ensinava a bordar sempre quando estávamos sozinhas com ela, quando o pai e os manos iam para a lida, sentávamos ao redor dela em frente ao fogão a lenha e ali dávamos os primeiros pontos [...]*”, acrescenta que depois de terem assimilado a técnica, sua mãe iniciava a compra dos tecidos, “*algodão puro*”, diz ela,

para iniciar a confecção dos enxovais. A Figura 17 mostra uma peça do enxoval da depoente. (Trabalho de campo, 16 de novembro de 2018).

Figura 17 - Colcha de bordado Ponto Atrás



Fonte - acervo pessoal da autora, 2018.

A silveirense mostra com alegria o seu trabalho e destaca que faz mais de cinquenta anos que possui a peça. Ela descreve com precisão o passo a passo para realizar um bordado com o ponto atrás, além de revelar alguns “segredinhos” da prática para facilitar o trabalho. O ponto atrás, assim como a cuca e a sangria, são ruralidades impregnadas de conhecimento tácito, o qual está fadado a desaparecer por falta de descendência. A afirmação se confirma observando as fotografias deste fragmento da dissertação são pelas envelhecidas e mãos calejadas e desfiguradas pela repetição do exercício de amassar, bordar, carnear ou capinar que se constituem nos saberes e fazeres locais.

Em vista dos argumentos apresentados sobre os saberes-fazeres das ruralidades de Silveira Martins, entende-se que a falta de descendência e a mercantilização das ruralidades, como: os alimentos tradicionais (cuca, risoto) em grande medida mantêm as festas para os Santos Padroeiros e atraem os consumidores de diferentes culturas para, ou seja são eles/as os atrativos principais. Cabe transcrever as reflexões de De David (2019, p. 285), quando destaca que a ruralidade vai além do rural agrícola, é um conjunto de atividades, funções e expressões de uma população impressas na paisagem.

4 UM OLHAR PARA A PAISAGEM SILVEIRENSE

O capítulo apresenta uma leitura sobre a paisagem de Silveira Martins articulada com a revisão bibliográfica sobre o conceito. Inicia destacando o processo de uniformização por meio da substituição de cultivos típicos permanentes, como o da uva pelos temporários da soja, milho, trigo dentre outros. Na sequência destaca as bases da transformação da vegetação nativa do Bioma Pampa e Mata Atlântica que modelou a paisagem silveirense: cultura italiana e a religião católica. Assim como, a importância das simbologias culturais dos ascendentes para a manutenção da identidade cultural local e manutenção das unidades⁴ de paisagens tradicionais.

Já no segundo momento a conversa é sobre algumas mudanças que vêm ocorrendo na paisagem rural de silveirense devido ao avanço da monocultura. As quais ocasionam alguns conflitos em virtude da modernização do campo que desconfigura a paisagem da agricultura familiar, além de promover um esvaziamento dos núcleos familiares, transformando a paisagem moldada pelas práticas agrícolas passadas de geração a geração em bucólicas, existindo apenas no imaginário. Na sequência algumas representações sociais⁵ materializadas na paisagem de Silveira Martins, que mediam ou mediarão as dinâmicas espaciais nos espaços de socialização são destacadas. Além daquelas que estimulam reminiscências por meio das memórias dos sujeitos participantes da pesquisa.

Os fragmentos paisagísticos de resistência invisibilizados, a agricultura familiar camponesa, que devido a expansão da monocultura vende ou arrenda suas terras favorecendo o aparecimento de taperas no município é expressada. Assim como, as relações homem/meio e o resultado destas relações que produz/induz/direciona a paisagem como o foco central do capítulo.

⁴ Um recorte, uma síntese, um conjunto de elementos de um território.

⁵ “Uma representação é construída em torno de objetos precisos, reais ou imaginários, sejam eles: ideias, teorias e acontecimentos. Ela não pode ser apreendida no isolamento ou na dicotomia entre o que se pretende captar e analisar e o viver concreto dos sujeitos”. (BOMFIN, 2012, p. 14).

4.1 AS MODELAGENS PAISAGISTICAS DE SILVEIRA MARTINS: ECONOMIA, CULTURA E RELIGIÃO

Atualmente, estamos presenciando uma uniformização da paisagem rural, Cesar De Davi (2019, p. 280) diz que o que se vê é “[...] um só cultivo, um só tom, uma só cor, toma conta do horizonte e substitui a variedade e a policromia dos lugares antes ocupados pela policultura e pela natureza, originalmente mais rica e biodiversa”. A Figura 18 destaca o descrito pelo autor mostrando os campos temporários do cultivo de trigo que antecedem o plantio da soja, uma prática de semeadura tradicional dos produtores do sul do país, segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA (2016. Acessado em, 12/11/2019).

Figura 18 - Lavoura de aveia no município de Silveira Martins - RS

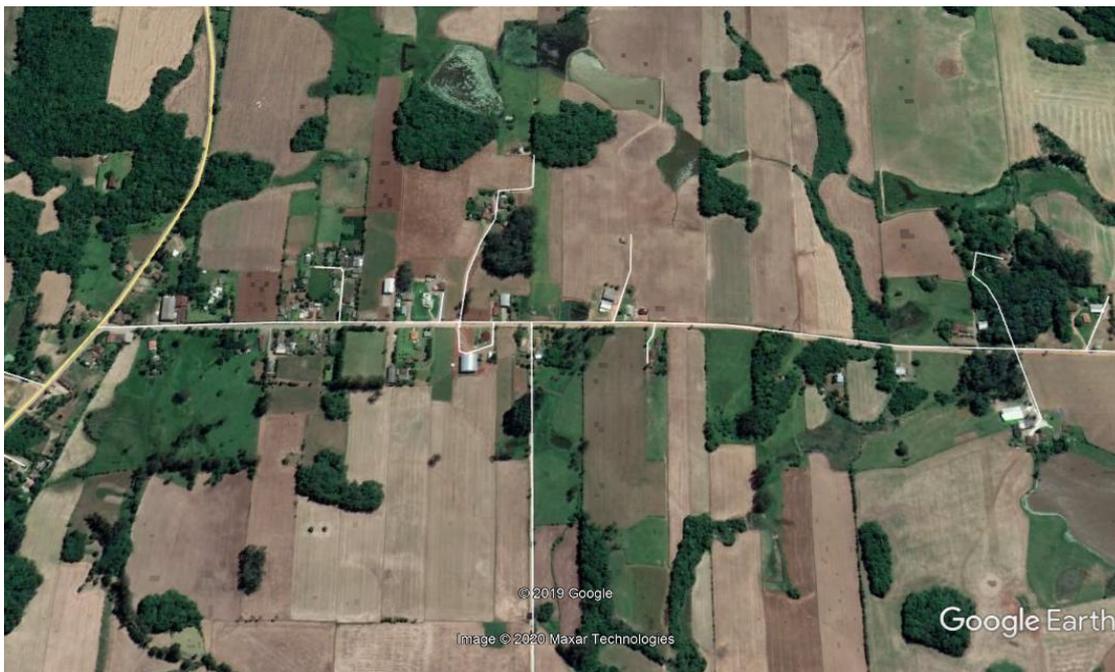


Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

A fotografia demonstra o domínio da monocultura nas áreas rurais de Silveira Martins e o seu avanço sobre a vegetação natural da Mata Atlântica. A monocultura faz parte da estrutura fundiária brasileira desde o início da ocupação europeia e, geralmente, está voltada para a exportação. Nos últimos anos, vem ocorrendo à ascensão dos cultivos temporários de aveia, da soja ou do milho, intercalados na safrinha nas áreas, antes, destinadas ao plantio da batata-inglesa, que por muitos anos deu o título de capital da batatinha à Silveira Martins.

Esse movimento está promovendo, também, a descaracterização de propriedades que praticavam a policultura, na Figura 19 é possível verificar esse processo. As reflexões de Besse (2014, p. 14) vão ao encontro do descrito, quando o autor relata que “[...] os sistemas locais tendem a desaparecer, porque são progressivamente integrados às redes nacionais, aos sistemas nacionais e internacionais que se ramificam cada vez mais”.

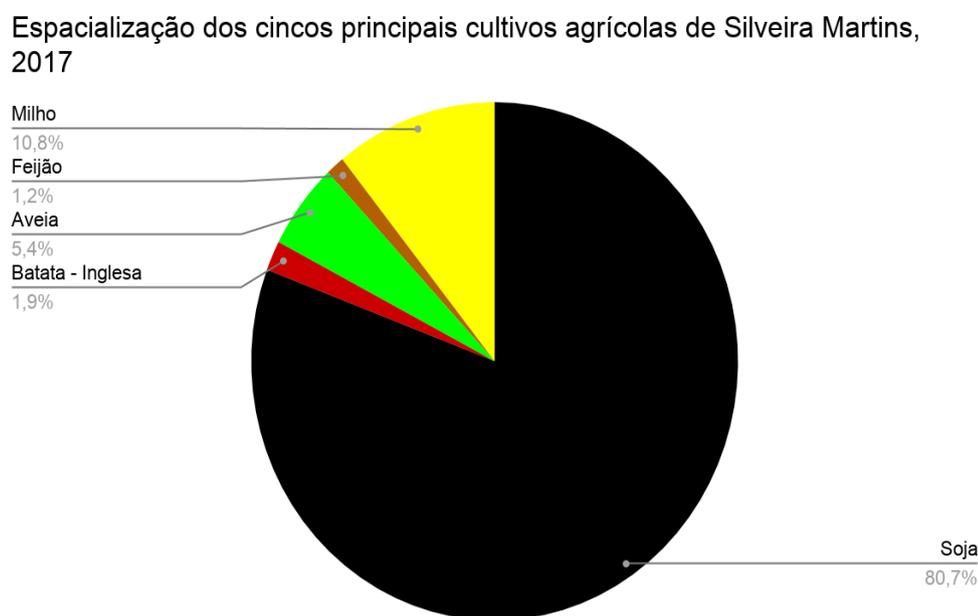
Figura 19 - Imagem aérea da Linha Base/Localidade Vila Cattani - Silveira Martins



Fonte - Google Earth - Acesso em: 15 de novembro de 2019.

A imagem mostra uma unidade de paisagem agrária de Silveira Martins, são grandes extensões de áreas florestais substituídas por campos de cultivos. De acordo com análise do SEBRAE/2019, os cinco principais cultivos do município, em 2017, plantados em 3.844 hectares, foram: soja 78%, milho 10,4%, aveia 5,2%, batata-inglesa 1,8% e feijão 1,2%, esses dados legitimam as forças dos agentes econômicos sobre um território, eles (des) e (re) configuram estruturas paisagísticas construídas e constituídas por sistemas culturais locais, o gráfico da Figura 20 ilustra o descrito.

Figura 20 - Gráfico dos cinco principais cultivos de Silveira Martins em 2017



Fonte - SEBRAE – dados de março de 2019. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

A proposição de Guimarães (2003, p. 61), atenta para a importância dos aspectos simbólicos, das impressões e dos conhecimentos que marcam as paisagens, para os grupos culturais, os quais estão sendo arrematados por um único grão, como mostra o gráfico da Figura 21, o avanço da monocultura não desencadeia apenas diversos danos ao meio ambiente, mas, também aos saberes e fazeres locais. Porque a cultura é entendida “como um conjunto de elementos que mediam e qualificam qualquer atividade física ou mental, que não seja determinada pela Biologia e que seja compartilhada por diferentes membros de um grupo social” (BARROS, 2016, p. 33).

Cabe lembrar que é por meio do conjunto de elementos culturais que a paisagem ganha valor simbólico e assume uma legitimidade fundada no vivenciado todos os dias em forma de imagens objetivas e subjetivas mediadoras das memórias sobre ela mesma. Um elemento paisagístico cultural que caracteriza/caracterizava os descendentes dos imigrantes italianos, que iniciaram a configuração dos cenários existentes, ainda, na paisagem de Silveira Martins, é a videira. Como já referido no capítulo anterior, símbolo do grupo étnico que está deixando de ser cultivado e visto no município. A Figura 21 apresenta a estrutura de um parreiral de Val Feltrina, localidade onde, segundo os moradores, foi plantada a primeira rama

de uva da Quarta Colônia de Imigração Italiana Silveira Martins. (Fonte - Trabalho de campo, 18 de maio de 2019).

Figura 21 - Parreira de Val Feltrina - Silveira Martins



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

Os elementos culturais, como as plantações de uva (Figura 22), são representações sociais que configuram as identidades e revelam as dinâmicas territoriais, para Hall (2006) isto se explica porque a identidade.

[...] nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"- entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornados "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2006, p. 11).

Uma das problemáticas enfrentadas pelos produtores que investem na vitivinicultura no município e buscam manter vivos os valores existentes nos lugares é a contaminação dos parreirais pelo “defensivo agrícola” 2,4-D⁶ usado em lavouras de soja. Cabe destacar as proposições de Manfio (2016, p. 236), ela observa que o “[...] elemento vinho é parte

⁶ O 2,4-D nome simplificado do ácido diclorofenoxiacético, é um dos herbicidas mais comuns e antigos do mundo.

integrante da identidade e memória dos descendentes italianos que aprenderam com seus antepassados a cultivar a uva e realizar a produção do vinho, gerando um apreço pelos vinhedos e o hábito de tomar vinho”. Assim, a substituição de elementos que fazem parte de “[...] um sistema de significantes através do qual uma ordem social é comunicada, reproduzida, experienciada” (EAGLETON, 1943, p. 53), além de transformar a paisagem, também, muda os sujeitos que fazem parte dela, pois a cultura para o autor é resumida “como um complexo de valores, costumes, crenças de um grupo específico” (EAGLETON, 1943, p. 54).

Porque o mundo pessoal e o mundo público fazem parte das unidades de paisagem, devido à paisagem ser “[...] primeiramente uma realidade objetiva, material, produzida pelos homens”. (BESSE, 2014, p. 30). Besse (2014, p. 30) acrescenta ainda que “[...] toda paisagem é cultural, não essencialmente por ser vista por uma cultura, mas essencialmente por ser produzida dentro de um conjunto de práticas (econômicas, políticas, sociais) [...]” como o cultivo de vinhedos, que é uma técnica, uma tradição trazida na bagagem e na memória dos imigrantes italianos que “fincaram” os primeiros ramos no solo de Silveira Martins, juntamente com outros conhecimentos herdados.

Mas, a constituição paisagística de um território não é permanente e nem imutável, ela muda e, conseqüentemente a identidade cultural muda. Hall (2006) alerta para as mudanças que ocorrem no ambiente de vida, principalmente com a inserção de TIC no cotidiano, afirma que as identidades pós-modernas estão sendo descentradas, desterritorializadas, deslocadas ou fragmentadas, esse fenômeno influencia diretamente nas unidades rurais tradicionais da paisagem, aquelas que estão impregnadas de saberes e fazeres dos sujeitos do campo.

Para Maciel e Lima (2011, p. 159-177) esse é o “resultado de forças naturais e humanas que constitui um fato físico e cultural, os quais estão interligados no espaço em um determinado período (tempo), entendendo esse resultado como o produto e não como uma imagem”. As autoras destacam que a paisagem deve ser entendida, também, como uma estrutura morfológica determinada, que pode ser mensurada, quantificada e qualificada. (MACIEL; LIMA, 2011, p. 159-177).

Por isso, se infere que as identidades consolidadas são mediadas por elementos culturais visíveis e não visíveis, que exigem saberes próprios e os atores sociais, os quais com base neles dão sentido às suas vidas. O abordado por Besse (2006, p.65), explica que “[...] o visível e a paisagem são pensados como objetivos, como face exterior, um rosto, uma fisionomia”. O autor também pontua que existe uma dicotomia no entendimento de que a

paisagem é uma forma não uma imagem, destaca que existem dois polos extremos, “[...] entre os quais há uma tensão na experiência paisagística: uma tensão entre a atividade do espectador, de um lado, e, de outro, o fato de que há algo a ver, algo que se dá a ver”. (BESSE, 2006, p. 65).

Entretanto, em contradição Neto e Ludka (2017, p. 334), a paisagem “como elemento cognitivo humano e perceptivo é um processo de apreensão”, desta forma, as autoras acrescentam que “[...] cada pessoa tem uma forma de compreender de maneira subjetiva a paisagem, portanto afirma-se que a subjetividade do homem é influenciada pela sua realidade, ou seja, a sua percepção é movida pelo contexto social, cultural, econômico”. Como, na abordagem de Verdum, Vieira e Pimentel (2016, p. 132), a qual leva em “consideração duas perspectivas da paisagem: a paisagem enquanto algo concreto e a paisagem enquanto um fenômeno, refletido em representações sociais”.

Nesse contexto Duana e Chaparro (2011) observam que existem paisagens naturais e humanizadas; prósperas e pobres; culturais e sociais; harmônicas e desarmônicas com o lugar, sendo algo visível, sólido de interpretação a partir do olhar do sujeito. As reflexões de Lombardo e Casella (1997, p. 92) vão ao encontro, pois definem paisagem como “[...] um sistema territorial composto por diferentes componentes formados a partir da influência dos processos naturais e da atividade modificadora da sociedade humana, que se encontra em permanente interação e que se desenvolvem historicamente”.

O Monumento ao Imigrante de Silveira Martins é uma disposição de elementos impressos que descrevem inicialmente a paisagem do município, construído para corporificar um tempo no espaço. Localiza-se em um lugar íngreme que dá acesso ao município. Para os munícipes e moradores da região esta materialização representa o início da história silveirense e da Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, assim como do processo de modificação da vegetação original do Bioma Pampa e Mata Atlântica, o qual pode ser entendido enquanto fenômeno de uma concretude.

Mas, o monumento (Figura 22) só faz sentido para aqueles que aprenderam a lê-lo, já os que não foram ensinados a compreendê-lo, ou seja, não foram educados para adequação de suas existências aos credos que contextualizam a paisagem da qual ele faz parte, o lugar é algo que passa a ser visto e que “se dá a ver” para a contemplação apenas, sem diálogo. O Monumento ao Imigrante representa a concretude dos objetos na paisagem, no entanto “el paisaje es tanto real como imaginario” (MILANI, 2008, p. 62).

Figura 22 - Monumento ao Imigrante em Silveira Martins/RS



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

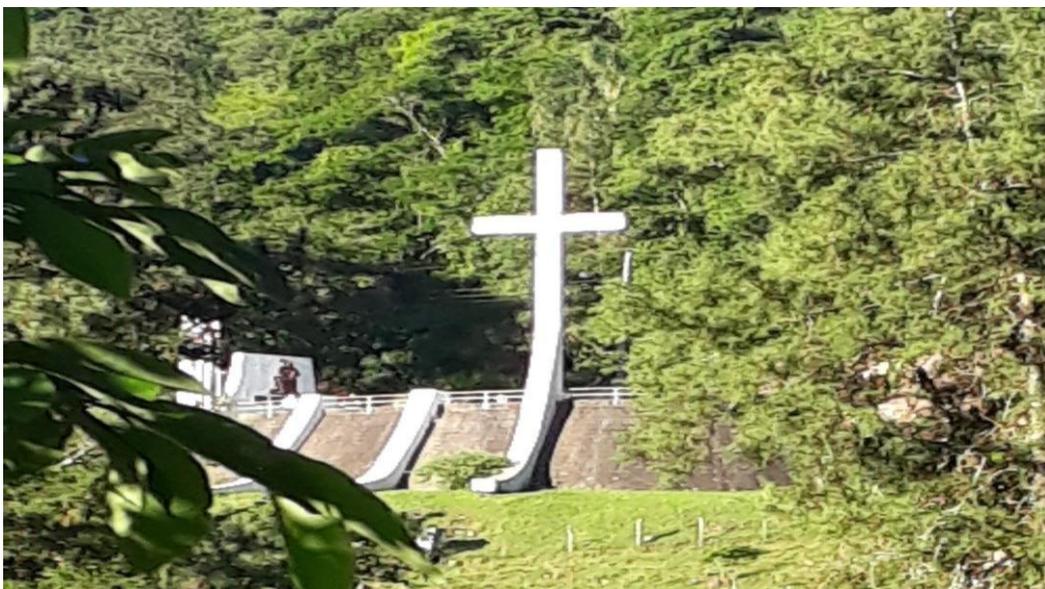
Já na fala de Maciel e Marinho (2012), a paisagem pode ser entendida a partir das dimensões relacionadas às representações de mundo e da natureza construídas nas estruturas cognitivas do sujeito ligadas aos aspectos sensitivos, estabelece relação de semelhança com a paisagem enquanto fenômeno. A imagem captada pela fotografia da Figura 23 abarca o concreto e o fenômeno, pois, como destacam Verdum, Vieira e Pimentel (2016, p.132), “[...] paisagem concreta é entendida como o resultado das marcas que a(s) sociedade(s) humana(s) imprime na superfície terrestre ao longo do tempo”.

A paisagem como fenômeno, para os autores, diz respeito a cada pessoa, “[...] de acordo com a sua trajetória, consciência e experiência, vê as paisagens de forma diferente e única, sendo que nela se insere de determinada forma. Cada um constrói seus conceitos que vão refletir em suas ações e seus olhares” (Idem, p. 133). Quanto às marcas, elas se traduzem “[...] em formas, linhas, cores e texturas, condicionadas por fatores geológicos, geomorfológicos, ecológicos e climáticos em constante transformação por dinâmicas físicas, sociais, econômicas e culturais” (Idem, p. 33).

O descrito contextualiza o Monumento do Imigrante, o espaço geográfico onde ele se encontra é o mesmo ocupado pelos primeiros imigrantes italianos que chegaram na antiga Colônia Silveira Martins. Para seus descendentes representa sofrimento, dor, trabalho,

conquista sucesso e orgulho. A Cruz (na Figura 23) faz referência à crença religiosa que veio com eles, e também, à hegemonia do catolicismo na região. A cor branca lembra as primeiras barracas feitas de lençóis brancos, utilizadas como residência no período. O Monumento ao Imigrante é uma representação social que descreve quais foram as bases da constituição paisagística do município de Silveira Martins e da Quarta Colônia, além de estar impregnado de trajetórias e consciências que revelam a historicidade das unidades de paisagem da região.

Figura 23 - Cruz Branca do Monumento do Imigrante de Silveira Martins



Fonte - Trabalho de Campo, 2019.

Pode-se dizer que as simbologias presentes nas paisagens, como o monumento e seu acervo são familiares para os indivíduos que fazem parte dela. Nessa perspectiva, resgata-se Guimarães (2003, 49-50), pois para a autora “[...] as paisagens compreendem a atmosfera espaço - temporal do mundo vivido, porque os ritmos dos movimentos inerentes aos lugares trazem em si os ciclos da dinâmica e a força das essências da vida”. Nesse contexto que “as pessoas e os povos desenvolvem leituras de suas paisagens, (re) interpretadas e representadas a cada novo experienciar, renovando a cognição e a percepção do ambiental” por meio de processos educativos existentes no meio cultural validados na paisagem.

Na concepção de Tuan (1983, p. 7), “a amplitude da experiência ou conhecimento pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos”, portanto, eles fazem a articulação entre o mundo interior e o mundo exterior. Além de serem os elementos mediadores entre os diferentes registros da experiência de comunicação humana.

Como o Monumento ao Imigrante, os elementos presentes nele, principalmente os dois descritos e mostrados na Figura 23 a Cruz e a cor branca, comunicam um mundo conhecido por alguns moradores mais longevos, imaginado pelos descendentes e desconhecido para os que não fazem parte daquela paisagem. Cabe destacar que no monumento tem uma placa que apresenta aos visitantes a história de Silveira Martins.

As preposições de Marenzi e Guerra (2001) explicam o supracitado.

A paisagem é o resultado visual da evolução conjunta dos elementos que a constituem, uma realidade que o ser humano configura em sua mente através da percepção de um meio, que não é uma paisagem até que ele o perceba. A paisagem apresenta, assim, um conceito multidimensional, podendo ser entendida, por exemplo, a partir das seguintes dimensões: cognitiva, relacionadas às representações de mundo e da natureza construídas nas estruturas cognitivas do sujeito; afetiva, ligada a aspectos sensitivos, perceptivos e de estética; ecológica, fruto do conjunto de inter-relações entre os componentes do meio e a sócio-cultural, que considera os elementos depositários de nossa história de vida. (MAREANZI; GUERRA, 2001, p. 1-17).

A paisagem de Silveira Martins representa a interação de um grupo cultural étnico, de uma crença religiosa com as dinâmicas ambientais e econômicas da época e atuais. Ela faz parte do mosaico paisagístico brasileiro, composto pelas diversas unidades de paisagens culturais, econômicas, sociais e físicas existentes no Brasil, que juntas formam uma só. A qual comunica a diversidade do povo brasileiro com suas riquezas e suas pobreza. Cada fragmento paisagístico contém uma modelagem que envolve economia, cultura e religião, no caso de Silveira Martins, esses três agentes se dão a ver.

O grupo social e cada sujeito transforma a paisagem em um prolongamento de sua identidade, por ter sido ela construída por meio das práticas sociais que são vivenciadas nela mesma. Esse processo envolve a adequação tanto dos sujeitos como do ambiente. Os elementos materiais formatam-na expressando a sua concretude que recebe as manifestações imateriais. Cada indivíduo significa a paisagem de acordo com o seu entendimento de mundo, para isso utiliza diversos registros de atividade cognitiva que formulam-nas, configuram-nas e registram-nas, tornando-as memórias de si mesma e das relações sociais vividas em seu seio. As quais serão manifestas em contato com os objetos e que fazem parte de sua rotina do sujeito e do grupo, pois a cultura necessita ser explicitada, segundo Rosendahl (2018), através das representações sociais.

Pode-se observar que em Silveira Martins os espaços de socialização, de representações sociais, de lembranças, de cultura, de saberes-fazeres rurais estão deixando de serem comunicados, por dois motivos: (a) envelhecimento da população e o desinteresse dos

mais jovens pelo conhecimento tácito dos ascendentes e, (b) a desconfiguração e transformação das unidades de paisagens tradicionais, primeiramente pelo processo de modernização da agricultura e posteriormente, hoje, pela inserção das TIC no campo .

4.2 CONFLITOS NO CAMPO: “O VELHO E O NOVO” DEPENDEM DO OLHAR

A paisagem de Silveira Martins pode ser quantificada e qualificada, como destaca BESSE (2014, p. 1), “[...], a paisagem é como um texto humano a ser decifrado, como um signo ou um conjunto de signos mais ou menos sistematicamente ordenados, como um pensamento oculto a ser achado por detrás dos objetos, das palavras e dos olhares” motivo pelo qual ela pode ser classificada. Pois, dela emergem configurações paisagísticas que revelam as dinâmicas sociais atuais, passadas e os conflitos existentes no encontro desses dois tempos. Em algumas atividades se pode observar a dialética existente em algumas unidades da paisagem silveirense, onde entendimento de velho e novo está na interpretação do olhar do sujeito que observa.

Como o simples ato de alimentar o gado. A Figura 24 apresenta um veículo e uma ação. Nas primeiras horas da manhã se faz a colheita do pasto para alimentar as vacas leiteiras, o que para alguns moradores de áreas rurais do município, na atualidade é desnecessário, trabalhoso, pois com a facilidade do mundo moderno se pode comprar a silagem e a ração para os animais, são “sofrimentos do passado”. Já, para os “novos” habitantes da localidade, os migrantes do urbano, é algo novo, atraente, encantador como destaca o depoente D *“são por essas coisas simples, que eu vim morar em Val Feltrina, onde mais posso presenciar esse tipo de cena?”*. (Trabalho de campo, 20 de maio de 2019).

Figura 24 - Sujeito do campo na colheita do pasto - Val Feltrina/ Silveira Martins



Fonte - acervo pessoal da autora, 2018.

A informante H descreve que alimenta suas vacas só com o pasto, que por esse motivo o “leite é ralo de gordura” e produz pouco queijo, para ela é o que menos importa, visto que não irá consumir os hormônios adicionados nas rações utilizadas para a engorda do gado leiteiro fazendo com que o leite seja mais gorduroso e produza mais peças de queijo. A preocupação com a saúde alimentar é um movimento contemporâneo, a dialética da paisagem está na divergência de entendimentos sobre o que se entende por moderno, neste caso, visto que a participante possui pouca instrução formal, mas saberes e fazeres desenvolvidos nas práticas diárias que são valiosos para o mundo moderno.

Inúmeras experiências paisagísticas podem ser vivenciadas no município, mas é o olhar do observador que dará sentido a elas, de acordo com o seu contexto social, cultural e econômico. O patrimônio material e imaterial se revela na paisagem para os olhares, definido por Krone e Menasche (2015, p.162-163) como “uma categoria do pensamento humano, uma das mais importantes para a organização da vida social e cultural das coletividades humanas”, as ruralidades da paisagem, como as supracitadas, fazem parte do acervo patrimonial, assim, nesse contexto, se infere que é realizando a sua leitura que se identifica as potencialidades e, também, as problemáticas de uma sociedade.

As comunidades rurais possuem rituais que confirmam e reforçam as suas identidades, são eles que atraem os migrantes urbanos. Contudo, com o desenvolvimento voltado para o

crescimento econômico com ênfase no agronegócio e na agroindústria, o que contribui para a exploração dos espaços destinados à agricultura familiar, gerando conflitos socioeconômicos, o conjunto de elementos que moldam as estruturas dessas unidades de paisagens, que possui um caráter documental das práticas agrícolas da policultura desenvolvidas pela imigração italiana está sendo substituído por práticas agrícolas voltadas para a exportação.

Sobre a reflexão Bourdin (2001, p. 33) observa que “[...] o sentido de pertença é resultado do conjunto de recortes que especificam a posição de um ator social e a inserção de seu grupo de pertença a um lugar”. A identificação do indivíduo com a sua paisagem é articulada por uma relação de vinculação a mesma, mas na contemporaneidade vem se perdendo pelo processo de uniformização paisagística global, principalmente nas áreas rurais onde os fatos históricos são engolidos pelas monoculturas como em Silveira Martins.

Entre os produtores silveirenses os conflitos perpassam a substituição de um cultivo pelo outro. De acordo com o depoente F, que reside em uma comunidade localizada em um dos vales do município, os empresários do campo, plantadores de soja das terras das regiões planas e altas, quando pulverizam suas lavouras fazem uso do avião agrícola, desta forma os “defensivos agrícolas”, mais especificamente o 2,4-D são levados pelo vento ou pela chuva até as áreas de deriva, caindo sobre os seus pomares e seus parreirais, o mais preocupante, segundo ele, é que isso ocorre na época de floração danificando as plantas, ameaçando a safra e matando os polinizadores. (Trabalho de campo, 19 de Maio de 2019).

No descrito as unidades de paisagem, constituídas a partir de elementos da modernidade, são geradoras de conflitos no município, com alguns lutando para manter vivas práticas agrícolas herdadas, ou seja, a agricultura familiar baseada na policultura e outros, promovendo a substituição da mesma pelo agronegócio ou pelas agroindústrias seguindo as demandas do mercado, assumindo a identidade de “empresários do campo” ou de “empreendedores rurais”.

Esses novos/velhos sujeitos do campo desenvolvem a rotatividade de produção no decorrer do ano: a do trigo ou milho, da soja e o plantio de pastagem de azvém, o que demanda mais áreas para a produção e mais e diferentes insumos que são lançados no solo, no ar e na água silveirense. Dall’Agnol e Moreira (2018) explicam que “mais recentemente, o campo está passando por uma segunda revolução agrônômica: a Integração da Lavoura com a Pecuária (ILP), onde ambas atividades convivem ocupando as mesmas terras, mas em épocas diferentes do ano”.

Mesmo com toda a dinâmica descrita os saberes e fazeres da agricultura familiar, ainda, estão presentes no rural silveirense, contudo, com a sua substituição promovida pela inserção dos símbolos da modernidade desfazendo o caráter de coleção e conjunto construído ao longo do tempo, a sua existência se limita a algumas unidades de paisagem. São agricultores que entendem o campo como espaço de produção simbólica das condições de existência, de construção de identidades indo de encontro com a visão reprodutiva do espaço rural destinado à produção econômica a partir dos interesses do capital, excluindo quem não se inclui na lógica produtiva da economia atual. É nessa lógica conflitante que as pessoas menos favorecidas financeiramente vão sendo oprimidas e expulsas do seu pedaço de chão/terra/território. (MELO; ALMEIDA; BORBA, 2019, p. 49).

Nesta perspectiva, Besse (2014, p. 33) formula que o aspecto “morfológico” da paisagem é, “na realidade, a expressão de uma relação mais profunda, “vertical”, entre o homem e a superfície da Terra, uma relação ativa e prática pela qual o homem transforma o seu meio natural”. Para Coelho (2008, p. 4), a paisagem “[...] comporta uma pluralidade semântica, sempre associada à ideia de recorte espacial, bem como evoca o caráter de coleção e conjunto. Entretanto, sua representação também comporta aspectos subjetivos, pois remete ao universo do simbólico” o qual pode estar visível ou não.

As famílias da agricultura familiar silveirense que praticavam e, algumas que praticam a policultura na atualidade estão aderindo à monocultura. Nessa dinâmica, o rural vai se esvaziando de pessoas, transformando as unidades de paisagens diversificadas em padronizadas. A paisagem que faz referência à diversidade de cultivos e de criações está fadada a rótulos de produtos alimentícios produzidos pela indústria e expostos em prateleiras de supermercados, somente fazendo referência a um modo de vida simples e puro com belos cenários, que passa a fazer parte do imaginário das pessoas. Wille e Menasche (2015, p. 95), destacam que “[...] a indústria alimentar vem se apropriando da paisagem rural, a qual é atribuído o entendimento de natural, o que é expressa a partir da linguagem visual dos produtos”, fazendo uso do utópico para a mercantilização de seus produtos como descrito no capítulo anterior.

A venda da paisagem ocorre em virtude das representações serem fundadas sobre a aparência dos objetos e não sobre o objeto em si. “São criadas para expressar o real no bojo de uma ideologia” (ALMEIDA, 2003, p. 72), pois, são as representações sociais, enquanto sistemas de interpretações, que regem nossas relações com o mundo e com os outros,

orientam e organizam os comportamentos e as comunicações sociais e interferem na definição de identidades pessoais e sociais. (ALMEIDA, 2003).

Desta forma compreende-se que, a agricultura familiar desempenha um papel importante para as dinâmicas sociais e para a manutenção da vida humana. São construtoras de representações sociais e identidades. Como destaca Schneider (2016), a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura - FAO (2014a; 2015) estima que a agricultura familiar é de longe a forma mais prevalente de agricultura no mundo. Estimativas sugerem que ela ocupa cerca de 70-80% das terras agrícolas e produzem mais de 80% dos alimentos do mundo em termos de valor.

Além da sua presença em diferentes países na América Latina e no Caribe - ALC, assim como suas potencialidades para o desenvolvimento rural nas regiões. A agricultura familiar soma cerca de 81% dos estabelecimentos agrícolas da ALC, responde entre 27% e 67% do total da produção alimentar por país, ocupa entre 12% e 67% da superfície agropecuária e gera entre 57% e 77% do emprego agrícola na região. (SCHNEIDER, 2016, p. 12-14). Porém, na contemporaneidade em Silveira Martins, as famílias da agricultura familiar enfrentam conflitos que perpassam a substituição da policultura pela monocultura.

Como narrado pelo depoente I, os produtores de soja estão contaminando os “olhos d'água” do município com o uso incorreto e indiscriminado de agrotóxico, além de estarem aterrando os córregos das áreas de plantio. Também deixa claro a perda de árvores frutíferas e parreirais devido ao defensivo agrícola, “[...] é difícil se manter no campo, ainda mais nós que vivemos da venda de frutas, verduras, legumes, mandioca e do leite, com essa invasão da soja, as pessoas estão plantando até no quintal de casa”. (Depoente I. Trabalho de campo, 19 de Maio de 2019).

Outra questão é a diferença de rendimentos entre os agricultores familiares e os produtores de monoculturas. As áreas em que a paisagem é uma constante, a infraestrutura é melhor e as ruas dos espaços de convivência são pavimentadas. Já, nas áreas onde as propriedades se mantêm pela policultura ocorre o oposto. Os Jovens dessas áreas, também seguem caminhos diferentes, os que migram para os centros urbanos da região central em busca de trabalho, na maioria de baixa remuneração, são os da agricultura familiar, enquanto os filhos da monocultura migram para cursar o ensino superior.

A paisagem vivida pelos silveirenses representa as redes da agricultura familiar, caracterizada por marcas similares em todos os espaços, como: as hortas domésticas, as criações de galinhas. Mas, nos últimos anos, essas marcas foram e estão desaparecendo, assim

desfavorecem a reprodução do próprio núcleo familiar, o qual depende de “[...] processos sociais e econômicos mais gerais e depende de múltiplos fatores, endógenos e externos que, em resumo, configuram uma construção social e política”. (SCHNEIDER, 2016, p.19). Como apresenta a figura 25.

Figura 25 - Consulta popular para investimentos e serviços na região da Quarta Colônia



Fonte - Prefeitura de Silveira Martins, 2019. Acessado em: 30 de setembro de 2019.

A postagem destaca a votação que ocorreu entre os dias 4, 5 e 6 de Setembro de 2019 para a consulta popular, instituída desde 1998 pelo Estado do Rio Grande do Sul, através da Lei nº 11.179, em que a população define diretamente parte dos investimentos e serviços que constarão no orçamento do Estado. Os municípios participantes (Agudo, Dilermando de Aguiar, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Formigueiro, Itaara, Ivorá, Jari, Júlio de Castilhos, Nova Palma, Pinhal Grande, Quevedos, Santa Maria, São João do Polêsine, São Martinho da Serra, São Pedro do Sul, Silveira Martins, Toropi, Tupanciretã) escolheram entre três projetos, são eles: Estimular a agroindustrialização da produção regional; Regularização fundiária no meio rural; Qualificação Técnica e Gerencial para unidades de Produção Familiar o destino do recurso. (Fonte - silveiramartins.rs.gov.br. Acesso em: 30 de setembro de 2019).

Silveira Martins, como mostra a Figura 25, teve um total de 143 votantes, de um total de 2384 habitantes (IBGE - CENSO, 2010), destes apenas 10 optaram por “qualificação

técnica e gerencial para unidades de produção familiar”, ou seja, 6,8% dos votantes. Esse contexto vai ao encontro do descrito por Schneider (2016) quando destaca que a permanência da agricultura familiar depende de fatores endógenos e exógenos. As estratégias precisam ser pensadas e articuladas entre os agricultores, caso isso não ocorra, em pouco tempo, a invasão de máquinas tomará o campo promovendo o total esvaziamento de pessoas, transformando por completo a paisagem rural tradicional, deixando o sentimento bucólico na imensidão do silêncio.

Tendo em vistas os aspectos observados, percebe-se que a paisagem silveirense possui uma estrutura paisagística formada por fronteiras de conflitos entre paisagens. Um grupo buscando se manter vivo no campo, lutando com as práticas e técnicas tradicionais herdadas pelos seus antepassados, como o cultivo de parreirais para a fabricação de vinho e a celebração da colheita em festas religiosas e profanas. Outro grupo buscando estar inserido no mercado capitalista, promovendo o avanço das monoculturas pelo espaço agrícola de Silveira Martins. Nesse contexto, observam-se os conflitos entre o dito “velho e o novo”, “retrógrado e o moderno”, entre outros que configuram a paisagem por meio das representações sociais correspondente a cada um.

4.3 REMANESCENTE E REMINISCÊNCIAS DE UMA PAISAGEM CULTURAL

A ideia de leitura perpassa o pensamento de que ler só se refere a livros. Ela aplica-se a um vasto universo, como lembra Pidner (2017, p. 38), “nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso olhar”. Ao ler a paisagem de Silveira Martins se encontra algumas unidades remanescentes de paisagem cultural do imigrante italiano. Elas evocam o tempo passado e algumas reminiscências sociais que podem ser interpretadas e reconstituídas por meio de representações descritas em narrativas.

A autora observa que em uma retrospectiva geográfico-histórica do processo de representação e de leitura espacial pode nos remeter aos primórdios da humanidade, pois a necessidade de grafar o mundo, de deixar marcas, inscrições, é tão antiga quanto o homem. E que, tais grafias, são representações de experiências espaciais dos sujeitos. “Esses traços, impressos em diferentes suportes possíveis, expõem as apropriações, as leituras e as representações do espaço, inerentes aos sujeitos”. (PIDNER, 2017, p. 56).

Algumas reminiscências são evidenciadas a partir do olhar do locutor sobre o objeto ou a estrutura física da paisagem, como os morros formadores do Arroio Guarda-Mor (Figura 26) onde está situada à comunidade da Linha Seis Norte de Silveira Martins. Ao lançar o olhar para eles o participante J revela, *“foi por cima dos morros que os primeiros imigrantes chegaram aqui, gostaram do lugar porque lembrava o vale de onde saíram da Itália, foi muito difícil, alguns traziam no ombro as imagens dos Santos Padroeiros da comunidade”*. (Trabalho de campo, 03 de Fevereiro de 2019).

Figura 26 - Morros destacados pelo depoente, Linha Seis Norte - Silveira Martins



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

Ele acrescenta que os imigrantes que ali se estabeleceram derrubaram a mata “virgem” para a construção das casas, da Capela, das lavouras de fumo, de feijão e para a formação de pastagens. No processo os morros ficaram praticamente sem vegetação nativa, segundo o depoente, na derrubada de árvores e limpeza do terreno a paisagem cultural começou a se constituir por meio do trabalho humano sobre a natureza, a mata fechada deu espaço para elementos que os identificam quanto descendentes de um grupo étnico. (Trabalho de campo, 03 de Fevereiro de 2019).

Já ao apontar para um dos morros o Depoente L, lembra-se de um episódio triste para a sua comunidade. *“A capela foi completamente destruída por uma enxurrada de lama que*

desceu daquele morro, acho que foi o ano de 1940”, no relato, exalta o altar da Capela, que, segundo ele ficou em pé com os Santos Padroeiros da comunidade e, que a “nova” capela foi construída no mesmo lugar devido a esse fenômeno, a experiência ambiental narrada encontra-se fundamentada em sentimentos topofílicos pela paisagem.

Por causa do sentimento de topofilia ou de topofobia a um ambiente segundo Guimarães (2003, p. 65), “[...] a realidade geográfica apreendida induz à gênese de imagens que, por sua vez, ao serem evocadas, geram imagens complementares, nas lembranças e reconstruções do mosaico paisagístico “vivido”, de onde a integridade espaciotemporal” invoca a memória cultural do imigrante europeu e seus fundamentos em tempos de homogeneização cultural, pois a paisagem também é um lugar de memória. (BESSE, 2014, p.33).

O modo de vida da agricultura familiar camponesa é um remanescente cultural da paisagem silveirense. Uma marca expressiva da família camponesa segundo Fernandes e Salomoni (2015, p.157), “é o seu coletivismo interno, expresso na organização e na divisão do trabalho, ou seja, cada família adapta sua capacidade de trabalho conforme as características de gênero e idade dos membros do grupo doméstico”. Nesse contexto, “[...] todos os membros da família participam das tarefas ligadas à produção agrícola, direcionando seus esforços para a formação de um patrimônio fundiário e de reprodução do capital produtivo.” (FERNANDES E SALOMONI, 2015, p. 157).

O descrito é visualizado, também, nas áreas rurais destinadas à monocultura. As gerações mais longevas estimulam a manutenção da dinâmica descrita por Fernandes e Salomoni (2015), como revela o emissor M, cabe destacar que a família dele aderiu a prática da monocultura com entressafra, mesmo assim, observa que, “[...] *somos (se refere a família) agricultores por isso temos a obrigação de ter uma horta para as verduras e legumes, vacas para o leite e o queijo, pomar diversificado, parreirais, algumas galinhas e porcos e, também, uma pequena lavoura para o cultivos de mandioca, milho, feijão, batata doce entre outros alimentos consumidos aqui em casa*”. (Trabalho de campo, 26 de abril de 2019).

A divisão do trabalho por gênero também é narrado pelo emissor M, quando destaca que

[...] o trabalho no campo hoje é fácil, tem máquina pra tudo, os homens nem cansam mais, antigamente para dar conta ia toda a família para a lavoura, hoje só os homens vão. Como as mulheres sofriam! Iam dormir mais tarde para poder deixar pronta a comida e, na lavoura, além de ajudar a plantar batatinha tinham que cuidar dos filhos. Era difícil, tínhamos que abrir buraco por buraco, hoje! As

mulheres só cuidam dos serviços domésticos, da comida, da horta, das galinhas e tiram o leite, claro que, quem ainda tem vaca. (Trabalho de campo, 26 de abril de 2019).

O contexto descrito atribui uma identidade à paisagem dos espaços rurais, por mais que ela não seja percebida ou esteja invisível para alguns olhares, ela está lá, presente no cotidiano, praticamente, em todo o rural silveirense, são remanescentes de resistência de uma paisagem cultural que se nega à homogeneização. Assim, na monotonia da paisagem do agronegócio, em seu interior se tem uma diversidade promovida pela prática do saber e fazer da agricultura familiar camponesa. Contudo, ela só se mantém em propriedades rurais que os descendentes dos imigrantes italianos mais longevos estão presentes, já nas demais, ocorre a venda ou o arrendamento das terras favorecendo o aparecimento de taperas em Silveira Martins.

Para Teló e De David (2012), as taperas (Figura 27) são marcas deixadas na paisagem pelo êxodo rural. O qual segundo os autores é um processo de despovoamento do espaço rural que está ligado a um processo maior, que abrange boa parte do mundo e intensificado no Brasil com a industrialização, “no início do século passado, momento em que as relações capitalistas de produção passaram a se fazer mais presentes, tanto no urbano quanto no rural”. (TELÓ; DE DAVI, 2012, p. 252). Também destacam, que o “grande responsável pelo êxodo rural no Brasil foi o processo de modernização da agricultura, que, aparentemente, traria apenas benefícios à população rural” (Idem, p. 253) o que não ocorreu.

Figura 27 - Tapera localizada na comunidade de Val Feltrina



Fonte - Trabalho de Campo, 2019.

Conforme moradores da comunidade de Val Feltrina, os mais longevos estão morrendo e os filhos que ainda, estavam com os pais migraram para a Santa Maria, pois a maioria não quer viver da agricultura em virtude de terem vivenciado as dificuldades passadas por seus familiares e, também, devido às terras estarem localizadas em uma região de vales, com inúmeras Áreas de Preservação Permanente (APP). Assim, acabam por negociar o uso das terras herdadas e os lugares de moradia, nesta movimentação, acabam sendo repatriados pela vegetação anteriormente removida para a sua construção, a Figura 28 demonstra o descrito.

Alguns estão se desfazendo das propriedades, vendendo-as para os urbanos, em geral de Santa Maria, as quais as utilizam para lazer promovendo uma nova roupagem para a paisagem. Considerando o que foi apresentado, pode-se concluir que as representações sociais mediam as dinâmicas espaciais e estimulam as reminiscências dos sujeitos sobre a paisagem que as experienciaram, destacando o sentimento de topofilia dos mesmos por ela. Também, podem-se visualizar fragmentos paisagísticos de resistência, que revelam modos de vidas que o capitalismo busca invisibilizar e eliminar como a agricultura familiar camponesa, que está sendo suprimida e expulsa de seu território por meio da venda ou o arrendamento das terras

para a monocultura ou produção de pastagens, deixando apenas marcas de um tempo representadas pelas taperas.

4.4 A RELIGIOSIDADE NA PAISAGEM

O objeto da Geografia para Maciel e Lima (2011, p. 159-177) é o espaço, o qual deve ser analisado e compreendido como um conjunto de processos naturais e antrópicos que estão dentro de um sistema que gira em torno da cultura, economia e religião. Maciel e Lima (2011, p. 159-177) lembram, ainda, “[...] que a sociedade humana vem, há milhares de anos, sendo responsável pela criação e transformação de segmentos inteiros de paisagens, tais como: enormes canais de irrigação, a construção de grandes espigões – as cidades em geral” (MACIEL; LIMA, 2011, p. 159-177).

Na mesma linha de pensamento, Besse (2014, p. 34) afirma que “[...] a paisagem, nesse sentido, é como uma obra, e a terra, o solo, os elementos naturais são como materiais aos quais os homens dão forma segundo valores culturais que também evoluem no tempo e no espaço”. As reflexões de Conti (2014, p. 239-245), caminham ao encontro, pois para ele “[...] a paisagem expressa uma ideia de síntese muito mais completa que a de região, território, espaço e lugar, categorias que também são amplamente estudadas pelos geógrafos”. Conti (2014, p. 239-245) observa que o “[...] homem que prevalece sobre a natureza na criação e diferenciação (ou na definição da identidade) das paisagens, ou seja, a história e a cultura são fatores muito relevantes nesse processo” de compreensão das dinâmicas espaciais.

Na mesma linha de pensamento Sauer (1998) enfatiza

[...] por definição a paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens. Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes. A paisagem é considerada, portanto, em um certo sentido, como tendo uma qualidade orgânica. (SAUER, 1998, p.23)

Desta forma, a paisagem pode ser entendida como um resumo das relações entre o homem e o meio ambiente, ou seja, é um reflexo da relação homem/meio. As transformações são expressas por meio das representações sociais resultantes da interação. Um exemplo são as que refletem a religiosidade de um grupo social, tais como: os símbolos da cultura Católica Apostólica Romana, materializados por meio da colonização europeia em inúmeras paisagens do globo terrestre, atribuindo a elas um sentido sagrado e místico.

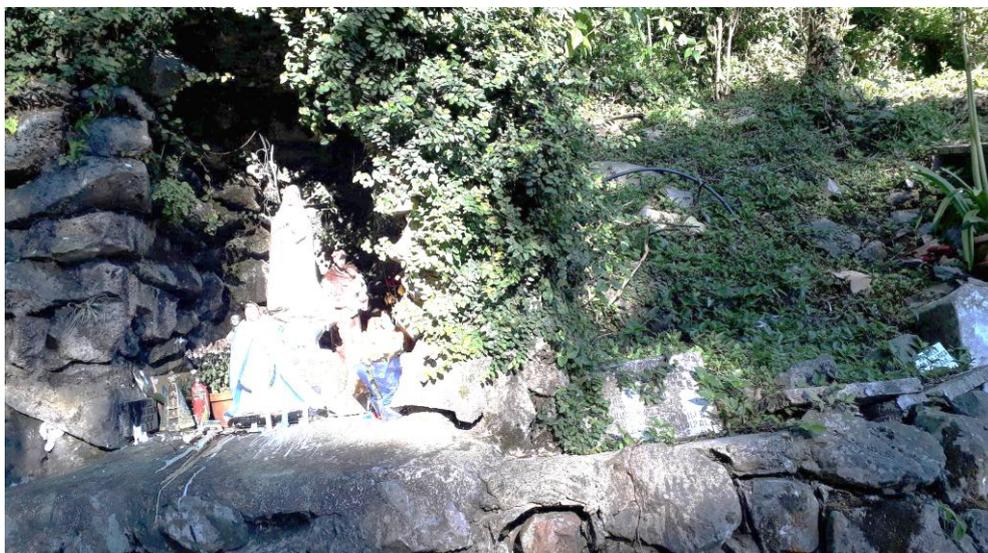
A compreensão de Bertrand (2007, p. 223-225) colabora com o descrito, pois o autor aborda que qualquer paisagem é ao mesmo tempo social e natural, subjetiva e objetiva, espacial e temporal, produção material e cultural, real e simbólica. Consoante com o ponto de vista de Landin (2004, p. 34), que afirma que a sociedade e suas instituições são um “organismo ativo, empreendedor, ambicioso, que pode selecionar e modificar sua própria paisagem”. A paisagem, para a autora, é uma forma de organizar os espaços geográficos que vem sendo utilizada desde os primórdios da humanidade. Cabe destacar que a paisagem se “altera em razão das peculiaridades fisiológicas e ambientais do sítio natural e em razão da história do homem” (LANDIN, 2004, p. 34-35). Observa, ainda, que a paisagem é um reflexo dos sistemas climáticos, naturais e sociais. (LANDIN, 2004, p. 35).

Por esse motivo que a dimensão subjetiva e as experiências vividas pelo indivíduo e os grupos sociais são defendidas pela perspectiva humanista da Geografia de acordo com Rosendahl (1996), nesse contexto a autora envolve o ato religioso. Para ela, esse paradigma de conhecer o homem, não somente em suas percepções do mundo, mas também pelo imaginário que elabora acerca do meio em que vive, torna possível uma reflexão do fenômeno religioso na Geografia (ROSENDAHL, 1996, p. 23). Visto que ele, o fenômeno religioso, por meio de objetos sagrados e dos templos que os abrigam dá à paisagem uma identidade e lhe atribuem uma misticidade.

A paisagem de Silveira Martins reflete a influência do catolicismo nas dinâmicas sociais. Os símbolos católicos estão por toda sua dimensão facilitando a sua propagação, um exemplo são as grutas como mostra a Figura 28, e a educação das diferentes gerações na crença por meio das experiências vivenciadas na interação com eles.

Nessa perspectiva educacional, a paisagem religiosa possui sentido e razão para os sujeitos que fazem parte dela, além de ser, muitas vezes, o centro das relações sociais existentes no município. Isso ocorre devido ela, a paisagem, ser repleta de “elementos sobre os quais os atores sociais constroem significados para as ações e interações sociais concretas e temporais, assim como, sustentam as formas temporais vigentes, as instituições e seus modelos operativos” como o da Igreja Católica (BARROS, 2016, p. 33-34).

Figura 28 - Gruta Nossa Senhora de Fátima - Silveira Martins



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

A Gruta de Nossa Senhora de Fátima está localizada próxima ao Monumento do Imigrante, onde os devotos acendem suas velas, realizam seus pedidos e abastecem seus reservatórios com água tida como “purificada” na bica ao lado da Gruta. Trata-se de um lugar de meditação e de fé para os silveirenses. A manifestação do sagrado na paisagem se dá como uma realidade de ordem diferente da realidade do cotidiano, para Rosendahl (1996), são inúmeras as hierofanias (algo do sagrado que se revela) presentes nas paisagens que possuem elementos sagrados.

Considera-se que são as simbologias que sustentam a crença no município por estarem corporificadas em todas as espacialidades, são elementos visíveis do catolicismo que atraem a devoção ao místico, como a Gruta descrita e, também, os capitéis, as capelas e a Igreja Matriz, todos formam um conjunto de lugares, objetos, representações que atribuem uma identidade religiosa a paisagem de Silveira Martins, no caso católico.

A difusão de símbolos da crença no espaço geográfico pode ser explicada com as reflexões de Barros (2016, p. 41), quando o autor observa que, a modernidade eurocêntrica ocidental, com suas teorias, conhecimentos e paradigmas como verdades absolutas e universais foram desqualificando e silenciando racionalidades, outras práticas e saberes dominando a paisagem. Este entendimento só é validado em Silveira Martins, em virtude da devoção a doutrina católica já fazer parte da cultura dos imigrantes italianos que ali se estabeleceram no período das migrações.

A paisagem é uma construção contínua, por esse motivo a sua leitura é social e ao mesmo tempo particular, onde os conhecimentos, a memória e os sentimentos de todas as pessoas se sobrepõem a identidade da paisagem (VERDUM, VIEIRA; PIMENTEL, 2016). Assim, para o homem religioso decifrar a paisagem é simples, por ser ele que elabora e classifica as coisas no âmbito do sagrado e do profano, e nela é educado e educa as novas gerações, pois tem necessidade de ordem, de orientação e do espiritual (ROSENDAHL, 2001). Nessa perspectiva, conclui-se que “[...] o impacto da religião na paisagem não está limitado somente às características visíveis, tais como locais de culto, apesar destes mostrarem mais claramente formas e funções religiosas, mas também na experiência da fé” (ROSENDAHL, 2001, p. 27).

Desta forma a paisagem religiosa se comunica com fiéis através dos símbolos sagrados, um exemplo é a Cruz, pois para o cristão ela se revela como sagrada e aponta para uma realidade sobrenatural, algo que não está ali (ROSENDAHL, 1996, p. 27). Porém, o verdadeiro significado do sagrado vai além de imagens, templos e santuários, porque as experiências emocionais dos fenômenos sagrados são as que se destacam da rotina e do lugar comum (TEIXEIRA, 2009).

A paisagem permite a apreensão e percepção de elementos que simbolizam as práticas religiosas, assim como, expressa as marcas da dinâmica que permite entendê-la por meio de seus símbolos, pois ela é a representação das intencionalidades da religião. Em Silveira Martins existem símbolos do catolicismo com mais expressividade como a Cruz branca do Monumento ao Imigrante, já apresentado neste capítulo, localizada logo na entrada da cidade e outros menos expressivos como as pequenas grutas nos jardins em frente às residências da comunidade de adeptos, esse fenômeno aponta para o entendimento de que a Igreja Católica Apostólica Romana é hegemônica no território.

Como descrito por Teixeira:

A paisagem religiosa expressada através das formas arquitetônicas e de símbolos religiosos exerce uma demarcação de território para poder traduzir os valores e crenças das pessoas. Aos olhos dos fiéis é considerada como templo sagrado, ou seja, como espaço onde eles se comunicam com forças sobrenaturais. Invocando-as, ou até mesmo dedicando por meio de cultos, preces como forma de reverência ao seu ser supremo. (TEIXEIRA, 2009, p. 43).

O autor também destaca que a forma de cultuar depende de cada segmento religioso (TEIXEIRA, 2009). O culto na paisagem, segundo Gil Filho (2011), se apresenta além da materialidade imediata dos elementos historicamente produzidos pelas religiões nesse

processo. Para ele são as paisagens que remetem às representações religiosas cujos significados emergem a partir das tradições e dos textos sagrados cultuados por uma comunidade como a silveirense. Isso se dá devido aos elementos da paisagem religiosa formar redes religiosas fragmentadas e articuladas dentro de uma mesma estrutura ou de uma religião em relação a outras (Gil Filho, 2011).

O autor acrescenta que:

A paisagem religiosa deve ser entendida como texto e imagem que refletem os significados que são dados pelas premissas religiosas. Também podem ser consideradas como camadas de representações culturais superpostas em diferentes tempos e por diferentes matrizes religiosas. Todavia, as estruturas religiosas como marcas da paisagem promovem uma separação entre o objeto religioso constituído e o mundo da materialidade imediata. As estruturas religiosas compreendem uma realização do espírito humano sobre a matéria e representam a imaginação e a interpretação das realidades religiosas expressas e significadas enquanto paisagem. Desse modo, a paisagem religiosa é uma expressão de representações culturais de significados que testemunham a prática religiosa do homem e seu anseio de transcendência. (GIL FILHO, 2011, p. 3).

Neste sentido, a paisagem de Silveira Martins transmite a devoção das comunidades de crentes do catolicismo, pois ela é um somatório da historicidade da fé dos sujeitos, moldadas sobre três valores: o espiritual, o cultural e o estético, onde o espiritual reuniu os significados místicos e éticos da religião refletidos em imagem e prática social; o cultural que se refere às praticas sociais e aos costumes e, o estético, que é a expressão da religião em marcas pictóricas que refletem o contexto histórico do lugar (GIL FILHO, 2011, p. 3). O descrito é visto, percebido e sentido nas festas para os Santos Padroeiros, eventos que podem ser entendidos como uma síntese da fé das comunidades rurais silveirenses, pois eles abarcam: o ato espiritual, os valores culturais da religião e as representações por meio de elementos visíveis como as imagens dos Santos Padroeiros, a Cruz e os Templos.

O núcleo da paisagem religiosa de Silveira Martins é o templo, a Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua (Figura 29), ele possui seu acervo: capelas, capitéis e grutas espalhadas pelo município. Cada Linha e Vila possuem a sua capela, seu capitel, suas grutas e o seu Santo Padroeiro, porém, somente as comunidades com um número de famílias expressivos, na atualidade, promove a festa para o seu padroeiro.

Figura 29 - Igreja Santo Antônio de Pádua - Silveira Martins



Fonte - acervo particular da autora, 2019.

Assim como a Igreja Matriz as Capelas foram estruturadas de acordo com o terreno habitado por sua comunidade de fiéis, pois em Silveira Martins existem diferentes formas de relevos, por este estar localizado na região central do estado do Rio Grande do Sul, em uma faixa transitória entre o Planalto Médio e a Depressão Central. Característica que, de certa forma, determinou o uso da terra no município, contudo, cabe lembrar que estrutura fundiária está baseada em pequenas propriedades rurais da agricultura familiar que fazem parte da comunidade de católicos mesmo nas áreas das monoculturas.

Devido às diferentes formas de relevo (planaltos e depressões) sensações são estimuladas nos lugares de fé da paisagem, alguns afirmam que nas Capelas localizadas nos vales o frio, devido à mata ciliar, e ao barulho da água escoando nos córregos de água, até mesmo no verão estimulam a hierofania. Já em outro o sentimento de solidão é estimulado devido ao silêncio e a sonora dos animais, principalmente de pássaros e patos, sensação que nem a festa para o Santo Padroeiro anula. As narrativas do depoente N ratificam o descrito:

Antigamente se via na paisagem crianças correndo pelos campos, subindo em árvores, brincando no rio. Também, se tinha mulheres

fofocando no salão enquanto os homens jogavam futebol, bocha ou cartas. Hoje, às vezes um que outro aparece, porque estão todos velhos. Crianças quase não existem mais e, os poucos jovens foram pra cidade. A nossa Linha está envelhecendo junto com os seus moradores, a paisagem mostra isso, olha só como está a nossa escola. (Trabalho de Campo, 03 de fevereiro de 2019).

Ao se referir à escola o depoente aponta em sua direção e descreve com muita tristeza o tempo em que a sua cor amarela se sobrepunha ao verde da vegetação, na atualidade a vegetação está se apropriando de sua estrutura e apagando o tímido amarelado que ainda lhe resta. Desta forma, compreende-se que “[...] a paisagem é o conjunto de formas naturais e culturais associadas em área” (CORRÊA, 2014, p. 41). O autor, também destaca que as formas que constituem a paisagem estão integradas entre si, apresentando funções que criam uma estrutura que revelam textos e contexto. (CORRÊA, 2014).

A paisagem religiosa através dos símbolos visíveis demonstra a hegemonia do catolicismo e a influência dos mesmos no modo de vida local. Contudo, devido às transformações que vêm ocorrendo com a inserção de novos modos de vida e a falta de descendência para o vigente, alterações nas estruturas ocorrem reconfigurando a paisagem religiosa e a rural por meio da inserção de outras simbologias. As reflexões de Rosendahl (2018, p. 394), formulam que isso ocorre porque a paisagem é “[...] uma marca, pois é reflexo do comportamento de um determinado grupo social, mas também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação; ou seja, é meio e condição de reprodução da cultura na paisagem”, seguindo essa linha de pensamento pode-se inferir que, se muda os hábitos e costumes culturais conseqüentemente se muda a paisagem e, alteram-se as percepções.

Por ser através das interações e intervenções humanas no espaço geográfico que as representações sociais são impressas atribuindo significado a ela. Nessa perspectiva, Neto e Ludka (2017) abordam que “[...] a paisagem como elemento cognitivo humano e perceptivo é um processo de apreensão, neste sentido compreende-se que cada pessoa tem uma forma de compreender de maneira subjetiva a paisagem [...]”, por isso, os autores afirmam que “[...] a subjetividade do homem é influenciada pela sua realidade, ou seja, a sua percepção é movida pelo contexto social, cultural, econômico e neste caso de estudo religioso que o influencia e conseqüentemente o fará perceber o lugar de alguma maneira [...]”, o qual pode “[...] causar medo, ou um sentimento devocional de fé ou de consentimento com o que está sendo percebido é a sacralidade do espaço[...]”. (NETO; LUDKA, 2017, p. 334).

Dessa forma, se pode considerar que a paisagem é uma síntese da relação homem/meio, e que são as representações sociais dos grupos culturais que dão uma identidade a ela. Os imigrantes italianos que estabeleceram moradia em Silveira Martins trouxeram consigo a tradição de cultivar o catolicismo e, ao configurar o seu espaço de vivência materializaram no espaço esse hábito por meio de simbologias específicas da crença, atribuindo à paisagem um significado sagrado e místico, na qual as novas gerações são educadas. Assim, se conclui que na paisagem do município existem lugares que fortalecem a hegemonia da Igreja Católica Apostólica Romana que a identifica.

Em síntese o capítulo destaca a modelagem paisagística de Silveira Martins, suas expressões econômicas, culturais e religiosas. A base econômica reflete as redes da agricultura familiar destinada à policultura e monocultura, essa última prática está se apropriando dos espaços da produção diversificada causando alguns conflitos entre o dito “velho” e “novo”, além de suprimir os rituais herdados dos imigrantes italianos, descaracterizando assim a identidade moldada ao longo do tempo, favorecendo, também, a não difusão do sentimento de pertencimento entre os novos membros da comunidade silveirense. As questões culturais e religiosas são expressas por meio de simbologias materiais e imateriais nos lugares da paisagem de Silveira Martins e podem ser percebidas e vividas juntas nas festas para os Santos Padroeiros, que se caracterizam como um ritual tradicional das comunidades rurais da agricultura familiar camponesa revelada pela paisagem.

5 OS LUGARES NA E DA PAISAGEM SILVEIRENSE

As unidades de paisagem são constituídas por lugares edificados por grupos humanos. Em Silveira Martins elas são compostas pelos lugares de fé, de moradia e de trabalho com suas especificidades e problemáticas derivadas da globalização. Mas, é o conceito de comunidade que caracteriza e identifica os grupos de pessoas que têm esses lugares como mediadores da vida individual e coletiva, são eles que ganham ênfase nesse capítulo. Também, será apresentada a dialética entre o que é tido como do passado e contemporâneo, destacando característica de ambos e, algumas atividades realizadas antes, durante e depois das festas, como o processo de seleção da carne para o almoço.

A dinâmica do almoço e a interação entre os participantes do evento com o lugar é abordada. Destaca-se o lugar de festa como um espaço cultural, impregnado de saberes e fazeres, mas também, que vem ganhando nova roupagem por meio da inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no campo. Na sequência, são os lugares para os Santos Padroeiros, bem como a historicidade e os bens materiais e imateriais, que serão abordados. Além da divisão hierárquica do templo ensinada para as novas gerações e o esforço comunitário para construir e manter a Igreja Matriz e as Capelas.

5.1 OS DIFERENTES LUGARES QUE COMPÕEM O LUGAR DA COMUNIDADE

A paisagem de Silveira Martins revela, em suas unidades, a existência de diferentes lugares: o lugar de moradia, o lugar de trabalho, o lugar de socialização, de festa e o lugar de fé. O conjunto descrito constitui as localidades rurais que junto com a sede compõem o mosaico paisagístico do município. São nos lugares onde as dinâmicas que sustentam a vida individual e coletiva acontecem, por esse motivo Tuan (1983, p.44) observou que, “as pessoas em todos os lugares tendem a considerar a sua cidade natal como lugar central do mundo”, assim, o “lugar é um mundo de significado organizado”. É essencialmente um conceito estático que representa algo, alguém ou um grupo.

A fala do depoente N confirma a ideia de Tuan (1983), “[...] *para mim a Linha Três Sul é o melhor lugar do mundo, possui a paisagem mais linda. Tenho um apartamento mobiliado em Santa Maria, mas não uso, gosto da vida no campo*”. O depoente complementa dizendo que do conjunto de lugares o sagrado é o mais importante da localidade, porque mantém os moradores unidos. Acrescenta também, que todos os membros comunitários são

católicos e frequentam a capela vão às missas mensais e que realizam o trabalho de visita aos idosos e enfermos para levar a comunhão.

O cuidado para com o outro é um modo cooperativo que faz parte do cotidiano dos moradores das comunidades rurais do município. As relações regem a convivência, o cotidiano. São “[...] relações de sangue, de lugar e de espírito, derivadas do parentesco (casa), da vizinhança (convivência na aldeia) e da amizade (identidade e semelhança nas profissões)” (LEMOS, 2009, p. 203). Para a autora na comunidade é muito importante a “compreensão” (consenso), “que é um modo associativo de sentir comum e recíproco. Esta compreensão implica a posse e o desfrute de bens comuns, amigos e inimigos comuns, e também a vontade de proteção e defesa recíproca”.

Nesse contexto Lisboa (2009, p. 30) observa, “cada localidade possui características próprias que, em conjunto, conferem ao lugar uma identidade própria e cada indivíduo que convive com o lugar, com ele se identifica”. Por serem nesses espaços que se materializa o patrimônio cultural material e imaterial dos grupos desenvolvidos para se adaptarem às condições geográficas do terreno, pois eles possuem a finalidade de mediar e manter a vida em comunidade. Assim, o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado para os seus construtores e herdeiros (TUAN, 1983, p. 151). As formulações de Saquet (2015) concordam com o descrito até o momento, para ele “o lugar tem centralidade e significa uma condição da experiência humana, que implica identidades coletivas ou individuais”.

O autor também acrescenta,

A experiência do lugar tem papel fundamental na reprodução da vida em sociedade e na construção da identidade. [...] o lugar pode ser compreendido como um contexto, mediações entre particular e universal e como componente de nosso sentido de identidade; como território e territorialidade, pela relação afetiva entre sujeitos e destes com o ambiente de vida cotidiana (SAQUET, 2015, p. 109).

O lugar aparece como ligação de chão, enraizamento, anexação, fixação de uma comunidade em um espaço. Dessa forma o lugar garante a manutenção interna da situação de singularidade, por isso, possui íntima relação com os aspectos culturais que marca cada sociedade, como com os símbolos da cultura religiosa. O catolicismo estabeleceu o seu monopólio por meio dos templos e da doutrinação de fiéis em Silveira Martins. Construiu inúmeros lugares de fé católica nas unidades de paisagens do município, como os capitéis.

De acordo com a entrevistada O, os capitéis (Figura 30) servem como refúgio para os homens e mulheres das localidades rurais, são de fácil acesso, por estarem localizados em pontos onde várias estradas do meio rural se cruzam, “*são lugares para a paz, para a meditação. Qualquer pessoa que estiver passando pode chegar nele e ter um encontro com Deus*” (Entrevistada O, trabalho de campo, 22 de julho de 2019).

Figura 30 - Capitel da encruzilhada de Val Feltrina - Silveira Martins/RS



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

As proposições de Rosendahl (1996, p. 35-36), destacam que “[...] o lugar é conhecido não porque se viu, mas porque se sabe que ele existe que se pode vê-lo e cuja existência é garantida por testemunhos”, além de atribuir um “ar” cênico na imensidão do campo. O pároco de Silveira Martins explica que o termo capitel para os católicos significa: “desceu do alto” e que eles são pontos de orações e seu surgimento está ligado a uma homenagem de um devoto da comunidade a uma Santidade. (Trabalho de campo, 17 de novembro de 2019).

A criação de lugares é um ato social. Os lugares diferem porque as pessoas os fizeram assim, escreve Nortom (2000). Para Tuan (2013, p. 14) o lugar “é a pausa no movimento que torna possível que a localização se transforme em lugar”, sendo essa pausa que a entrevistada O se referia. Dardel atribui ao lugar uma interpretação mais profunda, poética, e diz que é à base da nossa existência, por esse motivo sempre iremos retornar a ele,

[...] em nossa relação primordial com o mundo, ao nos abandonarmos às virtudes protetoras do lugar, firmamos nosso pacto secreto com a terra, expressamos por meio de nossa própria conduta, que nossa subjetividade de sujeito se encolha sobre a terra firme, se assente, ou melhor, repouse. É desse lugar, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspectos, para trabalhá-lo. (2011, p. 40-41).

O descrito pelo autor é percebido nas relações familiares de produção, de convivência e de sociabilidade do campo de Silveira Martins. E, também, na migração dos jovens do meio rural para o urbano, abandonando, arrendando ou vendendo suas terras para os adeptos da monocultura ou para os migrantes do urbano, indo em busca da “liberdade” oferecida pelo espaço (TUAN, 1983). Processo que modifica toda a dinâmica dos lugares e afeta as noções de sustentabilidade, patrimônio cultural, preservação ambiental, saberes e fazeres, gastronomia, festejos, ou seja, favorece a descaracterização da maioria dos elementos que fazem parte do conteúdo central dos lugares de moradia. (TEDESCO, 2018, p. 30).

O abandono dos lugares de moradia é percebido em toda a paisagem rural silveirense, de norte a sul e leste a oeste, a maioria para dar lugar a operações agrícolas. A Figura 31 demonstra o descrito, por meio da queimada, prática primitiva da agricultura, destinada à limpeza do terreno, se promoveu a remoção da vegetação na circunvizinhança de um ex-lugar de moradia, anteriormente abandonado, para a inserção de lavouras temporárias de trigo, soja e milho (Trabalho de campo, 16 de outubro de 2019).

Figura 31 - Queimada da vegetação na circunvizinhança do ex-lugar de moradia-Marco 50 - Silveira Martins



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

Junto com a vegetação queimada, a tipicidade territorial do lugar deixa de existir e o espaço entra na lógica dos iguais, o que para o neoliberalismo é importante, visto que “[...] capital precisa que todos sejamos iguais, até mesmo os turistas; o neoliberalismo não funcionaria se as pessoas fossem diferentes [...]” (CHUL HAN, 2018), em vista disso os lugares estão se tornando iguais, como abordado anteriormente, até os lugares de moradia uma necessidade básica do homem desde os tempos de vida nômade, onde as cavernas eram o lugar perfeito, ou quando as moradas se tornaram fixas pelo início do cultivo da terra (THIES, 2018).

De encontro às reflexões referidas a Figura 31, De David (2019, p. 282 - 285) observa que existe um movimento que caminha em direção à valorização das paisagens rurais, ou seja, do patrimônio existente nos lugares, pois para ele a ruralidade vai além do agrícola, adquire outras formas, por meio dos lugares e das dinâmicas que os envolve, como o agroturismo, o ecoturismo, a preservação do meio ambiente pela criação de reservas, áreas e parques naturais, favorecendo a permanência do homem no campo.

As reflexões de Lenz, Cancelier e De David (2019, p. 81) destacam que a valorização do patrimônio cultural do rural ocorre por meio das experiências vividas nos lugares, pelos seus, visto que “[...] no contexto das relações com o território, à organização se dá pela necessidade e também pelo cuidado para com ele. Pois a manutenção das afinidades com os lugares é estabelecida ao longo do tempo pelas experiências vivenciadas[...]”. Assim, se armazenam memórias, não contribuindo para a ausência de referências formadoras de uma identidade, tanto espacial como cultural, além de favorecer que as representações dos lugares de vivências sejam elaboradas, assimiladas e recolhidas e, então, fixadas e armazenadas.

Isso só é possível porque a comunidade está vinculada a um espaço de identidade territorial e interesse comum, a um lugar de aperfeiçoamento espiritual, a um lugar de autoaperfeiçoamento, de serviços e aprendizado. Além da confiança mútua, a motivação familiar, a obediência e lealdade, características compartilhadas entre membros das comunidades rurais de Silveira Martins e destacadas por Lemos (2009) como elementos típicos do conceito de comunidade. Por isso, muitos silveirenses acreditam que o melhor lugar para se estar é em casa. Casa para eles é sinônimo de comunidade e de lugar de trabalho, o qual circunda o lugar de moradia, como mostra a fotografia a seguir (Figura 32).

É na labuta diária no lugar de moradia/trabalho e nas trocas entre os membros familiares e comunitários do rural de Silveira Martins, sustentadas pelo seu patrimônio material e imaterial, presente nas famílias e expressos na atividade, que se constituem os laços

entre os locais e a herança cultural. O saber fazer local é uma das heranças, passado de geração a geração, alguns jovens o praticam, outros não, depende do interesse do sujeito que o recebeu. Mas, a maioria o engaveta, retirando-o somente em caso de necessidade, como descreve a depoente P, “[...] *minha mãe me ensinou a fazer o agnolini, mas eu não gosto, dá muito trabalho. Só usei o que aprendi quando fiquei desempregada em Santa Maria, hoje já não fabrico mais, só quando ajudo na produção para a festa da comunidade*”.

Figura 32 - Espaço de moradia e de trabalho - rural de Silveira Martins



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

Em virtude do referido sobre alguns lugares existentes na paisagem de Silveira Martins, conclui-se que são neles que a identidade silveirense é moldada, por meio da interação dos mesmos com o meio (o lugar) e com os membros dos núcleos familiares e comunitários. Também, se percebe que os atrativos do mundo moderno estão se sobrepondo aos sentimentos promovem o desapego pelos lugares, salvo alguns, que ainda atraem os seus como os lugares de Festas para os Santos Padroeiros.

5.2 O MOVIMENTO INTERNO NOS LUGARES DE FESTAS DE PADROEIROS

Os lugares de festas são espaços de encontro entre o rural e o urbano, o tradicional e o moderno, as memórias e as novas experiências e entre o sagrado e o profano. Neste contexto, se constituem lugares parciais com culturas parciais, pois cada grupo possui seu modo de vida, de acordo com suas normas, regras, crenças, mitos e ritmos. As relações de poder nesses lugares também são vividas, sentidas, percebidas e compreendidas, pois o território se localiza em um lugar, contudo quando o mesmo é construído nas bases comunitárias, as relações de poder pela dominação do outro ou da terra é quase nula, mas existe.

Nos lugares de festas para os Santos Padroeiros o rural é percebido já no trajeto. As impressões começam no chacoalhar do carro na estrada de chão batido e, ao olhar pela janela, se observa uma paisagem predominante rural com grandes extensões de lavouras, pastagens, remanescentes do Bioma Pampa e Mata Atlântica, açudes, dentre outros. No lugar da festa as ruralidades são expressas pela simplicidade das pessoas, pelas práticas de trabalho, pelo saber-fazer e pelo conhecimento tácito, como: o de deixar a carne dependurada de um dia para o outro, visando que escorra todo o sangue antes de ser realizada a separação dos cortes que serão assados para o almoço, um trabalho destinado aos homens.

Nesses momentos as memórias coletivas são complementadas com lembranças e fatos descritos, corrigidos, incorporados por todos os presentes na ação, por que “a festa não representa um ‘lazer’: o seu sentido é um momento da vida com todos os seus atos - trabalhos, mitos, crenças, alegria e família”. (MAIA, 2003, p. 1622). Existe um processo para a carneação, etapas a serem seguidas, começando pela escolha do animal até a exposição dos espetos prontos para a venda no dia da festa, como narra o depoente Q.

Separamos dois animais, um mais velho e um mais novo, o abate é feito por um dos nossos membros “o especialista”, isso no sábado pela manhã, né! Deixamos os cortes inteiros pendurados para escorrer todo sangue até a noitinha, então fazemos a desossa, e temperamos o que vamos assar no domingo e, alguns cortes de costelas separados, tanto o de costela com osso e a sem osso, para a venda. (Depoente N, Trabalho de Campo, 01 de fevereiro de 2019).

Revela ainda que o processo é passado de geração a geração, que ele aprendeu quando criança com os presidentes da comunidade, o membro mais longevo com 94 anos, seu Adelino, que era o churrasqueiro oficial da festa e o inventor da técnica para temperar a carne. “Seu Adelino, quando era o churrasqueiro começou a fazer um tempero próprio, um tipo de

salmoura, todos os que comiam gostavam, assim se tornou um tipo de tradição para nós” (Depoente Q, Trabalho de campo, 02 de fevereiro de 2019), a Figura 33 mostra o processo descrito pelo depoente.

Figura 33 - Carneação para a festa do Padroeiro São Valentim - Linha Seis Norte/Silveira Martins



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

Quanto ao urbano ele se encontra em objetos exigidos para os padrões sanitários da atualidade, com as mesas de alumínio, o forno a luz, no tratamento da água do poço, nos celulares, nos carros, os quais de acordo com a informante L estão em todos os lares do rural silveirense, ela destaca que *“não existe uma família na comunidade que não tenha um carro ou mais de um”*. Segundo ela, os frequentadores dos eventos chegam até os lugares de festas com seus veículos próprios, que ninguém vai de transporte público/coletivo. (Trabalho de campo, 15 de junho de 2019).

O tradicional está na dinâmica do almoço, onde visitantes e locais se misturam. Os que vêm do urbano são convidados a compartilhar o alimento como mostra a Figura 34. O processo estimula as relações que compõem uma comunidade: as relações de sangue, derivadas do parentesco, da vizinhança e da amizade. Nesta linha de pensamento Cohen (1985) sugere que, comunidade é um mecanismo simbólico, é uma forma de pensar, de sentir e acreditar é o símbolo que expressa suas próprias fronteiras e sua identidade. Remete à segurança, a tranquilidade, a paz, a família e ao lugar. Nesse contexto pode-se dizer que ao ser

humano, aos sujeitos do campo responsáveis pelo evento, ou seja, ao homem cultural é atribuído valor mercantil e ele acaba se tornando atrativo das festas.

Figura 34 - Almoço para o Santo Padroeiro da Linha Base - Silveira Martins



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

A mente aprende a estabelecer relações espaciais, as quais são aprimoradas através das experiências sensoriais e sinestésicas, tornando o espaço habitado familiar, em um lugar com a sua estrutura visual e sensorial. Porém, se deve levar em consideração o observado por Tuan (1983, p. 203), “sentir o lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em maiores partes fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia através dos anos é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar”.

Assim, é se levado a acreditar que os consumidores dos eventos e do modo de vida local, frequentam os lugares de festas em busca de vivenciar o descrito. A fala do informante R confirma, “[...] nós vamos a todas as festas, somos de Júlio de Castilhos e lá não tem esse tipo de festa, gostamos de sentar à mesa e conversar com os silveirenses, porque eles nos tratam como se fossemos de sua família.” (Trabalho de campo, 27 de outubro de 2019).

O moderno está ligado às urbanidades que chegam ao rural por meio da TIC, como a televisão por assinatura nos lugares de festa e a internet. Na festa para Santo Anselmo os homens assistiram ao jogo de futebol entre o Grêmio (RS) e o Santos (SP) transmitido por um

canal fechado - PREMIER, durante o evento. As mulheres que trabalharam na preparação dos produtos que foram vendidos na tenda da festa para Santa Inês, utilizavam o aplicativo de mensagem instantânea, *Whatsapp*, para compartilhar fotos, realizar venda de fichas para o almoço e convocar os casais festeiros⁷ para ajudar no dia da festa.

Mesmo com a interferência das urbanidades nesses lugares a ajuda mútua entre os membros comunitários é constante, por ser um espaço portador de valores socioculturais. Lugar de identidade, resultado da história e das práticas do grupo social que atua no sentido de enriquecer a identidade do imigrante italiano, lembrada constantemente pela gastronomia, principalmente pelo *agnolini* e pelo pão, produzido pelas mulheres da comunidade, como mostra a Figura 35.

A materialidade do patrimônio está em tudo o que se vê, “[...] mas a cultura não é unicamente aquilo que vivemos. Ela também é em grande medida aquilo para que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade”, descreve Eagleton (1943, p. 184). Assim, nos lugares de festas para os Santos Padroeiros a “[...] imaterialidade do patrimônio também é expressão de representação, conhecimento e saberes materializado nos instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais” (MEDEIROS; MEDEIROS; LIDNER, 2019, p.342). Como os objetos da crença religiosa católica: as imagens dos Santos, a Cruz, o Cálice para o vinho, a Hóstia, a Batina do Padre, as vestimenta dos coroinhas, dentre outros.

Figura 35 - Produção do pão que antecede a Festa de Santa Inês – Linha Duas



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

⁷ Denominação dada os casais que trabalham nos eventos.

Entende-se que os consumidores dos eventos buscam a experiência do viver em comunidade, em um lugar cultural, com gastronomia típica e feita pelos membros comunitários como o pão para a festa de Santa Inês. E os locais que trabalham nas festas o reviver o passado através das memórias individuais que complementam as coletivas, assim como, expor o seu modo de vida para ser admirado. Também, percebe-se a inserção de elementos modernos nos lugares de festas, que são utilizados para atrair visitantes. Neste contexto, os lugares de festas são símbolos da cultura local, impregnados de saberes e fazeres que mediam a vida diária dos membros da comunidade a qual pertencem, mas que por meio de novas simbologias estão se tornando modernos.

5.3 O LUGAR DO SAGRADO DA FESTA - A CAPELA

Em todas as comunidades rurais formadas por meio da imigração italiana na Quarta Colônia e em Silveira Martins a construção da capela e do salão de festas era uma das prioridades no início do povoamento. Construída posteriormente a organização da vida familiar, era/é nela que os membros se encontravam/encontram para socializar. São construções arquitetônicas com valor atribuído a hierofania, que envolveu e envolve esforço e cooperação da comunidade religiosa. É o coração do lugar destinado para os festejos, por esse motivo recebe visitas destinadas ao ato devocional, religioso espiritual e para o turismo religioso. O significado atribuído a eles segue a tradição comunitária, de ponto fixo para a devoção local.

O patrimônio simbólico religioso imaterial e material desses lugares estimula a memória. Ambos, o patrimônio e a memória, expressam a dinâmica da vida pessoal existente nas espacialidades em amarração com a coletiva. Rosendahl (1994, p. 30) refletindo acerca disso, explica: “[...] todo lugar sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. Ele não apenas encoraja a devoção, como a exige, não apenas induz a aceitação intelectual, como reforça o compromisso emocional do devoto”. Um patrimônio material da Igreja Católica Apostólica Romana materializada na paisagem de Silveira Martins é a Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua.

Tanto a Igreja quanto as capelas das áreas rurais são lugares de fé que estimulam a atividade turística no município e região. Para Dias (2003), o turismo tido como religioso também é cultural,

O turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região. (DIAS, 2003, p. 17).

Porque neles estão contidos os mitos relacionados “[...] ao achado da imagem e que iniciou as rezas, devoções e posteriormente a festa, faz parte da memória coletiva da comunidade”. (ARAGÃO, 2014, p. 153). Aragão (2014, p. 146), destaca ainda que o “turismo religioso traz para o cerne da questão bens culturais valorizados como elementos importantes para a educação, lazer, religiosidade e construção da identidade na sociedade contemporânea”. Porém, lugar é um espaço dotado de significado, um espaço vivido, que a atividade turística invade e modifica para o benefício temporário de alguns agentes do capitalismo, que acabam transformando a rotina da comunidade de fiéis o principal atrativo do turismo religioso em Silveira Martins.

Os templos do catolicismo são lugares onde as historicidades de seus fiéis, e dele próprio, se revelam através das simbologias materiais, como as imagens dos Santos e as imateriais – as narrativas das experiências e vivências nele. Também é um lugar onde os processos de ensino são voltados para a educação dos sujeitos no sistema de normas da crença. As crianças dessas comunidades aprendem, desde muito cedo, que no interior da Capela existe uma hierarquia de lugares, a depoente O descreve e a Figura 36 mostra. “*O lugar mais sagrado do templo é o altar, depois o lugar do coro e, claro que não menos importante, o lugar dos fiéis*”, essa divisão hierárquica de sacralidade ocorre devido ao conhecimento sobre as leis divinas complementa o entrevistado. (Depoente O, Trabalho de campo, 02 de fevereiro de 2019).

Figura 36 - Divisão hierárquica do ambiente interno do lugar sagrado



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

Sobre a divisão interna do lugar sagrado, Rosendahl (1994, p. 39) especifica, “[...] as coisas sagradas equivalem ao poder e constituem, por excelência, uma realidade. O homem tem necessidade de orientação, da ordem, do cosmo e sendo assim, é fácil compreender que o ser religioso deseja profundamente participar da realidade de existir num mundo sagrado”. A autora acrescenta “[...] a palavra sagrado tem o sentido de separação e definição, em manter separadas as experiências envolvendo uma divindade, de outras experiências que não envolvem práticas consideradas profanas” (ROSENDAHL, 1999, p. 231), assim, o espaço sagrado é separado e consagrado. No ano de 2012, ela complementa afirmando que “[...] apesar da onipresença de Deus, existem espaços que são mais sagrados do que outros” (ROSENDAHL, 2012, p. 27).

O contexto descrito pela autora é o que atrai o turista religioso e também, promove o retorno de fiéis em Silveira Martins, como narrado pela informante S: “[...] *todo ano eu volto para ajudar na festa, mas também para agradecer a São Valentim pelo ano que eu e minha família tivemos*”. O mesmo ocorre na celebração religiosa para Santa Inês, a qual antecede o almoço e a festa, o depoente T revela “[...] *durante a missa estou trabalhando, também trabalho no almoço ai vou à capela enquanto a festa está acontecendo, assim o lugar fica quase vazio e silencioso, momento ideal para conversar com a Santa Inês*”. (Trabalho de Campo, Jan. Fev. de 2019).

As capelas são espaços criados para suprir uma das necessidades espirituais dos grupos sociais, que se tornaram marcas concretas do divino e da crença, são construções que captam a atenção do olhar e atraem visitantes e, como descrito, fazem os homens retornarem ao caminho da salvação, por serem espaços onde se busca o encontro ou o reencontro com o “eu” por meio da fé. Porque, “na maioria dos povos, os objetos e as formas espaciais no culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Todo lugar sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca” (ROSENDAHL, 2018, p. 36). Rosendahl (2018, p. 37), acrescenta que o homem consagra o espaço porque ele sente de viver num mundo sagrado, de se mover no espaço sagrado.

Talvez seja a explicação do motivo pelo qual no rural silveirense o “[...] lugar na pequena localidade onde cada um conhece e tem uma relação com quase todas as pessoas” (CARMO, 2009, p. 265), recebem visitantes oriundos dos centros urbanos da região central do Rio Grande do Sul, os quais enxergam esses lugares como mundo das experiências simples envolvidas pelo sagrado. O mesmo ocorre no lugar profano, o qual é ao entorno do sagrado.

Os imigrantes italianos que iniciaram a construção de Silveira Martins trouxeram na bagagem a cultura religiosa cristã. As famílias das comunidades de devotos foram trabalhando a paisagem imprimindo nela lugares portadores de um conjunto de regras, rituais, mitos e ritmos de matriz religiosa católica, passadas de geração a geração. Cada comunidade construiu a sua capela para o seu Santo Protetor, as quais são vinculadas à Paróquia Santo Antônio de Pádua, localizada no centro do município. São lugares em que os sentimentos comunitários são compartilhados, com os próprios membros e com os consumidores do turismo religioso.

6 A FESTA - O FENÔMENO NO E DO LUGAR DE FÉ

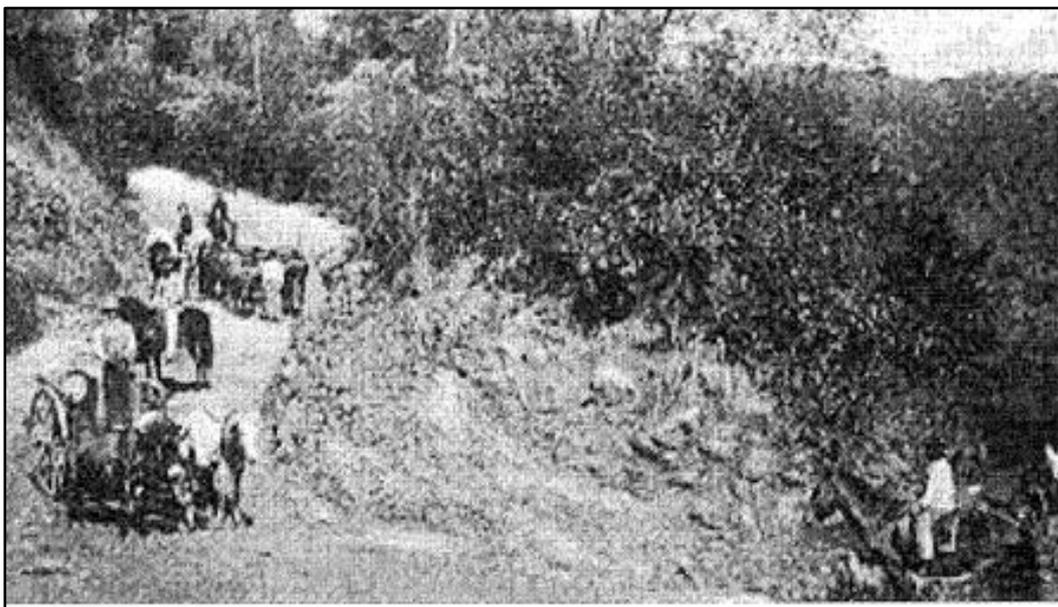
O presente capítulo destaca as festas para os Santos Padroeiros das comunidades de Silveira Martins como um elemento pertencente ao patrimônio cultural e religioso, fenômeno que ocorre em lugares materializados na paisagem do município pelos imigrantes italianos que ali se estabeleceram juntamente com o catolicismo desde o fim do século XIX. A discussão das mesmas, além das memórias coletivas e individuais compartilhadas entre os moradores locais e, também, com os visitantes que vão à busca do turismo religioso e cultural, consumidores dos saberes e fazeres desses lugares e da paisagem local.

6.1 O FESTEJAR E A SUA CONTEXTUALIZAÇÃO

Na cultura está contido o patrimônio material e imaterial de um grupo social, são crenças e tradições desenvolvidas pela interação social entre indivíduos de uma comunidade ao longo do tempo em um lugar construído em uma paisagem. A cultura pode ser difundida por meio da migração de pessoas de um lugar para outro, como ocorreu em Silveira Martins com o grupo de imigrantes italianos que estabeleceram moradia em sua paisagem, por meio da edificação de diferentes lugares com múltiplas funções, iniciando em solo brasileiro uma nova vida ou, na atualidade, através das TIC.

O que é impresso nos novos espaços geográficos são as práticas cotidianas dos grupos sociais, saberes peculiares de muitas existências humanas que se tornam as referências desta população, carregados na memória ao contrário dos pertences, estes transportados na época das migrações, em sacos de estopas nas carrocerias dos carros de bois ou no lombo de burros, a Figura 37 mostra um pouco do descrito, ela apresenta os imigrantes italianos se deslocando na vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica pela Picada dos Pennas. Uma das tradições que os imigrantes europeus, trazida na memória e na bagagem dos adeptos a crença católica, implementada no Brasil e que seus descendentes mantêm o hábito de promover, são as festas para os Santos Padroeiros das comunidades fundadas por eles. Algumas das imagens sacras cultuadas nesses eventos atravessaram o oceano Atlântico com os seus fiéis e construtores dos lugares sagrados onde eles são expostos e a festa ocorre, São Valentim padroeiro da Linha Seis Norte de Silveira Martins é um exemplo do descrito.

Figura 37 - Imigrantes percorrendo a Picada do Pennas - Silveira Martins/RS



Fonte - arquivo da Secretaria Municipal de Educação de Silveira Martins/RS.

As Festas de Padroeiros são referências identitárias para os descendentes do grupo de desbravadores, que possuem orgulho do edificados pelos seus antepassados, e expressam-no por meio da festa, porque nelas a cultura local é posta a vista de todos e compartilhada com os membros da comunidade de fiéis e com visitantes/consumidores. Podem ser entendidas como um substrato onde as articulações entre o sagrado e o profano se desenvolvem (OLIVEIRA, 2001). Em razão de serem momentos em que os saberes tácitos são revelados, Guimarães e Pinheiro (2018, p. 46) as consideram bens e serviços com significado dentro do seu território que constituem o patrimônio sociocultural “[...] passado entre gerações como forma de reivindicação de suas identidades” (GUIMARÃES E PINHEIRO, 2018, p. 46). Nesse sentido as festas, segundo Oliveira (2011, p. 95-96) são espaços que agregam ruralidades, padrões étnicos e tradições específicas.

Nos eventos as relações simbólicas de existência são mediadas pela religião, uma das heranças dos imigrantes europeus, isso se explica com as reflexões de Rosendahl (1996, p. 35), para ela a religião é parte integrante de qualquer formação social, ou seja, é uma prática social, a qual sempre foi parte da vida do homem, como se fosse uma necessidade para entender a própria vida. Nesse contexto, as festas religiosas para os Santos Padroeiros são instantes onde o homem religioso e a comunidade reencontram suas lembranças, como descreve a depoente U.

Eu nasci aqui na Linha Duas, hoje moro em Santa Maria, mas sempre venho ajudar nas festas, pois aprendi com os meus pais a importância da religião, da comunidade e de agradecer a nossa Santa Padroeira, Santa Inês, pela proteção, por isso aproveito que todos estão na quermesse para vir aqui e fazer a minha oração de agradecimento sozinha. (Trabalho de campo, 20 de janeiro de 2019).

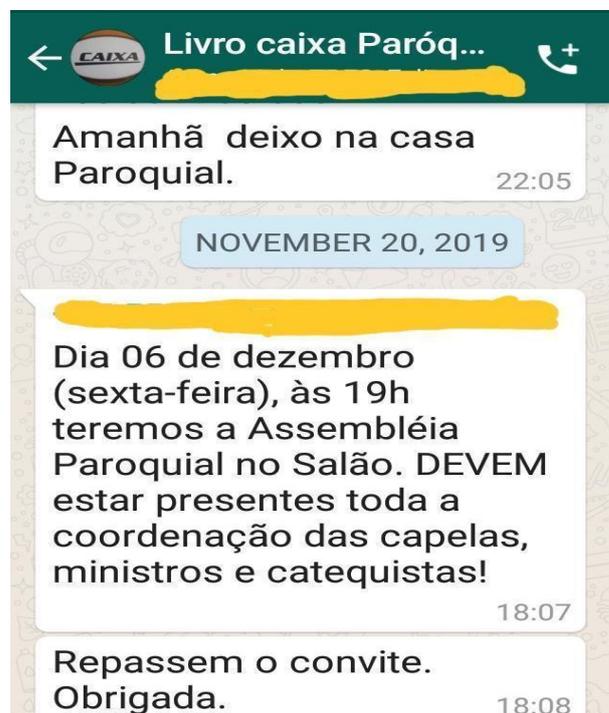
A Festa para Santa Inês (Figura 38) é a primeira do calendário de festas da Paróquia Santo Antônio de Pádua, ocorre sempre no mês de janeiro, mas o sentimento descrito pela entrevistada se repete nas demais comunidades que promovem o evento para o seu Santo Padroeiro. Os membros que migraram regressam para ajudar nos preparativos, e também, para agradecer ao protetor da comunidade. Quanto ao calendário de festas religiosas da Paróquia Santo Antônio de Pádua esse é organizado no final do calendário vigente, sempre no mês de dezembro, a secretária convoca os coordenadores das capelas e demais membros da comunidade de fiéis para uma assembleia, onde novos nomes para as coordenações são sugeridos e votados, assim como novas datas para os eventos, a Figura 39 apresenta a convocação.

Figura 38 - Imagem de Santa Inês padroeira da comunidade da Linha Dois - Silveira Martins/RS



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

Figura 39 - *Print* da convocação para assembleia da Paróquia Santo Antônio de Pádua



Fonte - Grupo do *Whatssap* Livro caixa da Paróquia Santo Antônio de Pádua, 2019.

As imagens dos Santos Padroeiros no dia de festas como pode ser observado na Figura 38, são ornamentadas com flores e tecidos, os arranjos custam em média de R\$ 400,00 a R\$ 500,00 reais, o custo segundo as participantes da pesquisa é válido, pois elas, as imagens devem ser apresentadas aos seus devotos bem compostas.

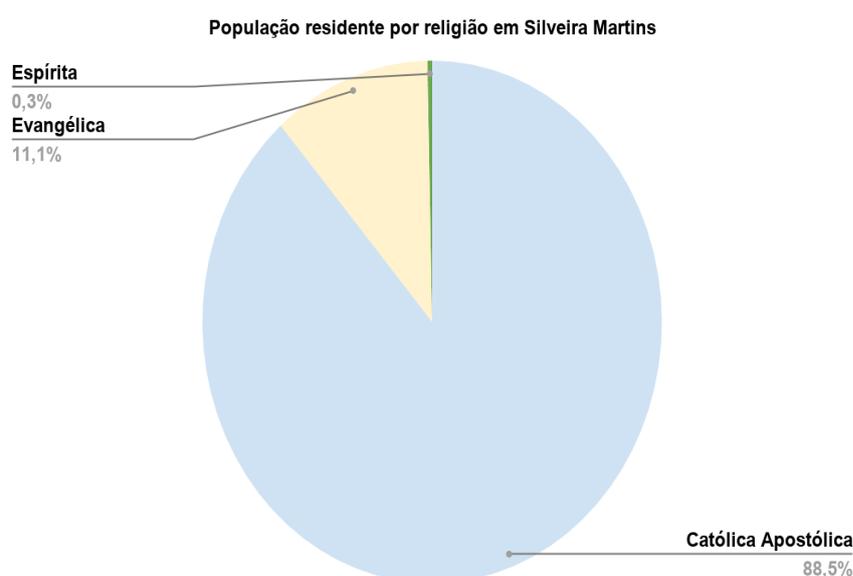
O envolvimento de todos se dá em virtude das representações simbólicas do sagrado e do profano serem revistas e revividas nessas celebrações festivas. Por isso as festas expressam certa harmonia entre a iconografia da fé católica e a vivência do participante (ROSENDAHL, 1996, p. 49). Quanto à experiência da fé, Rosendahl (1996, p. 49) aponta que nos “[...] classifica como crentes e descrentes. A fé identifica o crente num sistema religioso e o investe de poderes que só ele adquire em uma experiência religiosa. A fé, no contexto judaico-cristão, leva a que tudo seja possível para Deus e também para os homens”. É nesse contexto que o ato humano de organizar as festividades, prioriza em primeiro lugar a celebração religiosa, ou seja, antes do almoço e da quermesse vem o ato religioso, o louvor a Deus e ao Santo Padroeiro, a Missa.

O depoente A confirma a fala de Rosendahl (1996) e ratifica o descrito, quando relata.

[...] a festa é um momento importante de fé, de fé naquilo que os imigrantes trouxeram e a gente mantém, nós católicos acreditamos em Deus, em Jesus Cristo que é o caminho, a verdade e a vida. E, também nos santos que são pessoas que divulgam a fé cristã em nosso entendimento e, em Nossa Senhora escolhida para ser a mãe de Jesus Cristo, filho de Deus. Ela tem um papel importantíssimo, por isso, que a fé em nossa senhora é muito grande. Eu mesmo sou muito devoto de Nossa Senhora. As festas são importantes porque elas agregam, elas unem as comunidades, existe um objetivo comum e as pessoas se unem em torno desse objetivo e, a fé aqui em Silveira Martins, eu me arrisco a dizer que 95% da população são católicas, mantém essa religião que foi trazida por nossos imigrantes que eram todos católicos. (Trabalho de campo, 03 de abril de 2019).

As narrativas destacam, também, que inicialmente a capela da Linha Três Sul era um capitel, o qual foi sendo aumentada aos poucos até se tornar capela, assim como os seus salões. Observa que Nossa Senhora das Graças foi eleita padroeira da comunidade em virtude das promessas atendidas por ela, no início da imigração, quando as mães suplicavam a ela para reduzir a mortalidade infantil. A festa em sua homenagem é promovida sempre no mês de abril. Quanto à porcentagem descrita pelo depoente de católicos no município de Silveira Martins os dados do IBGE apontam 2146 habitantes católicos, ou seja, 88,5%, o gráfico da Figura 40 ilustra essa informação (IBGE, Censo 2010).

Figura 40 - Gráfico da população residente por religião de Silveira Martins



Fonte - IBGE/CENSO 2010. Org.: Autora, 2019.

Por isso a festa inicia com a missa (Figura 41) que ocorre, geralmente, às dez horas da manhã. Uns minutos antes os crentes vão chegando e ocupando o lugar destinado aos devotos. São mulheres, homens e crianças, todos bem compostos, com a sua melhor roupa, “[...] pois é dia de festa, dia de agradecer e de rever os amigos”, observa o depoente V. (Trabalho de campo, 09 de junho de 2019). Mais próximo do horário os membros da comunidade que fazem parte da diretoria da capela ou da Igreja Matriz, tais como: a ministra da comunidade e o coro se posicionam no espaço destinado a eles e todos aguardam a entrada do pároco, o qual é conduzido pelos coroinhas entre um corredor de fiéis até o ponto mais alto do templo, o altar, então a celebração religiosa se inicia com a duração de uma hora. “Desse modo, o espaço festivo reproduz os rituais das gerações passadas, reforça as tradições, repete códigos comportamentais e também cria novos códigos”. (CRUZ, MENEZES; PINTO, 2008, p. 28).

Figura 41 - Missa para Santa Inês - Linha Duas - Silveira Martins



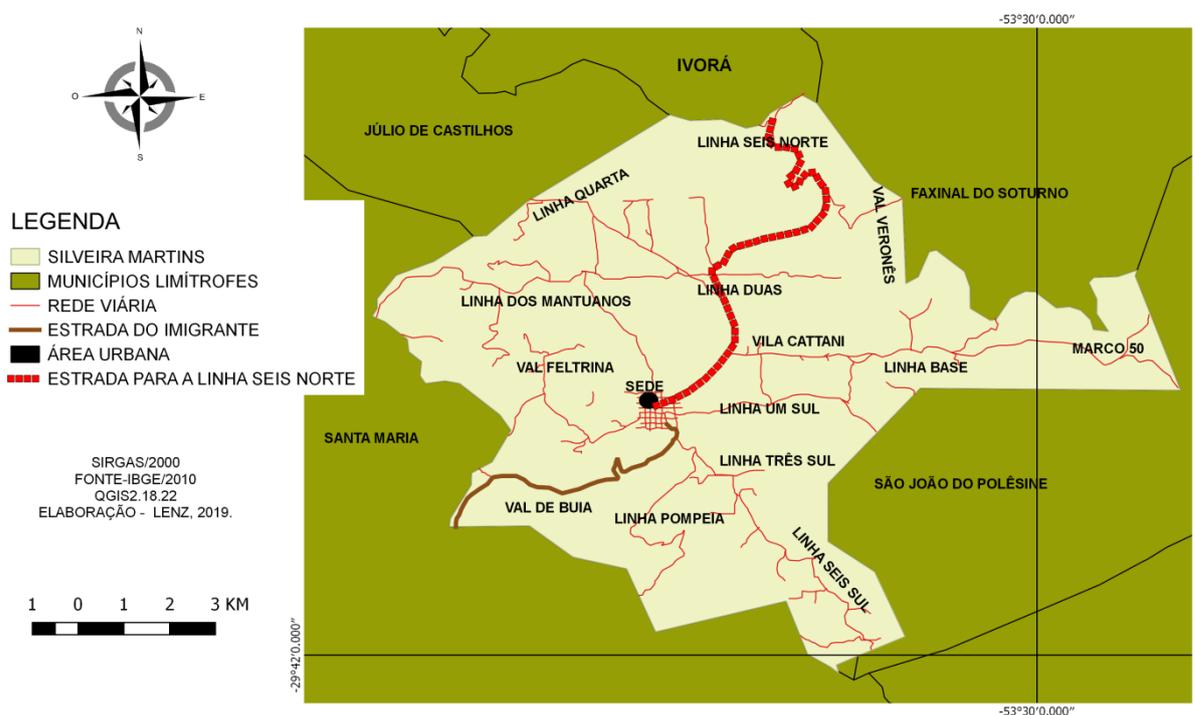
Fonte - acervo pessoal de autora, 2019.

Como se pode observar na Figura 41 a celebração religiosa é o momento do sagrado nas festas para os Santos Padroeiros. Quanto ao sagrado entende-se que são os elementos ligados ao divino, a própria divindade (Deus e Deuses) e aos seres ligados diretamente a eles, anjos, santos, dentre outros. Para Lima (2012), “o Sagrado está quase sempre relacionado a ideia de santidade, mas não necessariamente no sentido de perfeição e sim, também, no

sentido de propriedade, ou seja, enquanto certas coisas ou seres são propriedades do “Ser” ou dos seres divinos em questão”.

Em virtude do pouco espaço no interior da capela alguns devotos ficam ao seu entorno, acompanhando a celebração através das portas e janelas. Os mais idosos recebem bancos para se acomodarem e os mais jovens acompanham em pé. Segundo os depoentes todo o sacrifício é válido, até mesmo o de ficar uma hora parado em pé no Sol somente escutando o louvor, principalmente por ser um momento único no ano, pois, de acordo com eles, as capelas das comunidades mais distantes da Paróquia (Figura 42) como a da Linha Seis Norte só recebem “uma única” celebração no ano, a destinada ao Santo Padroeiro. (Trabalho de campo, 03 de fevereiro de 2019).

Figura 42 - Distância percorrida pelo pároco entre a Paróquia Santo Antônio de Pádua até a Capela da Linha Seis Norte - Silveira Martins/RS



Org.: Autora, 2019.

A linha vermelha pontilhada é a estrada de acesso a Linha Seis Norte, a partir da Sede até lá são aproximadamente treze quilômetros percorridos pelo Padre (Trabalho de Campo, 2019), em veículo automotivo, entre planícies e depressões até o fundo do vale onde a comunidade de São Valentim está situada para realizar a Missa em honra ao Santo Padroeiro.

Por esse motivo o sacrifício descrito pelo depoente é válido, porque são por meio das celebrações religiosas que se reafirmam os laços comunitários, no tempo e no espaço, de acordo com Durkheim (2000). Para ele, nas cerimônias festivas, os mesmos se fortalecem e geram impulsos de aproximação, colocando os indivíduos em um sentimento de ajuda mútua desencadeada nas relações de solidariedade. Oliveira (2011) observa que a dinâmica devocional de um rito religioso, em muitos casos, é uma celebração festiva, interpretada no âmbito das representações simbólicas do sagrado.

Assim, se pode “[...] compreender a imaterialidade do patrimônio como meio de valorização dos bens tangíveis (monumentos, construções históricas, ecossistemas específicos) e dos processos educativos correspondentes [...]” a eles (OLIVEIRA, 2011, p. 103- 104). Oliveira (2011, p. 94) também aborda que o espaço de festa com a sua capacidade turística, onde se pode consumir o saber-fazer da comunidade local e, ensina através das dimensões simbólicas e ideológicas, as quais são fundamentais para a manutenção da cultura, os hábitos culturais as novas gerações e aos visitantes. Da mesma forma Cruz, Menezes e Pinto (2008, p. 28), destacam que “[...] as práticas de natureza rituais ou simbólicas, através da repetição, incluíam certos valores e normas que dão continuidade às relações do passado” como a produção de cuca e a dinâmica da carneação que antecede os almoços.

Acrescentam ainda, que as festas religiosas se sustentam mediante o fortalecimento de seu caráter mundano, em virtude da abordagem permitir reconhecer a aproximação de suas dimensões comunicacionais, culturais e turísticas, além de permitirem que outras coletividades participem e desenvolva um sentimento de pertencimento à festa. A narrativa do participante R fortalece o pensamento de Cruz, Menezes e Pinto (2008, p. 28), “*sou de Júlio de Castilho e venho todos os anos desde que casei, a minha mulher vem desde pequena, meu sogro a trazia, ou seja, a família frequenta a mais de 40 anos a festa, já nos sentimos parte daqui, além de gostarmos muito da comida*”. (Trabalho de campo, 17 de novembro de 2019).

Isso ocorre segundo Durkheim (1996, p. 351), porque toda festa, “[...] mesmo que seja puramente leiga em suas origens, possui certas características de cerimônia religiosa, pois tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar massas em movimentos e suscitar assim um estado de efervescência”. Isso se confirma com a espacialização dos silveirenses nos eventos, por mais que recebam visitantes de fora das comunidades, a maioria dos frequentadores são os próprios munícipes e os ex-munícipes que retornam nos dias de festas. No narrado se visualiza o sagrado como fenômeno intra-religioso que tende a conservar um jogo de complementaridade com as manifestações denominadas profanas. (OLIVEIRA, 2011). Muitas

vezes o profano ultrapassa os limites impostos pelo sagrado, invadindo-o, como apresentado na Figura 43.

O casal saiu da quermesse para ter o seu momento com o divino e junto levam a sua bebida profana, declaram que “[...] o Padre já foi, não está vendo”, (Depoente X, trabalho de campo, 20 de janeiro de 2019), as palavras do depoente colaboram com o descrito por Rosendahl (2018, p. 36-37), quando ela destaca que “[...] a palavra sagrado significa separação e definição, sugere sentido de ordem”. No caso, eles estavam descumprindo a ordem do sagrado e o inquisidor já havia se retirado para repreendê-los.

Figura 43 - O profano em solo sagrado



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

Para eles, assim como para os demais participantes da pesquisa, as festas são momentos sociais nos quais os membros comunitários reafirmam laços de solidariedade. Nessas ocasiões, de acordo com Cruz et al. (2015, p. 15), “[...] as atividades humanas se voltam para a representação da existência de um grupo, revelando seus traços culturais”.

[...] é por meio das observações e das interpretações dessas manifestações populares que se torna possível descobrir os códigos, as regras e os estatutos que constroem o ensinar e o aprender da diversidade da nossa cultura e, conseqüentemente, o desenvolvimento da nossa identidade. Nesse sentido, nas manifestações populares

como festas religiosas ou profanas e comemorações diversas são observadas não só o fazer artístico, mas também as relações sociais que perpassam pela realização dessas manifestações e que traduzem a linguagem, a expressão do pensar, do fazer e do sentir característico de um povo. (CRUZ et al., 2015, p. 16).

Quanto às questões profanas é tudo o que está ligado ao mundo dos homens, as coisas diárias que vivemos na atualidade não estão ligadas ao divino. Nas festas para os Santos Padroeiros de Silveira Martins, o profano é encontrado no antes, no durante e no depois da festividade por ser nelas que o “depositório” de saberes-fazer é exercitado, são expressões reveladoras da memória, que apontam para a identidade. (CRUZ, MENEZES; PINTO, 2008, p. 10).

As comemorações, também, são fonte de renda para o custeio da manutenção dos espaços de socialização (Capela e salão da Capela), neles as comunidades promovem a venda da gastronomia local, com a venda dos almoços e também com a venda de pães, bolachas, cucas dentre outros. O participante R da pesquisa destaca que eles costumavam levar quantidades de bolachas e cucas das *nonnas*, diz que elas faziam na cozinha do salão de festa mesmo e que guardavam em grandes latas, no momento da pesagem colocavam com as mãos em sacos de papel, observa também “[...] hoje além de não ter gosto que tinha, ainda querem me vender bolachas de padaria” (Trabalho de campo, 17 de novembro de 2018).

Mesmo que as comunidades façam uso desses eventos para ressignificar a cultura do grupo por meio do saber-fazer gastronômico e, como destaca o entrevistado R, a gastronomia está se adaptando às facilidades da vida moderna, como a compra de produtos prontos para vender na tenda. Mas, mesmo assim, as comunidades expressam o modo de vida local, compartilham memórias e despertam/revivem o sentimento de pertencimento a uma etnicidade, atraindo pessoas de fora da comunidade que buscam experienciar esse modo de vida, ou até mesmo, sentir-se parte de algo, esse contexto torna a festa um evento popular. Pois é por meio “[...] dessas manifestações populares que se torna possível descobrir os códigos, as regras e os estatutos que constroem o ensinar e o aprender da diversidade da nossa cultura e, conseqüentemente, o desenvolvimento da nossa identidade”. (CRUZ, MENEZES; PINTO, 2008, p. 15).

Para Reis (2009, p. 168-186), as festas religiosas “[...] parecem representar, portanto, um espaço imaginário diferente, onde o homem se liberta do constrangimento das hierarquias econômicas e sociais, propondo seus ideais ou fantasiando sobre o futuro”. Na sequência o autor acrescenta que “[...] percebe-se que toda festividade tem seus ritos, mas que os elementos livres não ficam externos a este, e sim se encontram numa relação de afinidade

servindo e formando o mesmo fenômeno”. Nessa linha de pensamento pode-se considerar que ocorre uma mescla do sagrado e do profano nas festas para os Santos Padroeiros, porém a base do evento é a santidade que faz a população se envolver ativamente nos preparos, participar das mesmas, além de atrair curiosos ou interessados nas experiências festivas.

Cabe destacar que as memórias coletivas e individuais tanto no âmbito do sagrado como do profano são expressas no interior das festas, o que para Cruz et al. (2015) é importante para que o passado tenha a capacidade de agir sobre o presente, contribuindo para a afirmação da identidade. Isto posto, “a busca da memória torna-se uma questão essencial diante das transformações advindas da globalização que impõe uma cultura cada vez mais homogênea, provocando no indivíduo um sentimento de perda da identidade, de seu passado e de suas raízes”. (CRUZ et al, 2015, p. 12-14).

A narrativa da depoente E descreve um pouco do referido “[...] *eu trabalho na festa principalmente porque reencontro as minhas amigas, aqui nos lembramos dos nossos tempos de criança e mocinha, e ensinamos os mais novos como as coisas eram feitas antigamente*”. (Trabalho de campo, 27 de outubro de 2019). O descrito no depoimento, para Chiamulera (2010), é algo que tende a diminuir, pois a autora observa que ocorre nos grupos comunitários a perda de força da consciência coletiva em função do tempo. Por isso, de acordo com a autora “[...] são imprescindíveis tanto as cerimônias festivas quanto os rituais religiosos para reavivar os laços sociais que correm, sempre, o risco de se desfazerem” (Idem, p. 36-37).

Nessa perspectiva, com a consciência coletiva comunitária as festas se tornam inteiramente familiares, de localização das experiências diretas e significativas, as quais produzem os bens materiais e imateriais que compõem a superfície das mesmas. A memória delas ou sobre elas é a mediadora das relações sociais que ocorrem entre os sujeitos que promovem os eventos, porque são resultados das ações vivenciadas no cotidiano da coletividade. Assim, como descreve Giddens (1991), os participantes dessa festa religiosa se tornam contemporâneos do tempo mítico de criação da festa e assumem um comportamento diferenciado dos seus dias cotidianos.

Em contraponto, na medida em que essas populações permitem a participação de membros de outras coletividades no evento, novas experiências são compartilhadas, essa socialização e circulação de saberes e fazeres favorece a hibridização da cultura. Assim, as práticas comunitárias, os saberes-fazeres e os elementos materiais sagrados e profanos materializados em forma de lugares na paisagem, de certa forma, sofrem influências da

modernidade enfraquecendo os valores tradicionais, muitas vezes rompendo os laços com o passado.

Tal é o caso que o referido já ocorre na maioria das festas, com saber-fazer a cuca típica italiana (Figura 44), principalmente, a feita com fermento de batata, esse elemento tradicional está deixando de ser produzido e exercitado nas comunidades. O que já é percebido pelos seus consumidores, “[...] *nunca mais tive o prazer de comer aqui na festa asucas das nonnas, as de fermento de batata, os coordenadores de hoje, dizem que eles não podem mais fabricar nada devido às normas da vigilância sanitária*” (Depoente E, Trabalho de campo, 17 de novembro de 2019).

Figura 44 - Fotografia da tradicional cuca italiana - Silveira Martins/RS



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

Percebe-se que são as materializações culturais que mexem com o imaginário das pessoas, “[...] servem de motivação para atrair os visitantes e dar visibilidade ao território, geralmente aparecendo como parte das expressões culturais em torno da culinária típica local; nas relações afetivas e familiares de ex-moradores da comunidade” (CERETTA, 2017, p. 102). Os conteúdos das festas são de representação social, herdados desde a origem da imigração e compartilhados entre os descendentes até os dias atuais (CERETTA, 2017, p. 101-103) buscados pelos seus consumidores, mas que estão deixando de serem ofertados em

virtude da falta, na contemporaneidade, de descendência para os mesmos, pois as *nonnas* descritas pelo participante da pesquisa estão envelhecendo.

O grupo de trabalhadores se denominam como “os festeiros”, eles doam a sua força de trabalho não só pela fé no divino, mas também, pela fé na vida em comunidade, nos seus membros, pois para os participantes da pesquisa é a fé que um possui no outro que mantém o modo de vida ao qual estão habituados, ou seja, a fé mantém a comunidade, os membros se sentem pertencentes a algo, seguros, com identidade, expressando a cultura do grupo, que é transmitida para as novas gerações por meio da educação formal e não formal.

Nas festas os casais festeiros, por meio da dinâmica devocional de participar em um rito de trabalho solidário em prol da mesma, reforçam o sentido de solidariedade, de família, de união e de identidade. As festas são promovidas e mantidas por esses grupos de casais que iniciam os preparativos dias antes dos eventos. A divisão de tarefas é por gênero, as mulheres se responsabilizam pela limpeza e os preparos na cozinha, como mostra a Figura 45 e descreve a entrevistada W “[...] *essa semana vamos fazer a limpeza do salão, dos vidros e das louças, para semana que vem começarmos a preparar as bolachas e doces que serão vendidos na festa, nesse primeiro momento não precisamos de muitas pessoas, eu e as mulheres damos conta*”. (Depoente W, trabalho de campo, 10 de janeiro de 2019).

Contudo, por mais que a responsabilidade da preparação dos alimentos seja das mulheres, alguns dos “maridos” participam como é o caso do seu Agostinho, par da dona Solange e filho de umas das Rosas, o qual na atualidade é o responsável pelo risoto das festas da Linha Dois e da Linha Quatro de Silveira Martins. Ele relata: “[...] *participo dos preparos para a festa dos padroeiros desde criança, hoje assumi o lugar da minha mãe na preparação do risoto, pois ela já está com 83 anos e a Ulânea ficou doente*”.

Figura 45 - Mulheres na tradicional preparação do risoto - Linha Base



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

A mãe de seu Agostino é uma das “Rosas” descritas por Chiamulera (2010, p. 119), “[...] na cozinha, tem-se a presença de senhoras de mais idade, como é o caso das duas senhoras chamadas Rosa; “as Rosas” ou a “pratas da casa”, como são chamadas, são as duas mulheres mais velhas que coordenam as atividades, principalmente do almoço”. Na atualidade, somente a Rosa mãe do seu Agostinho continua se envolvendo nos preparativos para a festa de Santa Inês e de Nossa Senhora da Saúde, auxilia em todos os processos, porém seu foco central é o risoto.

Para Guimarães e Pinheiro (2018), os conhecimentos específicos de uma comunidade gerados em condições singulares, a partir da arte presente de cada família, impulsionam e orientam atividades de elaboração de alimentos, como um produto único, ligado a um modo de vida que, passado de geração a geração entre as famílias, constituem um universo produtivo específico, ancorado em bases técnicas artesanais, mão de obra familiar e formulações (receitas) tradicionais (GUIMARÃES; PINHEIRO, 2018, p. 47-48) são os responsáveis por atraírem ao público consumidor dos eventos. A divisão de tarefas descrita, as receitas utilizadas, principalmente a do risoto e do pão, perduram até os dias atuais.

Na dinâmica das festas o sentimento de comunidade ganha maiores proporções, as experiências e as representações identitárias afirmam e reafirmam as particularidades e singularidades desses eventos. O narrado pelo depoente Y, um dos cônjuges de um dos casais festeiro da nova geração, confirma essa ideia principalmente quando ele diz: *“Nós dois somos naturais daqui da Linha, fomos educados assim, entendemos que devemos participar da comunidade, ajudar nos eventos, trabalhar sem pedir nada em troca, porque todos daqui fazem isso, até os que saíram sempre voltam para ajudar, como é o nosso caso”*. (Trabalho de campo, 20 de janeiro de 2019).

Pode-se observar que os conhecimentos locais são difundidos para as futuras gerações por meio da educação no período que antecede, durante e depois dos festejos, assim como no cotidiano da vida. O caráter educativo das festas religiosas motiva e desperta o interesse dos jovens pelas práticas da cultura local, de certa forma, as festas promovem a perpetuação da mesma, no âmbito do sacro-profano. Entende-se, então, que comunidade é um símbolo que expressa sua própria característica, que são impressas nos lugares.

Para Lemos (2009, p. 202), “[...] falar de comunidade é, na maioria das vezes, falar dos próprios fiéis de uma Igreja, quando esta indica que seus membros se compõem numa comunidade de fiéis”. A autora ainda acrescenta, “[...] geralmente indica um grupo de pessoas dentro de uma área geográfica limitada, que interagem dentro de instituições comuns e que possuem um senso comum de interdependência e integração” (LEMOS, 2009, p. 202).

Assim, se conclui que as festas para os Santos Padroeiros são símbolos culturais que transcrevem, por meio dos seus rituais, o cotidiano das comunidades rurais de Silveira Martins e possuem valor religioso, cultural e comercial. A dinâmica desses eventos envolve trabalho, fé, memórias individuais e coletivas e práticas educacionais tanto no ato devocional como nos ensinamentos dos saberes e fazeres tradicionais que fortalecem o sentimento de pertencimento a uma etnicidade. Em síntese, as festas para os Santos Padroeiros das comunidades de Silveira Martins são simbologias do patrimônio cultural encontrados nos lugares materializados na paisagem do município, pelos imigrantes italianos que ali se estabeleceram a partir do final do século XIX e que são mantidas na atualidade pelos seus descendentes, o Quadro 2 sintetiza o extenso calendário de festividades do município.

Quadro 2 - Calendário de Festas para os Padroeiros de Silveira Martins - RS elaborado com base nas entrevistas

FESTAS EM HONRA AOS PADROEIROS DE SILVEIRA MARTINS	
CAPELA	DESCRIÇÃO
	<p>O calendário de festas para os Santos Padroeiros se inicia na Capela da Linha Dois, com a festa para Santa Inês em janeiro. Escolhida padroeira pelas mulheres da comunidade à época, por ser pura e casta e ser um símbolo de inocência e castidade de acordo com os participantes da pesquisa.</p>
	<p>A segunda festa é para São Valentim, na Linha Seis Norte em fevereiro. Escolhido padroeiro da comunidade por ter sua imagem viajado para o Brasil junto com os imigrantes italianos que fundaram a comunidade, como destacado pelos depoentes.</p>
	<p>A terceira festa é na Linha Três Sul. Destinada a Nossa Senhora das Graças em abril. Escolhida pelas mulheres como padroeira por atender aos pedidos para reduzir a mortalidade infantil na comunidade no início da ocupação relatam os informantes. (continua)</p>



A quarta festa é a de Santo Anselmo na Linha Base em abril. Única Capela com o interior oval, Santo Anselmo foi escolhido padroeiro, segundo os coordenadores, por sua inteligência e por sua obra influenciar até os dias atuais a Igreja Católica.

A décima primeira festa, em outubro, também é para o Padroeiro Santo Anselmo, realizada na Linha Base.



A quinta festa é em maio para São Luiz Gonzaga, o Santo dos jovens na Vila Cattani.

A missa ocorre na sua capela, mas na atualidade o almoço é realizado no salão Paroquial no centro do município, devido a não adaptação do salão da capela às normas da vigilância sanitária.



Em Val Feltrina ocorre a sexta festa do calendário de festa da Paróquia, para os Padroeiros São Vítor e Santa Corona, em maio.

Eleitos padroeiros para proteger a comunidade das tempestades e enchentes.



Em junho é o mês da festa para o Padroeiro do município Santo Antônio de Paduá, a sétima do calendário.

Escolhido devido ter honrado o seu pai, o salvando da forca, e também, por ser casamenteiro observa o Padre.

(continua)

	<p>A oitava festa também ocorre em junho, em Val de Buia para São João Batista. Nomeado Santo Protetor da comunidade por ter sido o profeta que anunciou a vinda do salvador, destacam os coordenadores da capela. Não realizada neste ano (2019).</p>
	<p>Em agosto é o mês de honrar São Roque na Linha Seis Sul, a nona festa. De acordo com os participantes ele é padroeiro da comunidade porque protegeu os imigrantes no início do povoamento contra a peste.</p>
	<p>Na primeira semana de setembro é celebrada a décima festa para Nossa Senhora da Pompeia, na comunidade da Linha Pompéia. Foi escolhida padroeira por suas obras de caridade de acordo com os seus devotos.</p>
	<p>Na linha quarta é comemorada a décima segunda festa, para Nossa Senhora da Saúde em novembro, na Linha Quarta. Última festa para os padroeiros das comunidades do calendário de festas religiosas da Paróquia Santo Antônio de Pádua. Eleita padroeira porque ajudou a salvar a Europa da peste negra, de acordo com os participantes.</p>

Org.: Autora, 2019.

São doze festas de Padroeiros em Silveira Martins durante o ano. Elas promovem um deslocamento temporário de pessoas no espaço silveirense, na maioria municipais, que se movem de um lugar sagrado para o outro, essa migração temporária é apresentada no mapa da Figura 46. Cabe destacar que esse movimento de pessoas estimulado pelas festas possui a

mesma motivação das primeiras festas: a fé e a necessidade de socializar com familiares, amigos e vizinhos.

Se levarmos em consideração o deslocamento em linha reta dos munícipes e dos visitantes que frequentam todos os eventos, pode-se considerar que em prol da fé e da sociabilidade os peregrinos andaram aproximadamente 72. 665 km na paisagem de Silveira Martins, no ano de 2019, iniciado na Linha Dois, na festa para Santa Inês e concluído na Linha Quarto na festa para Nossa Senhora da Saúde. Assim, conclui-se que as festas para os Santos Padroeiros são uma simbologia da cultura local realizadas em lugares sagrados que demonstra por meio delas: das celebrações festivas, a hegemonia do catolicismo em Silveira Martins.

Figura 46 - Mapa da rota das festas: percurso percorrido pelos fieis durante o ano de 2019



Fonte - elaborado pela autora, 2019.

6.2 TRIBUTO À NOSSA SENHORA DA SAÚDE- LINHA QUATRO NORTE

Do conjunto de manifestações culturais festivas para os Santos Padroeiros a festa para Nossa Senhora da Saúde mobiliza toda a comunidade de fiéis da Paróquia Santo Antônio de Pádua, não só a da Linha Quatro Norte. Alguns dos participantes da pesquisa observam que isso ocorre porque a comunidade é muito pequena e a maioria dos moradores são longevos. Cabe destacar que a realização das festas como eventos sócios-culturais é de grande complexidade em termos organizacionais, que inicia na definição das datas e finaliza com toda a comunidade da Paróquia trabalhando para a realização da Festa para Nossa Senhora da Saúde (Figura 47).

Figura 47 - Imagem da Nossa Senhora da Saúde - Linha Quatro Norte



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019

A duração do tributo à Nossa Senhora da Saúde é de quatro dias, destes os três dias anteriores ao grande evento são destinados às novenas em sua homenagem, já o quarto dia é o da festa. Ele inicia com uma missa às sete horas, posteriormente ocorre a segunda missa às nove horas e trinta minutos, intervalo para o almoço, e por fim a missa e a bênção aos doentes às quatorze horas e trinta minutos.

A movimentação é de todas as comunidades silveirenses, em torno de quinze dias antes, algumas fazem os pães, as bolachas, recolhem as doações, desde o arroz para o risoto até o animal que será abatido para o churrasco. Outros doam a sua força de trabalho, fazendo a limpeza da capela, do salão e do terreno ao redor dos mesmos. No almoço, mulheres e homens se revezam a partir das cinco horas da manhã, mas quem coordena a preparação do risoto é a Dona Rosa e Seu Augustinho da Linha Dois Norte, referidos anteriormente. As saladas são as mulheres que preparam e o churrasco os homens.

Nesta festa o almoço não é servido nas mesas como nas demais, é em forma de *buffet* devido ao grande número de consumidores e também a falta de pessoas para servir. A depoente T destaca “[...] eles compram as fichas e vão almoçar embaixo das árvores” (Figura 48). O relatado pela depoente foi descrito pelos participantes da pesquisa mais longevos, eles narraram que a rotina das festas para os Padroeiros em Silveira Martins “antigamente” era parecida com a da Nossa Senhora da Saúde, onde depois da missa se preparava o churrasco em espeto de madeira, as saladas, o risoto, as mulheres traziam os pães e as cucas de casa e todos almoçavam juntos embaixo das árvores.

Figura 48 - Almoço da festa para Nossa Senhora da Saúde - Linha Quatro Norte



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

Para Reis (2009), essa devoção às festas religiosas é pelo fato da vida religiosa e a vida profana não poderem coexistir ao mesmo tempo, assim o homem destina alguns dias para

reverenciar à sua divindade se dedicando, quase que exclusivamente, à adoração do sagrado durante este período, ou seja, possuem um caráter de paralisação das atividades rotineiras. Assim, se observa que a festa possui a função de mediação entre o homem e o divino, para todos aqueles que organizam e que participam das atividades da festa, este momento se caracteriza como um ponto de encontro com o sagrado, as divindades, mas também com os familiares, amigos, visitantes e com o consumismo tanto dos saberes e fazeres locais como de produtos industrializados vendido por ambulantes na circunvizinhança do evento.

A festa para a padroeira da Linha Quatro Norte atrai uma espécie de comércio ambulante (os caixeiros viajantes modernos) (Figura 49). De acordo com os informantes o grupo segue o calendário das principais festas religiosas da Igreja Católica Apostólica Romana no Estado do Rio Grande do Sul, como revela o depoente PA,

Somos da Paraíba, faz quatro anos que trazemos nossos produtos para vender nesta festa, porque ela é uma das maiores do Estado. Pegamos todas as informações sobre as festas na internet, assim montamos uma espécie de calendário, cronograma e, só retornamos para casa depois da última, vamos subindo pelo litoral, assim aproveitamos para vender na praia, também. (Trabalho de campo, 17 de novembro de 2019).

Figura 49 - Comércio na festa religiosa-Linha Quatro Norte



Fonte - acervo pessoal da autora, 2019.

Não são só os viajantes ambulantes que vêm de longe, vários devotos, em especial para esta festa, diferente das demais, se reúnem em grupos e lotam transporte coletivos para participarem da maratona de devoção. Isso, para Rosendahl (1996), ocorre porque o espaço sagrado é campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência e, quem promove a mediação entre o carnal e o divino são os símbolos, os mitos e os ritos do sagrado, o qual exerce sua função de interlocução entre o homem e a divindade, por esse motivo o informante EX frequenta a mais de quarenta anos a festa para Nossa Senhora da Saúde - Linha Quatro Norte, ele narra,

Sou devoto de Nossa Senhora. Todos os anos venho agradecer pelo ano que passou e também pedir que ela olhe para minha família no próximo ano, pois eu e minha esposa já estamos velhos, precisamos cada vez mais dela e, só de estar aqui, em seu templo e poder tocar na imagem já me sinto protegido. (Trabalho de campo, 17 de novembro de 2019).

Assim como informante EX a maioria dos participantes buscam proteção divina na festa de Nossa Senhora da Saúde, são mais de mil pessoas que passam pelo templo neste dia, acendem suas velas, agradecem as graças atendidas e fazem seus pedidos. Compartilham saberes e fazeres, as experiências de fé e cultura vivenciadas no lugar. Para a comunidade de fiéis da Paróquia se encerra um ciclo com esta festa, que se iniciará na virada do ano, com a formulação do novo calendário de festas para 2020.

Percebe-se que as festas para os Santos Padroeiros de Silveira Martins são eventos importantes tanto para a comunidade de fiéis, mas também para toda a sociedade, pois eles atraem consumidores do turismo religioso e cultural que buscam vivenciar o modo de vida local, revelado pelas crenças, hábitos, tradições, gastronomia e celebrações, conjunto de elemento materiais e imateriais que atribuem ao lugar uma significação de existência que o torna singular e definidor de uma identidade que fomenta o sentimento de pertencimento a ele, tanto nos membros comunitários como nos consumidores que acabam sendo fidelizados pela simplicidade dos sujeitos do campo.

7 COMPREENDENDO OS FESTEJOS: AS CONCLUSÕES

Silveira Martins faz parte da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, fundada em 19 de maio de 1877 na região centro-oeste do Estado, ocupada por imigrantes italianos oriundos das regiões do norte da Itália, e no presente por seus descendentes, o que confere à espacialidade uma característica predominantemente agrícola até os dias atuais, mas com uma nova roupagem, a do agronegócio. O município tem a sua configuração inicial pautada em três fatores: na geografia do terreno; na imigração italiana e na Igreja Católica Apostólica Romana, a qual influenciou diretamente a divisão territorial, a política e a educação e se mantém atuante nos mesmos segmentos.

No processo de interação entre homem/meio e homem/homem saberes e fazeres foram adaptados, desenvolvidos e transmitidos entre gerações, como o *agnolini*, o bordado ponto atrás, a sangria/carneação, a cuca e a promoção de festas para os Santos Padroeiros. Os mesmos se transformaram em referências identitárias da população silveirense, principalmente as que possuem traços étnicos e as do meio rural. Mas, na atualidade, com a inserção da cultura globalizada por meio das TIC elas estão sofrendo um processo de (des) e (re)configuração, processo que está contribuindo para o esvaziamento de pessoas do campo favorecendo a (re)apropriação dos lugares, principalmente o de moradia, pela vegetação.

A cultura católica sempre esteve associada à cultura italiana, essa correlação substituiu a vegetação típica do Bioma Mata Atlântica e Pampa pelos símbolos materiais de ambas, que resultou em unidades de paisagem peculiares adaptadas à geografia do terreno. Do acervo impresso de bens materiais da cultura italiana e católica, como as casas de arquitetura típica e as capelas, os que se mantêm sem sofrer profundas mudanças ou adaptações são os católicos, motivo pelo qual eles chamam a atenção dos olhares e fomentam o entendimento entre os participantes das festas de que a paisagem silveirense remete à crença religiosa.

Infere-se que Silveira Martins é rural, a sua paisagem é fortemente marcada pelas ruralidades e pelos símbolos do catolicismo. Porém, existem algumas unidades de paisagem com maior expressividade que ratificam a imagem de que o rural é predominante. São espaços portadores de saberes e fazeres desenvolvidos nos núcleos familiares e nos espaços de socialização de difícil formalização por não estarem escritos em lugar algum, por esse motivo a ele é atribuído valor mercantil atraindo visitantes, são os lugares de festas para os Santos Padroeiros e a sua circunvizinhança.

A circunvizinhança do lugar de festa de acordo com a descrição dos participantes da pesquisa e do evento é de um rural diversificado de pequenas plantações e criações, da

policultura. Mas, o que predomina é a monocultura, intercalada na entressafra, são as ações do sistema capitalista que hoje caracteriza o rural silveirense, ele está se tornando um espaço dinâmico que serve à produção e às trocas globalizadas, as pequenas propriedades estão sendo unificadas às grandes áreas de soja, milho, aveia, milho e criação de gado de corte.

Mas a crença religiosa dominante em Silveira Martins, que atravessou o Oceano Atlântico junto com os seus devotos, se mantém hegemônica. No município, como em muitos cantos do Brasil, ela se instalou e ajudou a configurar as paisagens culturais existentes no país. Expressa a força de uma religião sobre um povo, essa afirmação se confirma porque o catolicismo é uma das vertentes do cristianismo mais expressiva no mundo, com milhares de devotos e que se sustenta há mais de dois mil anos por meio de uma rígida estrutura hierárquica institucional. Além disso, os rituais seguem a mesma dinâmica em praticamente todas as partes do mundo, assim como no município.

Quanto à hierarquia, os coordenadores das capelas do município estão sob supervisão do Pároco da Paróquia Santo Antônio de Pádua, a qual faz parte da Diocese de Santa Maria, que passou a ser Arquidiocese desde 2011, tornando-se sede de uma província eclesiástica composta por mais cinco dioceses a de Santa Cruz do Sul, de Cachoeira, de Uruguaiana, de Cruz Alta e a de Santo Ângelo. No Rio Grande do Sul, além da Arquidiocese de Santa Maria, existem mais três: a de Porto Alegre, a de Pelotas e a de Passo Fundo. O esquema da Figura 50 ilustra a hierarquia a qual as Capelas e a Paróquia do município estão submetidas.

Figura 50 - Esquema da Hierarquia das Instituições da Igreja Católica



Fonte - elaboração a autora, 2019.

A hegemonia do catolicismo é revelada pela paisagem silveirense, é possível visualizá-la e senti-la através dos seus símbolos, as capela, capitéis, igreja, grutas dentre outros. São inúmeros os símbolos do catolicismo espalhados pelo município, desde pequenas grutas em frente às residências até a enorme Cruz branca materializada no Monumento do Imigrante na entrada da cidade, avistada de longe pelos visitantes e pelos munícipes. São os elementos materiais e imateriais que afirmam o poder da Igreja Católica e, também, provam que as suas normas fazem parte das dinâmicas sociais existentes no espaço geográfico. Teoria que se comprova com os depoimentos dos participantes da pesquisa, quando foram indagados sobre o que a paisagem de Silveira Martins expressa/revela, as respostas seguiram todas o mesmo texto: a fé de sua comunidade.

Esse entendimento se justifica por ser, para a maioria dos entrevistados, a simbologia do catolicismo o ponto focal na paisagem silveirense, poucos se referiram às lavouras, aos remanescentes da vegetação da Mata Atlântica ou à paisagem rural no todo, somente quando indagados. Observa-se que para os participantes a paisagem é um ponto fixo juntamente com a visão periférica a partir dele, ou seja, a paisagem está associada aos lugares, mas aos lugares de fé, não aos lugares de moradia ou de trabalho, pois de acordo com eles tudo remete à religiosidade, a Figura 51 demonstra o entendimento de paisagem dos participantes.

Figura 51 - Capela da Linha Seis Sul - Silveira Martins - RS



Fonte - Acervo pessoal da autora, 2019.

Essa percepção se dá em virtude das inúmeras capelas, capitéis, grutas dentre outros elementos materiais da crença dominar a paisagem de Silveira Martins, com suas formas e cores atribuindo a ela uma identidade católica. As narrativas revelam que o entendimento do público em geral é de que as estruturas paisagísticas que circundam os lugares de fé estão contidas neles, são parte deles e não eles parte de um conjunto maior que forma a unidade de paisagem a qual eles pertencem, no município.

Averiguou-se que, para os munícipes e para os visitantes, nos lugares de fé e de socialização estão contidos os demais lugares edificados pelos imigrantes italianos, como o lugar de moradia e de trabalho. É neles que o cuidado para com os outros, ou seja, o modo cooperativo faz parte da rotina diária dos moradores locais e é exercido, pois se sentem parte dele. Além das relações de convivência do cotidiano serem compartilhadas com os participantes do evento, fomentando o sentimento de pertencimento nos mesmos. O lugar aparece como ligação de chão, enraizamento, anexação, fixação da comunidade entendimento que atrai os consumidores.

O descrito ocorre em Silveira Martins porque a comunidade está vinculada a uma paisagem com identidade, em virtude de existirem lugares tidos como de aperfeiçoamento espiritual ou de auto aperfeiçoamento, de serviços, de aprendizado, de confiança mútua e de motivação familiar, além da obediência e da lealdade. Para os participantes os lugares existentes na paisagem silveirense têm identidade. Moldada ao longo do tempo no espaço geográfico a que eles pertencem, e são eles os mediadores da vida social. Porém se observou que os atrativos do mundo moderno, por terem a preferência das gerações conectadas, se sobrepõem aos sentimentos de apego pelos saberes e fazeres tradicionais desses lugares, promovendo um esvaziamento de pessoas da paisagem.

Pode-se inferir que os lugares de festas são pontos de encontro entre o rural e o urbano, o tradicional e o moderno, o sagrado e o profano. Também, aponta-se que muitas das impressões, elementos, símbolos tidos como indesejados pela juventude das comunidades se tornam atrativos mercantis, até mesmo o chacoalhar do carro na estrada de chão batido e a paisagem predominante rural com grandes extensões de lavouras, pastagens, açudes, dentre outros. Assim como, as ruralidades expressas pela simplicidade das pessoas que promovem o evento e pelo saber-fazer tácito, como: o de deixar a carne dependurada de um dia para o outro e o ponto do arroz para o risoto.

A ligação dos participantes com o lugar, tanto os que fazem parte dele, os que fizeram e retornam e dos que buscam consumir o modo de vida existente é de apego, porque a mente

aprende a estabelecer relações por meio das experiências sensoriais e sinestésicas no espaço vivenciado, tornando-o familiar. Até no experienciá-lo em eventos sazonais como as festas para os Santos Padroeiros. Por meio delas os locais buscam reviver o passado através das memórias individuais que complementam as coletivas e, os consumidores buscam a vida em comunidade, em um lugar em uma paisagem cultural.

As festas para os Santos Padroeiros são elementos do patrimônio cultural materializado em um lugar da paisagem de Silveira Martins, pelos imigrantes italianos juntamente com a Igreja Católica Apostólica Romana. Elas são entendidas como um fenômeno que contém os hábitos e costumes tradicionais e, também, as memórias coletivas e individuais compartilhadas entre os moradores locais e com os turistas religiosos e culturais. É uma das tradições dos imigrantes europeus, implementada no Brasil e que seus descendentes buscam manter e promover.

Quanto aos Santos Padroeiros cada comunidade elegeu o seu, mas tomando o cuidado e orientados pelo Pároco, da época, a não escolher o mesmo Santo. Algumas imagens vieram junto com os primeiros imigrantes, as demais foram compradas por meio de arrecadação coletiva entre os membros, mas todos os eleitos possuem uma história que envolve graças atendidas. No início as festas, revelam os longevos, eram realizadas nas datas destinadas aos Santos, não importava se fosse a dia de semana, não existia um calendário de celebrações da Paróquia, isso começou a partir do momento em que as mesmas foram monetizadas.

A mercantilização e o consumo das festas de Padroeiros ocorrem porque elas são elementos da cultura local que revelam referências identitárias da comunidade de descendentes dos imigrantes italianos. Os quais têm orgulho do edificado pelos seus antepassados e pelos seus hábitos culturais que envolvem a religiosidade, também se sentem parte do lugar e da paisagem. O evento é a forma encontrada para mostrar esse orgulho e de afirmar que são comunidades de fé, além de compartilhar e exibir a herança cultura local.

As relações simbólicas de existência são mediadas pelas normas religiosas, motivo que faz com que os membros migrantes regressem para ajudar nos preparativos e, para agradecer ao protetor da comunidade, mesmo sem saber o porquê. O envolvimento de todos no contexto de organizar as festas para os Santos Padroeiros prioriza em primeiro lugar a celebração religiosa, o louvor a Deus e a imagem do Santo Padroeiro, a Missa. Tanto que não se tem economia para adornar a imagem do Santo. A celebração religiosa é o momento do sagrado, por esse motivo todos os devotos se põem bem compostos e respeitam a hierarquia do interior do templo.

Percebeu-se que a maioria dos membros das comunidades que realizam a festa para Santo Padroeiros não são devotos do mesmo, somente os mais longevos, e são eles que revelaram a historicidade e o porquê da escolha da santidade, os demais seguem a tradição de preparar os festejos e de agradecer e louvar o santo somente no dia da festa, a devoção, da maioria é direcionada à Nossa Senhora da Saúde, padroeira da Linha quatro Norte. O mesmo ocorre com os consumidores da gastronomia do evento, ou seja, eles frequentam os lugares de festa para consumirem a comida e vivenciarem os hábitos culturais, mas a devoção, também, é destinada à Nossa Senhora da Saúde.

As comunidades fazem uso desses eventos para ressignificar a cultura, para expressar o modo de vida local e para lucrar com ambos, o lucro da festa é dividido entre a comunidade, a Paróquia e a Arquidiocese. Verificou-se que são pontos de encontro para compartilhar as memórias e reviver o sentimento de pertencimento àquele grupo. Nessa perspectiva as festas se tornam inteiramente familiares, com os bens materiais e imateriais que compõem a as mesmas. Outra questão observada é a divisão por gênero do trabalho, típica das famílias da agricultura familiar camponesa, por mais que eles afirmam que não existe, é perceptível em todas as etapas: antes, durante e depois da realização dos festejos, o Quadro 3 apresenta a divisão das tarefas.

Quadro 3 - Divisão do trabalho das festas para os Santos Padroeiros - Silveira Martins/RS

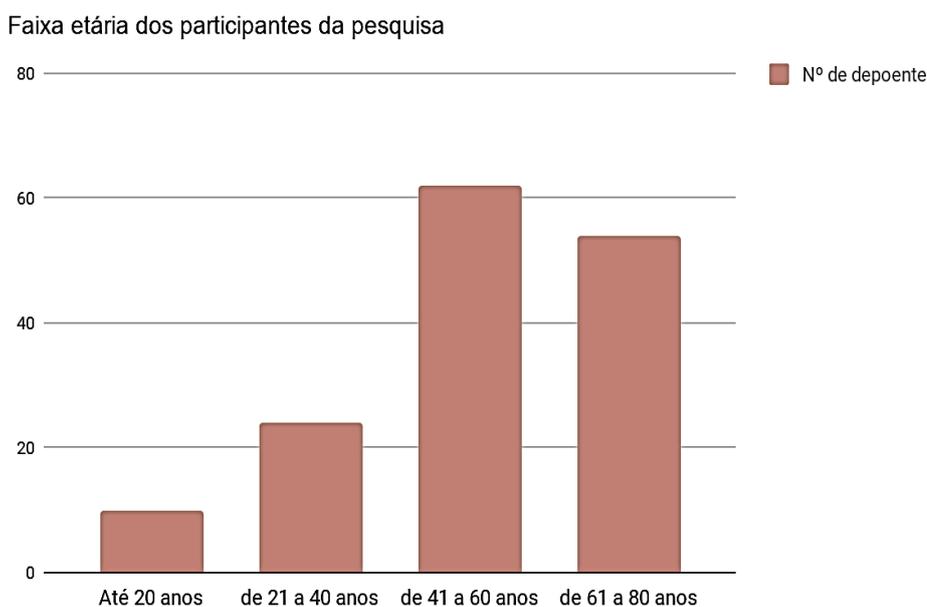
Divisão do trabalho das festas para os Santos Padroeiros - Silveira Martins/RS	
HOMEM	MULHER
Limpeza do terreno; Carneação; Churrasco; Mexer o tacho do risoto; Atender na copa das bebidas; Atender no caixa - vendas das fichas; Servir às mesas.	Limpeza da Capela/Igreja e do salão; Trabalho na cozinha; Responsável pelas saladas e o risoto; Limpeza das louças; Atender na tenda (venda de pães, cucas, bolos, bolachas, doces em geral); Servir às mesas.

Fonte - elaboração da autora, 2019.

Essa divisão por gênero que ocorre desde o início dos eventos é uma das poucas coisas que não mudou. Com a inserção das tecnologias no campo, as transformações se estenderam para os festejos, à época todos os pães, cucas, bolachas e doces vendidos nas tendas eram produzidos pelas mulheres das comunidades, às quais se reuniam no salão da capela para prepará-los, essa dinâmica foi observada somente em duas das festas, as demais compram de agroindústrias da região ou, cada família produziu em sua propriedade a parte que lhe cabia.

A falta de interação entre os membros mais jovens é o principal fator apontado pelos participantes para o risco de não promoção das festas no futuro. Observou-se que são os mais velhos que mantêm o evento, eles destacam que assim que não tiverem mais condições para trabalhar a festa deixará de ocorrer ou alguns processos serão terceirizados, isso é comprovado na análise da faixa etária dos depoentes, o gráfico da Figura 52 ilustra.

Figura 52 - Faixa etária dos depoentes da pesquisa

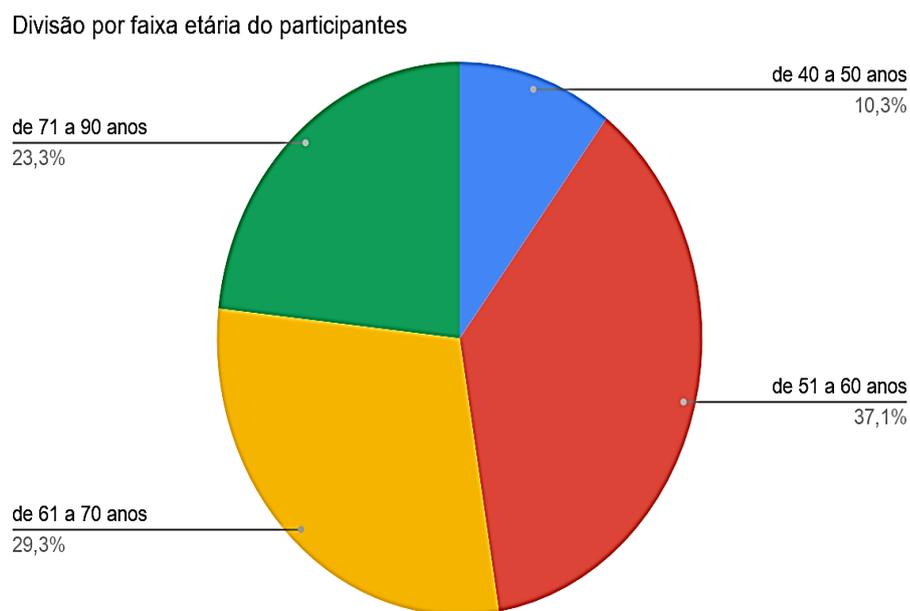


Org.: Autora, 2019.

O gráfico revela que as festas para os Santos Padroeiros são realizadas e consumidas por pessoas acima dos quarenta anos de idade, por aqueles que vivenciaram uma época não conectada aos espaços virtuais; com propriedades rurais repletas de pessoas e com mão de obra abundante para ajudar nos preparativos, assim como a não exigência de padronização pelos órgãos fiscalizadores sanitários. E, se focarmos apenas nas faixas etária mais expressiva do gráfico, percebemos que a festa está envelhecendo juntamente com a população

silveirense, com seus organizadores e com seus consumidores, como apresentado na Figura 53.

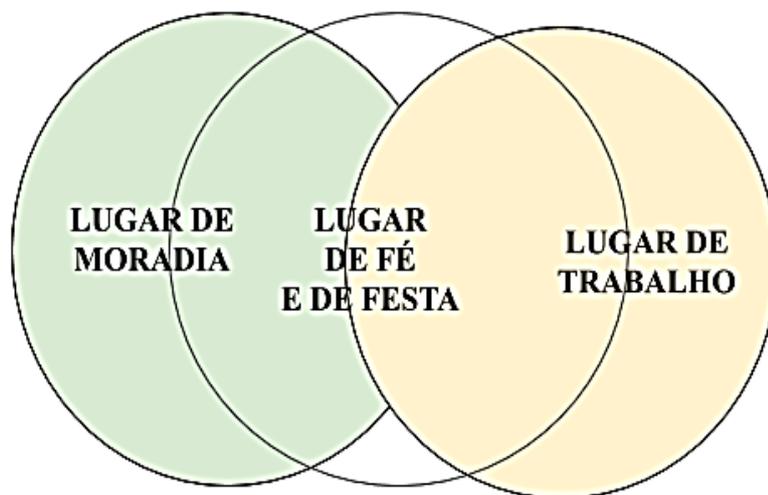
Figura 53 - Gráfica das faixas etárias mais expressivas da Figura 52



Org.: Autora, 2019.

Essa ilustração revela que o evento é mantido pelas gerações que nasceram antes do mundo conectado. As festas para eles era e é o espaço destinado a socializar, a compartilhar e de dar *likes* com os vizinhos e familiares. Por esse motivo elas são entendidas como símbolos culturais de valor religioso, de valor cultural e valor comercial. As dinâmicas envolvem as práticas de trabalho cotidianas, por meio delas que os organizadores levam o lugar de labuta diária para dentro do lugar de festa, o mesmo ocorre com os hábitos domésticos, que são replicados no lugar de festa, o que permite o entendimento que os três lugares são um só, se complementam como demonstra a ilustração da Figura 54.

Figura 54 - Entendimento do lugar de festa para os Santos Padroeiros de acordo com os participantes da pesquisa



Org.: Autora, 2019.

Por entender que todos os lugares estão conectados e, também, pelas memórias individuais e coletivas; pelas práticas educacionais tanto no ato devocional como nos ensinamentos dos saberes e fazeres tradicionais que a população de Silveira Martins se desloca na paisagem para viver uma maratona anual de festas religiosas e profanas, iniciada em janeiro na Linha Dois, na festa para Santa Inês e concluída em novembro na Linha Quatro na festa para Nossa Senhora da Saúde, compreende-se que a dinâmica das festas para os Santos Padroeiros reflete o cotidiano dos organizadores vivenciado na paisagem.

Além de seguir os ensinamentos passados de geração a geração, mas com a inserção de elementos da modernidade. Destaca-se que, na atualidade, os jovens estão se afastando do processo, mas que muitos possuem uma ligação de enraizamento com os lugares destinados a sua realização, porque o lugar de festa também representa o lugar de trabalho e de moradia, devido às práticas cotidianas serem reproduzidas na festa para os Santos Padroeiros.

Apesar dos saberes e fazeres herdados dos imigrantes italianos serem os principais atrativos para os consumidores da festa e não a fé, elas não são realizadas para a manutenção dos mesmos, mas sim para exercitar a vida em comunidade, para confraternizar, para trabalhar e para lucrar, pois o sucesso da festa é medido pelo número de almoços vendidos, os quais variam de 180 a 900 almoços, dependendo da festa. Já, para os visitantes não munícipes,

são eventos destinados a experiências em um modo de vida com identidade étnica e, tido como o simples.

A prestação de contas é realizada na semana posterior ao término da festa à Paróquia Santo Antônio de Pádua. O dinheiro arrecadado é destinado para a manutenção dos lugares de festa, para suprir a inadimplência dos dizimistas e para custear o próximo evento. Nesse contexto, observa-se que as festas para os Santos Padroeiros de Silveira Martins são eventos importantes tanto para a comunidade de fiéis, mas também para toda a sociedade, pois eles atraem consumidores do turismo religioso e cultural.

A historicidade de Silveira Martins está pautada na cultura italiana e no catolicismo. Por esse motivo o município possui um intenso calendário de festas para os Santos Padroeiros de suas comunidades. Elas fazem parte do conjunto de elementos paisagísticos que revelam a formação e as transformações ocorridas no ambiente que moldava a paisagem, composta por lugares com dinâmicas diferentes que se correlacionam nos lugares de festas e socialização, eventos com formato e funções diferentes para cada grupo de frequentadores, dependendo dos objetivos de cada um.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Joseani M. **Sucessão trigo soja produz mais grãos**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/16301931/sucessao-trigo-soja-produz-mais-graos>. Acessado em: 12 de nov. 2019.
- ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. Comunidade e sociedade: conceito e utopia. In: **Raízes**, Ano XVIII, Nº 20, novembro/ 99p. 50 - 53.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda; RATTIS, Alecsandro JP. (Orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.
- ARAGÃO, Ivan Rêgo. Turismo Cultural -Religioso, Festa Católica e Patrimônio em São Cristóvão -Sergipe -Brasil. In: **PASOS**. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural, 12(1). 2014, p.153.
- BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico de 2010**. Disponível em: www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 janeiro 2019.
- BARICHELLO, Cesar Augusto. Patrimônio Cultural Religioso e Negociação da Identidade do Imigrante da Colônia Imperial de Silveira Martins e Região Central do Rio Grande do Sul. In: **Dissertação**. (Dissertação de Mestrado) Apresentada ao Curso de Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/RS, 2010.
- BARROS, Edir Pino de. Educação e Interculturalidade. In: **Terra como princípio educativo**. SOUZA, Hellena Cristina de; MONZILAR, Eliane Boroponepá; STIELER-CARGIN, Marinez. Organizadoras. Tambará da Serra: Gráfica e Editora Sanches LTDA, 2016.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 29-42.
- BERTRAND, G.; BERTRAND, C. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Maringá: Massoni, 2007.
- BESSE, Jean- Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Tradução: Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BOMFIM, Natanael Reis. **A Representação Social Como Teoria e Método**. In: **As representações na geografia**. Org.: Natanael Reis Bomfim, Lurdes Bertol Rocha, organizadores. – Ilhéus, BA: Editus, 2012.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIN, A. **A Questão Local**. Rio de Janeiro, DP & A Editora, 2001.

CARMO, Renato Miguel do. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. In: **Sociologias**, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 252-280, Porto Alegre, 2009.

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2012.

CERETTA, Caroline Ciliane. As representações sociais nas festas de Padroeiros da Quarta Colonia/RS. In: **TESE**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria, 2017.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural: o Estado da Arte**. In: ROSENDAHL, Z; CORREA, R.L. (Orgs.). **Manifestos da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CONTI, José Bueno. Geografia e Paisagem. In: **Ciência e Natura**, Santa Maria, v. 36 Ed. Especial, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. Análise crítica dos textos geográficos: breves notas. In: **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, n.14, p.7-18, 2º. Semestre de 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado. In: **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 4, N.1, p. 37-46, 2014.

COELHO, Marcelo. Isto é um cachimbo. In: MAMMÌ, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **8 X fotografia: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CHIAMULERA, Márcia. Identidade em performance: um estudo etnográfico sobre as festas de capela no “berço” da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS. In: **DISSERTAÇÃO**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria- UFSM. 2010.

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. Festas culturais: Tradição, Comida e Celebração. In: **ANAIS - I Encontro Baiano de Cultura – I EBECULT – FACOM/UFBA**. Salvador – Ba, em 11 de dezembro de 2008.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIAS, Reinaldo. O turismo religioso como segmento do mercado turístico. In: Dias, R; Silveira, E. J. S. da. (Orgs). Turismo Religioso: ensaios e reflexões. Capinas: Alínea, 2003.

DE DAVID, Cesar. A geografia agrária e as paisagens rurais. In: MARAFON, Gláucio José; CHELOTI, Marcelo Cervo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. (Orgs.). **Temas em Geografia Rural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

DALL'AGNOL, Amélio; MOREIRA, Pedro. O campo está passando por uma segunda revolução agrônômica: a integração da lavoura com a pecuária (ILP), onde ambas atividades convivem ocupando as mesmas terras. In: **BLOG DA' EMBRAPA SOJA**. Disponível em: <https://blogs.canalrural.com.br/embrapasoja/2018/12/04/soja-milho-e-pasto-no-mesmo-espaco-e-ano/>. Acessado em: 10 de outubro de 2019.

DURÁN, Francisco E. “Viejas y nuevas imágenes sociales de ruralidad”. In: **Estudios Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro: UFRRJ/CPDA, n. 11, p. 76-98, out. 1998.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. Tradução: Sandra Castello Branco. Revisão técnica: Cezar Mortori. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FERNANDES, Sibeli; SALAMONI, Giancarla. Agricultura Familiar Camponesa, Abordagem sistêmica, Estratégias de reprodução. In: **Sociedade e Território**, v. 27, n. 2, 2015. (Edição Especial).

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia cultural: Estrutura e Primado das Representações, In: **Espaço e Cultura**, nº 19-20, (Jan.-Dez.). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2005.

GUIMARÃES, Gisele Martins, PINHEIRO, Rogério Oliveira. Patrimônio cultural e produção artesanal de alimentos: o saber fazer em sistemas de produção da Quarta Colônia. In: **Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro**. DE DAVID, Cesar & VARGAS, Daiane Loreto de. (Orgs.). São Leopoldo: Oikos, 2018.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Paisagens e ciganos: uma reflexão sobre paisagens de medo, topofilia e topofobia. In: ALMEIDA, Maria Geralda; RATTTS, Alecsandro JP. (Orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIRON, Loraine Slomp; HÉREDIA, Vania Beatriz Merlotti. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007.

GORÉ, Olivier. Fest-Noz Et << Fête Traditionnelle>> deux Manières de Faire la Fête En Bretagne. In: Laurent Sébastien Fournier; Dominique Crozat; Catherine Bernié-Boissard; Claude Chastagner.(Orgs.). **La Fête au present: mutations des fêtes au sein des loisirs**. Paris: Éditions L'Harmattan, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html. Acessado em: 12 de novembro de 2019.

JOSÉ FILHO, M. Pesquisa: contornos no processo educativo. In: JOSÉ FILHO, M; DALBÉRIO, O. **Desafio da pesquisa**. Franca: Unesp – FHDSS, 2006.

KOZENEESKI, Éverton de Moraes. Considerações sobre a modernização da agricultura. In: **Dinâmica do espaço agrário: velhos e novos territórios: NEAG 10 anos / Rosa Maria Vieira Medeiros, Michele Lindner, organizadoras.** – Porto Alegre: Evangraf, 2017.

KRONE, Evandre Eloí; MENASCHE, Renata. Südoctoberfest: patrimônio alimentar e construção da pomeraneidade no extremo Sul do Brasil. In: **Saberes e sabores da colônia: alimento e cultura como abordagens para o estudo do rural**. Org.: Renata Menasche. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3 edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LEMOS, Carolina Teles. A (re)construção do conceito de comunidade como um desafio à sociologia da religião. In: **Estudos de Religião**, v. 23, n. 36, 201-216, jan./jun. 2009.

LENZ, Ana Carla; CANCELIER, Janete Webler; DE DAVID, Cesar. Colonização alemã e a Escola do Campo: Um olhar a partir da Escola Padre José de Anchieta - Linha Tremônia - Cerro Largo/RS. In: **Território em Movimento**. Orgs. Folmer, Ivanio & Meurer, Ane Carine. São Leopoldo: Oikos, 2019.

LOMBARDO, Magda Adelaide; CASELLAS, Luana Lacaze. Turismo Ambiental: o

caso de Bombinhas (SC). In: **RODRIGUES**, Adyr Balastrieri (org). Turismo e Ambiente: reflexões e propostas. 2ª Ed. São Paulo: Huctec, 1997

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAIA, Doralice Sátyro. A vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades. In: ALMEIDA, Maria Geralda; RATTS, Alecsandro JP. (Orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

MACIEL, Ana Beatriz Câmara; LIMA, Zuleide Maria Carvalho. **O conceito de paisagem: diversidade de olhares. Sociedade e Território**. v. 23, n. 2, p. 159-177, 2011.

MACIEL, A. B. C.; MARINHO, F. D. P. O estudo da paisagem e o ensino da geografia: breves reflexões para docentes do ensino fundamental II. In: **Revista Geosaberes**, Fortaleza, v. 2, n. 4, pp. 55-60, ago./dez., 2011.

MARENZI, R. C. Estudo da Valoração da Paisagem e Preferências Paisagísticas no Município da Penha - SC. Curitiba, 1996. In: **Dissertação** (Mestrado em Engenharia Florestal) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná.

MARENZI, Rosimeri. C; GUERRA, Antônio Fernando S. Análise percepção da paisagem: uma atividade de educação ambiental. In: **Revista Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro: UNESP – Instituto de Biociências, Volume 9, número 16, 2001.

MARQUES, Luana Moreira; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escolar. In: **Ateliê Geográfico – Goiânia – GO**, v.9, n.3, p.7-26, dez/2015.

MANFIO, Vanessa; BENADUCE, Gilda Maria Cabral. Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS: Uma abordagem sobre a cultura e identidade. In: **GEOSUL**, Florianópolis, v. 32, n.65, p. 260-273, set./dez. 2017.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural. In: **Dinâmica do espaço agrário: velhos e novos territórios: NEAG 10 anos / Rosa Maria Vieira Medeiros, Michele Lindner, organizadoras**. – Porto Alegre: Evangraf, 2017.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira Medeiros; MEDEIROS, Raphael Vieira; LIDNER, Michele. Vinho e território: um caminho indenitário comum. In: MARAFON, Gláucio José; CHELOTI, Marcelo Cervo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. (Orgs.). **Temas em Geografia Rural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

MELO, Aparecida Vieira de; ALMEIDA, Ricardo Santos de; BORBA, Sara Ingrid. A Educação do Campo na direção da educação popular: o caminho se faz ao caminhar. In:

Ivanio Folmer e Ane Carine (Orgs.). **Territórios em Movimento**. São Leopoldo: Oikos, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

NORTON, W. **Cultura geography: themes, concepts, analyses**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

NETO, Breno da Conceição; LUDKA, Vanessa Maria. Paisagem religiosa: uma análise da gruta do monge João Maria em Ventania-PR. In: **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, Vol. 3, Nº2, p. 331 - 343, 2017.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Festas religiosas, santuários naturais e vetores de lugares simbólicos. In: **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 8, p. 93-106, ago./dez. 2011.

OLIVEIRA, A. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. 3. ed. Ver e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

PATRÍCIO, Maria Tereza et al. **Avaliação do desenho da investigação aplicada no ensino superior politécnico**. In: Sociologia, Problemas e Práticas n.86, 2018.

PAZUCH, Giovane. **Imigração Italiana na Colônia de Silveira Martins - RS: deslocamentos, redes familiares e relações de poder (1877-1922)**. In: Anais. 30º Simpósio Nacional de História -Recife, 2019.

PERAZZO FILHO, Braulto. O conhecimento tácito e a aprendizagem baseada em problemas do Curso de Medicina da UESB: aproximações e reflexões. In: **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal da Bahia Faculdade de Educação, 2009.

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PIDNER, Flora Sousa. **GEO-FOTO-GRAFIA DAS PAISAGENS: Narrativas espaciais nas imagens de Sebastião Salgado**. In: **TESE**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia – FBA, 2017.

POSENATO, Júlio. **Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

ROSENDAHL, Zeny. **Porto das Caixas: espaço sagrado da Baixada Fluminense** (tese). Universidade de São Paulo, 1994.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

_____. **Uma procissão na Geografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

ROVANI, Franciele Francisca Marmentini; VIEIRA, Márcio. Potencial Social do município de Silveira Martins, RS: Contribuição ao Zoneamento Ecológico-Econômico. IN: **Caminhos de Geografia**: Uberlândia, v. 17, n. 58 Jun/2016.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins (RS)**. Porto Alegre: EST, 2003.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. 4.ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SAUER, Carl O. **Geografia cultural. Espaço e cultura**. v. 3 p. 1-7, 1997.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Site Disponível em: <<https://sebraers.com.br/>>. Acesso em: 12 de setembro de 2019.

SILVEIRA MARTINS. Lei Municipal Nº1380/2015. Instituto do Plano Municipal de Educação e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/monitoramentopne/planos-municipais-de-educacao-rs/s/silveira-martins>> . Acessado em: 09 de março de 2019.

SCHIRMER, Gerson Jonas Schirmer; ROBAINA, Luís Eduardo de Souza Robaina; TRENTIN, Romário. Unidades geomorfológicas em municípios da Quarta Colônia do Rio Grande do Sul. In: **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 17, n. 2, Maio./Ago. 2013.

SCHNEIDER, Sergio. **A Presença e as potencialidades da agricultura familiar na América Latina e no Caribe**. In: *Redes* (St. Cruz Sul, Online), v. 21, nº 3, p. 11 - 33, set./dez. 2016.

TEIXEIRA, José Paulo. Paisagens e territórios religiosos Afro-brasileiros no espaço urbano: terreiros de candomblé em Goiânia. In: **DISSERTAÇÃO**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás –UFG, 2009.

TEDESCO, João Carlos. Artesanato, territorialidade étnica e agricultura familiar: dinâmicas socioculturais e mercantis no meio rural. In: **Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro**. DE DAVI, Cesar; VARGAS, Daiane Loreto de. (Orgs.). São Leopoldo: Oikos, 2018.

TELÓ, Fabricio; DE DAVID, Cesar. O rural depois do êxodo: as implicações do despovoamento dos campos no distrito de Arroio do Só, município de Santa Maria/RS, Brasil. In: **Mundo Agrário**, vol. 13, nº 25, 2012.

TOFFOLI, Gervásio. **Fazendo Festas: as festas religiosas comunitárias no litoral do estado do Rio Grande do Sul**. In: Debates do NER, Porto Alegre, ano 5, n. 5, p. 77- 104, jun/2004.

TUAN, Yi -Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VERDUM, Roberto; VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos; PIMENTEL, Mauricio Ragagnin. **As múltiplas abordagens para o estudo da paisagem**. In: Espaço Aberto, PPGG – UFRJ, v.6, n.1, p. 131-150, 2016.

VERDRUSCOLO, Rafaela. “Somos da Quarta Colônia”: os sentidos de uma identidade territorial em construção. In: **Dissertação** (Dissertação de mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 209. 2009.

WILLE, Danielle Neugebauer, MENASCHE, Renato. O rural nas prateleiras do supermercado. In: Saberes e sabores da colônia: alimento e cultura como abordagens para o estudo do rural. Org.: Renata Menasche. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução. Daniel Grassi. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO ORIENTADOR DAS ENTREVISTAS

Entrevistado n°: _____ Data: _____

Localidade:

Festa de Padroeiro:

Ocupação:

Idade: Estado Civil:

Já morou/mora na Localidade? Quanto tempo?

Religião:

Descendência:

Função atual na festa:

Parte 1 – Referente à festa para o Padroeiro:

Para você o que significa a festa para o Padroeiro _____, é devoto? A quanto tempo você participa da festa? Na atualidade como você percebe a festa? Ocorreu mudanças ao longo do tempo, quais? Qual a importância da festa para a comunidade? Você acredita que a festa para o padroeiro vai continuar existindo no futuro, por quê? Quais são os elementos encontrados nas festas que identificam a comunidade?

Parte 2 – Referente ao lugar de festa:

Você faz parte deste lugar? A quanto tempo você frequenta este lugar, por quê? O que esse lugar (sagrado/profano) significa para você? Acredita que o lugar contribui para o sucesso da festa? Quais são as características deste lugar que identificam a fé católica e a cultura local? Você acredita que este lugar continuará existindo, a ter fiéis e a ter participantes?

Parte 3 –Referente à paisagem

Pode-se dizer que a paisagem contribui para o sucesso da festa, por quê? A paisagem te remete a algo específico? Você acha que os moradores locais fazem parte da paisagem, por quê? Quais são os elementos da paisagem que mais chamam a atenção? Por quanto tempo você acredita que esse espaço vai ter essa paisagem?

APÊNDICE B - QUADRO REPRESENTATIVO DOS PARTICIPANTES CITADOS NA DISSERTAÇÃO

Interlocutor e sua inicial fictícia	Atividade profissional	Função na festa	Idade
A	Agricultora	Coordenadora da capela e ajudante na cozinha	71
B	Agricultor	Ajudante	88
C	Agricultor	Ajudante	63
D	Agricultora. Empresária Agroindústria	Ajudante, comerciante	72
E	Produtor rural	Ajudante	68
F	Produtor rural	Ajudante	57
G	Comerciário em Santa Maria		
H	Agricultora	Ajudante	64
I	Agricultor	Coordenador	57
J	Produtor rural	Ajudante	67
L	Aposentada	Colaboradora	75
M	Produtor rural	Ajudante	57
N	Trabalhador rural	Ajudante	73
O	Do Lar	Ministra	62
P	Serviços Gerais	Consumidor	48
Q	Trabalhador rural	Ajudante	58
R	Empresário	Consumidor	66
S	Empreendedor	Consumidor	54
T	Construção civil	Ajudante	27
U	Secretária	Ajudante	38
V	Agricultor	Ajudante	63

X	Agricultor	Consumidor	59
Z	Trabalhadora rural	Ajudante	36
W	Agricultora	Coordenadora Capela	69
Y	Agricultor	Churrasqueiro	71
PA	Empresário	Consumidor	74
EX	Vendedor	Vendedor-consumidor	45